

Semana

REVISTA DA

Nº 49 — 7 Dez. 57 — Cr\$ 10.00



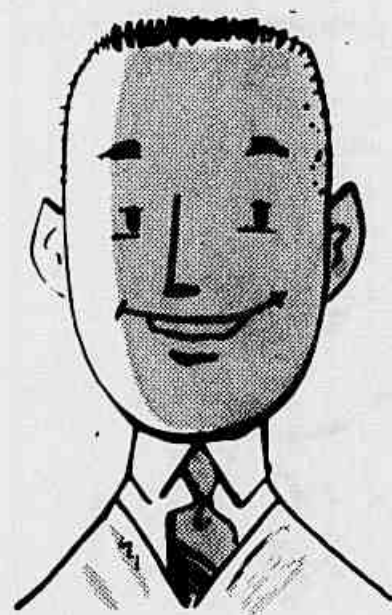
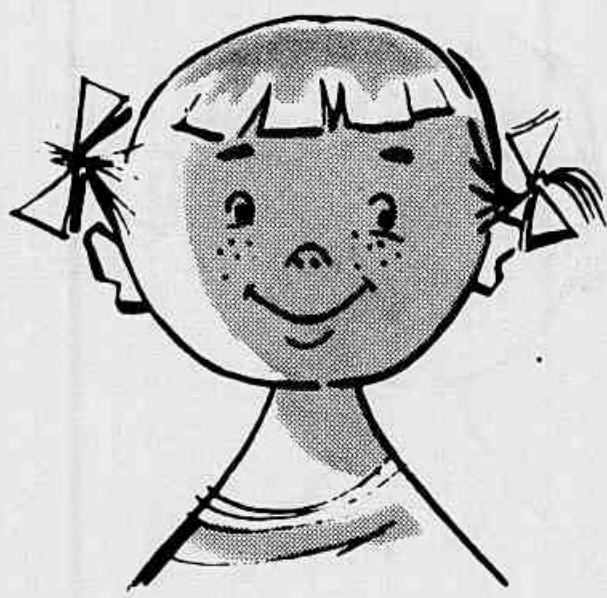
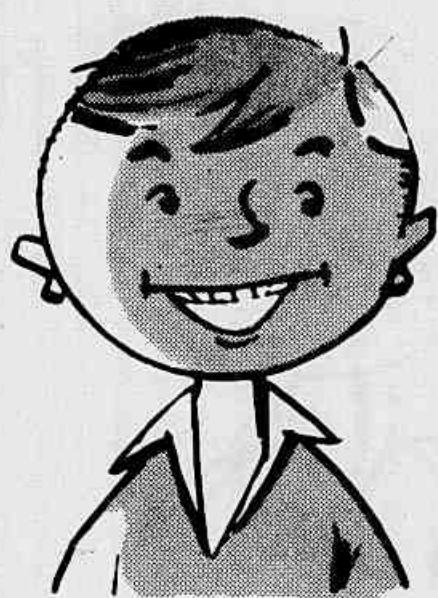
ISTO É O "CRAWL"

O QUE
NIXON
SIGNIFICA
PARA O
OCIDENTE

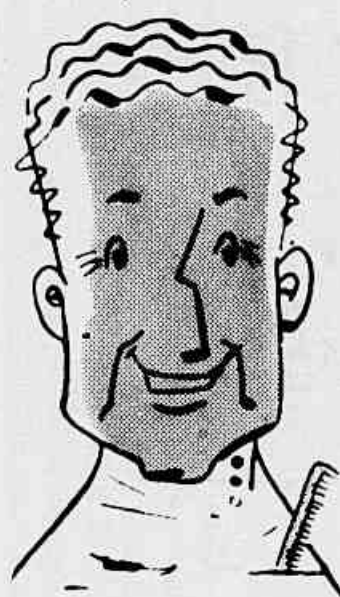
NADADOR
BRASILEIRO
ATRAVESSA
O CANAL
D MANCHA



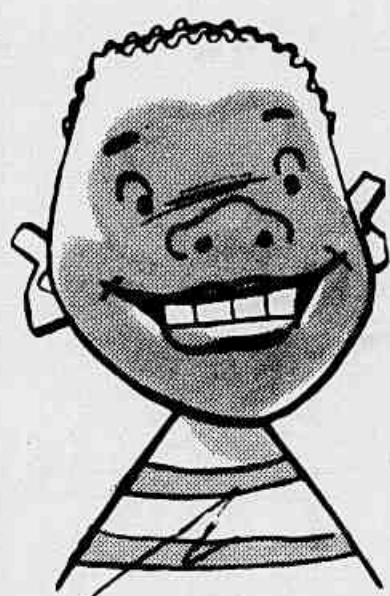
**A POSIÇÃO DA IGREJA
NA CONQUISTA DO ESPAÇO**



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

Para quem quer e pode ter mais

Brastemp **Imperador 57**

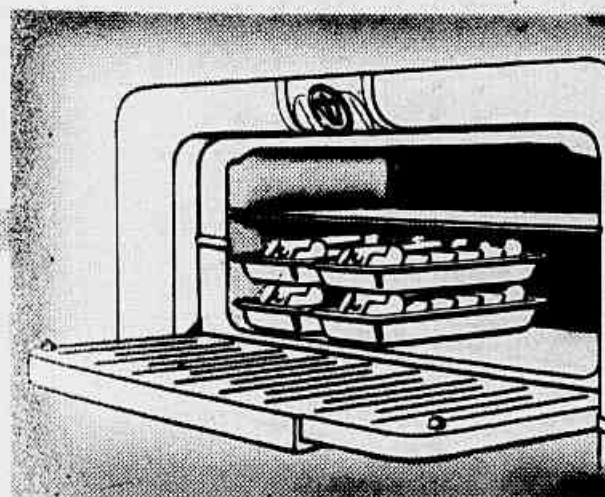
é o que satisfaz plenamente

em razão de:

- Ampliar enormemente, com os seus 10,5 pés cúbicos, todas as utilidades BRASTEMP, superando largamente o máximo em capacidade oferecido por qualquer outro refrigerador desta categoria.
- Corresponder, dessa forma e graças ao "ESPAÇO INTEGRAL" BRASTEMP, ao alto padrão de conforto característico das residências de luxo, assim como às exigências das famílias numerosas.
- Consagrar, mais uma vez eficiência e o fino acabamento BRASTEMP.

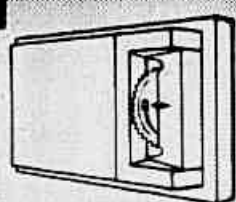
10,5 PÉS
(300 LITROS)

HÁ UM **BRASTEMP** PARA CADA CONVENIÊNCIA



CONGELADOR
HORIZONTAL com 4
gavetas para cubos de gelo.

ULTRA MODERNO CONTRÔLE
TERMOSTÁTICO de fácil
manejo, conjugado com
LUZ INTERNA embutida.



Brastemp

O QUE HÁ DE MELHOR

Por que satisfazer-se com menos, quando pode ter mais? O BRASTEMP - IMPERADOR - expoente absoluto em refrigeração doméstica — é a solução exata para as famílias que precisam de maior espaço para maior conforto!

AMPLA RÊDE DE CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

Diretor — **ALUIZIO ALVES**Redator Chefe — **LUIZ LOBO**Assistentes — **ORLANDO CARAMURU**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTOGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES** — Política — Murilo Melo Filho. **Internacional** — Stefan Baciú. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Parahiba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio & Tv** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Ignês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luís de Azevedo. **CHEFE DE OFICINAS** — Manoel Alves de Mesquita. **CHEFE DE PUBLICIDADE** — J. M. Costa Júnior. **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio. **Endereço Telegráfico: REVISTA** — Telefones: Direção — 22-4447, Redação — 22-9570 — Publicidade — 22-2550 — Portaria — 22-5602 — Assinatura (anual) — Cr\$ 500.00 — Via aérea, com acréscimo de porte. — Assinatura para o Exterior, Cr\$ 900.00 — Número avulso, Cr\$ 10.00 — Via aérea, com acréscimo de porte.

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

LEIA:

NACIONAL

7 — 1958: Ano difícil para Juscelino

9 — Balança entre três nomes o coração de Jânio

10 — Colégio Brasília

GENTE

11 — Ditadura latino-americana inspira filme francês

14 — A filha de Farouk vai para um harém

INTERNACIONAL

16 — Vai haver eleições na Venezuela: Jimenez já ganhou

18 — Krushev teve de cheirar as 100 flores de Mao

CINEMA

20 — Tereza Raquin

61 — Mangano e Perkins lançam uma nova dança

TESTES

19 — Palavras Cruzadas

22 — Quem é você?

ESPECIAL

23 — Moças jogam «peladas nas praias de Fortaleza»

57 — JK talvez seja candidato à presidência dos Estados Unidos

MERCADINHO

26 — O feijão, esse desconhecido

IMPRENSA

27 — Prestes com boa cobertura

POLICIA

38 — Pista no crime do engenheiro: um moço louro que usa baton

39 — O caso do Tenente Fernando agora é de polícia

FEMININO

34 — A moda brasileira vai à Europa

CIENCIA

42 — O americano está comprando silêncio

HUMOR

43 — A verdade sobre Pyecraft — H. G. Wells

50 — Mr. Abernathy

NO ESPAÇO

46 — A posição da Igreja na conquista do espaço

LITERATURA

51 — O Vagabundo e o Menino — novela de Leo Vic'or

56 — Livros

ESPORTE

54 — Nadador brasileiro atravessa o Canal da Mancha

TEATRO

58 — O TBC joga «Dama de Copas» contra o público

ESPIONAGEM

59 — O maior espião soviético

OPINIAO

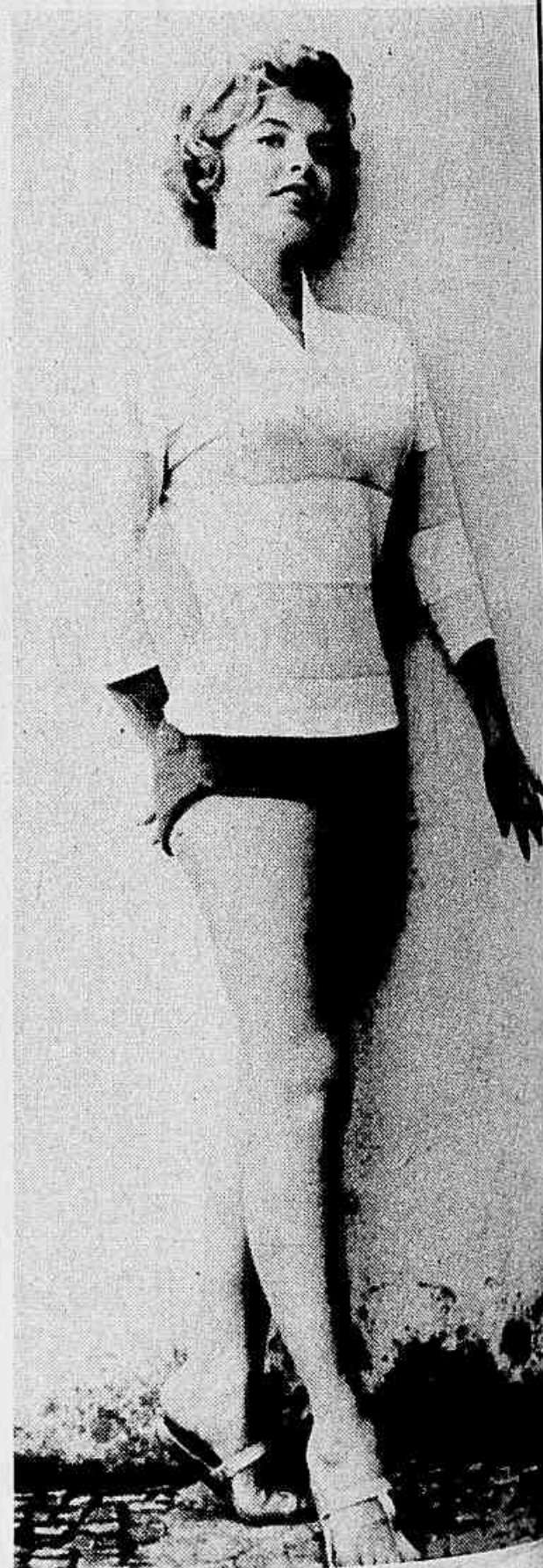
65 — Tópicos

66 — Faça-se o Sacrifício — Aluizio Alves

EXTRA

30 — O que Nixon significa para o Ocidente

36 — Fluminense x Vasco





CONTATO



A CONTECEU pois, que quando o Senhor quis arrebatá-lo Elias ao céu por um remoinho vinham Elias e Eliseu de Galgala.

2. E Elias disse a Eliseu: Fica aqui, porque o Senhor me mandou a Bethel. Eliseu lhe respondeu: Viva o Senhor, e viva a tua alma, que eu não te deixarei. E indo para Bethel,

3. Saíram os filhos dos profetas que estavam em Bethel, a receber a Eliseu e disseram-lhe: Acaso sabes tu que o Senhor te há de levar hoje teu amo? Ele respondeu: Viva o Senhor, e viva a tua alma, que eu te não hei de deixar. E tendo chegado a Jericó,

5. Vieram os filhos dos profetas, que estavam em Jericó, ter com Eliseu e disseram-lhe: Acaso sabes tu que o Senhor te há de tirar hoje teu amo? E ele disse: Eu também o sei; calai-vos.

6. Disse-lhe pois Elias: Fica aqui, porque o Senhor me mandou até o Jordão. E ele respondeu: Viva o Senhor, e viva tua alma, que eu te não hei de deixar. Foram pois ambos juntos.

7. E cinquenta dos filhos dos profetas os seguiram, os quais também pararam diante deles, de longe. E eles ambos se puseram à borda do Jordão.

8. E tomou Elias a sua capa, e desdobrou-a, e feriu as águas, as quais se dividiram para duas bandas, e passaram ambos a pé enxuto.

9. E tendo passado, disse Elias a Eliseu: Pede-me o que queres que eu te alcance antes que eu seja arrebatado de ti. e Eliseu respondeu: Peço que seja dobrado em mim o teu espírito.

10. Elias respondeu: Dificultosa coisa pediste; todavia se tu me vires, quando me arrebatarem de ti, terás o que pediste; mas se não me vires, não o terás.

11. E continuando o seu caminho, e caminhando a conversar entre si, eis que um carro de fogo, e uns cavalos de fogo os separaram um do outro; e Elias subiu ao céu por meio de um remoinho.

x x x

Quando o primeiro foguete sair em direção à Lua levando



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

Leve XAMBU
DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use **BEL-HORMON** nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use **BEL-HORMON** nº 2. **BEL-HORMON**, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino M. Nogueira Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de **BEL-HORMON** Nº

NOME

RUA Nº

CIDADE

ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00

Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50

Por Vale Postal Cr\$ 125,50

APRENDA A DANÇAR



Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero — Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango — Mambo — Baião — Choro — Valsa — Fox — em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro *Como Aprender a Dançar*, já em 8ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 110,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

um passageiro, é muito provável que minutos antes um padre tenha dado a sua bênção ao viajante e ao foguete. É possível que na bênção o padre invoque o nome do profeta Elias, o primeiro homem a deixar a Terra por meios artificiais.

O cônego Jorge O'Grady de Paiva — que a partir deste número é o nosso editor especializado em assuntos astronômicos, encarregado das matérias que saem sob o título **No Espaço** — preparou uma reportagem, respondendo a uma série de perguntas relativas às últimas conquistas do homem no espaço. Membro da Sociedade Interplanetária do Rio de Janeiro, o cônego O'Grady pode responder também à pergunta: Qual a posição da Igreja diante dessas conquistas?

QUANDO o Channel Swimming Association se reunir, é bem provável que um paulista entre para a história do Canal da Mancha. A tentativa de Abílio Couto deve ser homologada como "tendo completado o percurso, embora sem cumprir as exigências técnicas necessárias, não por culpa sua".

Extra-oficialmente, Abílio já é considerado um vencedor do Canal. Sabendo das condições em que completou a travessia, os ingleses ofereceram a ele o casaco de lã com o escudo da Butlin bordado a ouro e prata, casaco que só os vencedores podem usar. Além disso, o gerente do Hotel Butlin fez questão de abrir o champanhe reservado para os grandes campeões — que Abílio bebeu.

95 - 54 - 95, 1 metro e 68, 58 quilos, loura de olhos verdes e com 16 anos, Niúra Kemm é a nova Rainha da Primavera. Carioca da rua Barão de Petrópolis seu pai era alemão e sua mãe é austríaca. É a terceira rainha que o Colégio Anglo-Americano faz nos Jogos (1955 — Daisy de Aquino Correia; 1956 — Maria de Lourdes Monteiro).

Gosta de falar alemão, de rosas amarelas, de usar coisas exclusivas, de passear de lancha e andar de esqui aquático; de um leão de pelúcia e de ver seu retrato nos jornais. Quer aprender a mergulhar sem a mão no nariz e espera um dia morar num satélite artificial. Espera casar cedo.

Não gosta, especialmente, de seu primeiro nome, que é Hildegarde. Nem que chamem de Hilde.

PARA seu filme "Terra Cruel" ("This Bitter Earth"), o diretor René Clément precisava de uma dança viva como o "rock'n'roll", mas ao mesmo tempo fresca e gostosa, sem exageros acrobáticos e histéricos. O "inventor" escolhido foi Ray Dodge, coreógrafo de cinema, televisão e teatro musical, responsável pelos números de dança de grandes sucessos da Broadway, como "The Pajama Game" e "Damn Yankees". Dodge criou algo parecido como o "rock", porém mais adaptado ao ambiente do filme (Passado na Indochina). Com as observações que fizeram na Tailândia, durante a filmagem das cenas exteriores, Silvana Mangano e Anthony Perkins puderam sugerir algumas variações e o coreógrafo encaixou-as em sua concepção.

O "crawl" foi dançado pela primeira vez nos estúdios da Cinecittà, em Roma, ao ritmo de "To be or not to be", executado por Tony Luther. "O "crawl" está entre o "be-bop", o "rock'n'roll" e a macumba", — diz Mr. Dodge. "É um ritmo moderno aparentado com certas danças religiosas. Não são necessárias as acrobacias do "rock" ou a matemática fria ("coolness") do "be-bop". Só é preciso sentir de coração o ritmo".

As nove posições fundamentais da nova dança estão aqui em pré-estrela.

LEIA "O FEIJÃO, ESSE DESCONHECIDO"

BALANÇA ENTRE TRÊS NOMES O CORAÇÃO DE JÂNIO

QUATRO CANDIDATOS
À CADEIRA DE ULISSES

«ACÓRDO DE CAVALHEIROS»
DÁ ORÇAMENTO EM TEMPO

1958: UM ANO DIFÍCIL PARA JUSCELINO

AMIGOS E ADVERSARIOS do Presidente da República são unânimes em considerar que 1958 será um ano difícil para o Sr. Juscelino Kubitschek.

Todos de acôrdo com isso, seus amigos acham que: 1) — ele venceu as (grandes) dificuldades pré-eleitorais e eleitorais; 2) — venceu as (também grandes) dificuldades de 1957; 3) — vencerá também (por maiores que sejam) as de 1958.

Mas seus adversários acham que: 1) — ele tem vencido dificuldades até agora com o apoio de forças que estão minguando ou vão deixar de apoiá-lo (principalmente a massa getulista); 2) — as dificuldades de 1958 serão muito maiores, inclusive pelo acúmulo das anteriores, que só pôde enfrentar com paliativos e muitas das quais vão ressurgir em escala muito maior; 3) — o agravamento das dificuldades políticas, econômicas, financeiras e sociais poderá ser, no próximo ano, de tais proporções que elas já não poderão ser enfrentadas com paliativos — e ele não terá forças para adotar soluções radicais.

As circunstâncias que determinaram a formação da equipe administrativa, as eleições governamentais em vários Estados, a renovação total da Câmara e parcial do Senado, com o choque inevitável de facções, a situação econômico-financeira do país e dos Estados, a luta no plano parlamentar, em torno dos projetos do rádio e da emissão de letras do Tesouro, a crise militar reaberta na Aeronáutica são fatores a exigir do Sr. Kubitschek tato excepcional para não comprometer, talvez irremediavelmente, seu Governo.

Nos Estados, a luta eleitoral começa a promover divisões profundas. O caso de Alagoas ainda vai ter conseqüências. O Supremo entregou o julgamento do governador Muniz Falcão a um conselho misto de desembargadores e deputados, escolhidos por sorte. Condenarão o Governador e este, com seus correligionários, aceitarão resignados o "veredictum"? Absolverão o Governador e as

oposições aceitarão, resignadas, a absolvição e a volta dele ao Governo?

No Paraná, há uma trégua provisória entre colonos e Governo, à espera das conclusões da comissão parlamentar de inquérito: ninguém pode ter ilusões quanto ao desenvolvimento de uma situação em que se confundem a companhia que disputa as terras e o Governador.

REFORMA NO MINISTÉRIO

O GOVERNO JK passará por uma reforma até junho de 1958. Os Srs. Alkimim (Fazenda) e Eurico Sales (Justiça) deverão ser candidatos a deputados federais no pleito de outubro e a Constituição fixa o prazo de desincompatibilização em três meses.

O Sr. Parsifal Barroso (Trabalho), Senador ainda por quatro anos, se quiser disputar o Governo do Ceará, fazendo a política do PSD contra a UDN, terá que deixar o Ministério em março, pois, para governo estadual, o prazo de desincompatibilização é de seis meses. Mas os círculos políticos cearenses consideram essa hipótese remota, e acreditam que o Sr. Parsifal continuará no Ministério.

O Sr. Alkimim provavelmente ocupará a liderança da Maioria, na vaga do Sr. Vieira de Melo, que pretende disputar o Governo da Bahia. E, na liderança, preparar-se-á para disputar o Governo de Minas, se conseguir afastar duas pedras do caminho: os Srs. Paulo Pinheiro Chagas, secretário de Segurança do Governo Bias Fortes, e Tancredo Neves, diretor do Banco do Brasil. O primeiro conta com a simpatia do PR para uma aliança. O segundo com aliança (certa) do PTB.

Consideram os assessores do Presidente da República que, logo em junho, deverá ele promover a reforma geral do Ministério, fugindo, tanto quanto possível, a imposições de ordem partidária, para fazer um Ministério dinâmico e técnico. Pessoas da intimidade do Presidente aconselham essa modificação geral só depois dos resultados da eleição de outubro, com a situação governamental de vários Estados esclarecida e dispostas as novas forças parlamentares. É provável que o Sr. Kubitschek se incline por esta segunda solução.



1958 vai ser um ano difícil também no campo das finanças para o sr. Juscelino Kubitschek. Principalmente se ele ceder à pressão dos comunistas — que querem voltar à legalidade. Nesse caso, os Estados Unidos talvez restringissem mais ainda os créditos ao Brasil — o que, aliás, já está em pauta, uma vez que o governo americano vai ser obrigado a economizar para aplicar nos seus projetos científicos. Se o sr. Nixon assumir o governo, a situação estará agravada. Nixon é da opinião de que nos “países amigos” não é preciso gastar muito dinheiro.

dor do Estado, responsável pela ordem pública.

Na Bahia, agrava-se o choque entre o líder do Governo, pessoalmente prestigiado pelo Presidente da República, e o Governador Antônio Balbino, também do PSD, mas que há dias se recusou a receber, no interior do seu Estado, o Sr. Kubitschek.

Em Pernambuco, o Sr. Etelvino Lins, abandonando cinco anos de desejos de pacificação, fala uma linguagem de luta, só admitindo acordo com o adversário colocado na atitude de caudatário.

A equipe administrativa de que se cercou o Sr. Kubitschek não tem dado grande rendimento. Isso é reconhecido pelo próprio Presidente da República: aqui fora, se conhecem suas constantes impaciências e irritações com auxiliares diretos, que se defendem, aliás, alegando as dificuldades de estabelecer uma rotina administrativa, com as constantes viagens do Presidente.

A situação econômico-financeira agrava-se com os deficits na balança comer-

cial, na balança de pagamentos, na execução orçamentária, nos débitos para com os fornecedores e autarquias, no aumento constante do custo de vida, na acumulação de estoques agrícolas que se tornaram gravosos, etc.

Os problemas militares, que pareciam aquietados, voltaram à tona, menos pelos distúrbios de oficiais e soldados invadindo delegacias de polícia, do que pela crise da Aeronáutica, em cujos quadros cerca de 400 oficiais já manifestaram solidariedade aos oficiais presos por se terem recusado a ver o Ministro da Guerra num recinto da FAB.

BALANÇA ENTRE TRÊS NOMBRES O CORAÇÃO DE JANIO

O SR. JÂNIO QUADROS deverá decidir-se entre três nomes para enfrentar a possível candidatura do sr. Ademar de

Barros aos Campos Elíseos: srs. Ulisses Guimarães, Carvalho Pinto e Renato Costa Lima. O primeiro é do PSD e presidente da Câmara; o segundo não tem partido e é o Secretário da Fazenda do Estado; o terceiro também não tem partido, mas é o presidente da FARESP.

Sabe-se que as preferências pessoais do Governador voltam-se para o sr. Carvalho Pinto. Com ele tem viajado todos os sábados e domingos das últimas semanas para o interior do Estado. Os elogios constantes do sr. Jânio Quadros ao seu Secretário são tão insistentes que já não deixam dúvida sobre sua intenção de lançá-lo candidato.

Os meios governistas de São Paulo não desconhecem, entretanto, as dificuldades da candidatura Carvalho Pinto, que é considerado homem pouco maleável e “impróprio” a uma campanha de estilo populista, capaz de enfrentar os conhecidos métodos eleitorais do sr. Ademar de Barros. Somente o apoio unânime e firme de uma grande coligação de partidos,

somado ao apoio governamental, poderia assegurar-lhe condições para vencer.

Daí a lembrança de outros nomes, e a esperança do sr. Ulisses Guimarães de que venha a ser o escolhido pelo Governador. Daí a sugestão (PTB e sr. João Goulart) de que os partidos anti-ademocratas de São Paulo lançassem a candidatura do sr. Renato Costa Lima.

Entre esses três nomes balança o coração (e o destino) do sr. Jânio Quadros na política paulista.

“ACÔRDO DE CAVALHEIROS” DÁ ORÇAMENTO EM TEMPO

QUASE 1958 FICAVA sem Orçamento e só não ficou porque à última hora a Oposição e a Maioria fizeram um “acôrdo de cavalheiros”: 1) — a primeira não criaria dificuldades à segunda, deixando passar rapidamente a proposta orçamentária; 2) — a segunda assegurava à primeira, através de emenda à lei introdutória do Orçamento, que o Governo faria o seu “plano de economia” sem tocar nas subvenções e verbas para prosseguimento ou conclusão de obras.

A Constituição determina que a proposta orçamentária para o exercício seguinte saia do Congresso até o dia 30 de novembro, subindo à sanção (ou veto) presidencial, mas quatro dias antes de esgotar-se esse prazo não haviam sido votados os principais anexos: Agricultura, Viação, Educação, Saúde, Subvenções, Poder Legislativo, SPVEA, Trabalho.

Tendo saído relativamente equilibrada da Comissão de Orçamento para o Senado, a proposta orçamentária de lá voltou enxertada com dezenas de emendas que desequilibraram completamente receita e despesa.

Vários deputados trataram de não perder a oportunidade. E começaram a requerer destaques para emendas de sua autoria e do seu interesse. Só numa noite, nos anexos da Aeronáutica e da Educação, foram aceitas pelo plenário emendas que importavam num aumento de 1 bilhão e 500 milhões. No anexo do Ministério da Guerra, sob o comando dos srs. Armando Falcão e Último de Carvalho, foram aprovadas verbas de 700 milhões para alimentação da tropa e de 200 milhões para a alfafa dos cavalos do Exército.

A reação da Comissão de Orçamento foi imediata. Vários deputados, entre os quais os srs. José Bonifácio e Aloísio de Castro, relatores da Agricultura e Educação, ameaçaram renunciar a seus postos, acompanhando o deputado Wagner Estelita Campos, presidente da Comissão, que pretendia deixar a presidência.

O líder da maioria chegou à conclusão que as dificuldades eram criadas por seus próprios liderados. No Anexo da Educação existiam 210 destaques, dos quais 115 apresentados por deputados governistas. Dêstes, nada menos de 70 eram do depu-

tado Leoberto Leal, vice-líder do bloco majoritário.

Se tivessem de ser votados parceladamente todos esses destaques, além de centenas de outros nos demais anexos, seriam necessários muitos meses para que o Orçamento ficasse pronto.

O sr. Vieira de Melo havia recebido instruções do Presidente da República no sentido de fazer aprovar o Orçamento de qualquer maneira. E apresentou, na Câmara, um requerimento que implicava na rejeição em bloco de todos os destaques. A oposição não concordou. Não se pode — alegou — votar em conjunto aquilo que é destacado: é contra a gramática.

Depois de marchas e contramarchas, oposição e maioria chegaram a um acôrdo: os oposicionistas não criariam dificuldades à maioria e ganhavam uma redação nova do art. 7.º da lei introdutória do Orçamento. Por essa fórmula o Governo e, em particular, o sr. José Maria Alkmim, comprometem-se a organizar até o dia 15 de fevereiro a relação das verbas que deverão constar do seu “plano de economia”, nelas não incluindo as relativas a auxílios e subvenções e ao prosseguimento ou conclusão de obras.

A fórmula foi considerada boa por gregos e troianos, mas nem todos estão convencidos de que ela seja constitucional.

QUATRO CANDIDATOS À CADEIRA DE ULISSES

JÁ EXISTEM QUATRO candidatos ao lugar do sr. Ulisses Guimarães, que não quer reeleger-se presidente da Câmara porque prefere eleger-se Governador de São Paulo. São as seguintes as candidaturas que estão sendo articuladas:

1. Deputado Ranieri Mazzili, relator da Receita na Comissão de Orçamento e apoiado pelo PSD paulista, que deseja continuar com a presidência da Câmara.

2. Deputado Gustavo Capanema apoiado pelo PSD mineiro e pelo Governador Bias Fortes.

3. Deputado Menezes Pimentel, apoiado por algumas bancadas do PSD nordestino.

4. Está sendo articulada, ainda, uma chapa completa, com participação proporcional dos diversos partidos na Mesa. Essa chapa é encabeçada pelo deputado Jefferson de Aguiar (um dos vice-líderes da maioria), do PSD do Espírito Santo.

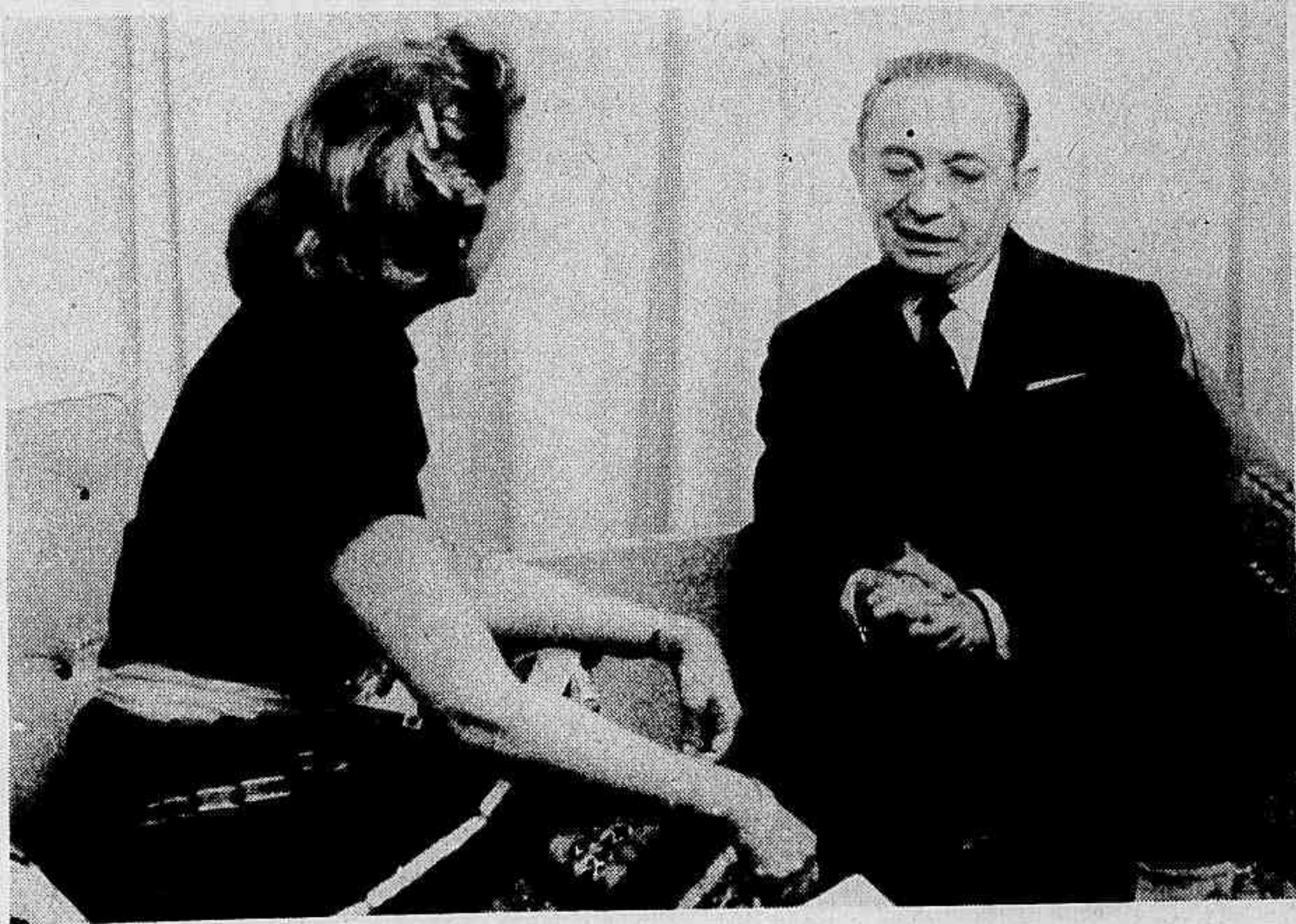
Para completar a chapa indicam-se os seguintes nomes: 1.º vice-presidente — Sr. Milton Campos (UDN); 2.º vice — Sr. Tarso Dutra (PSD); 1.º secretário — Sr. João Machado (PTB); 2.º secretário — Sr. Oswaldo Lima (PSP).

Os cargos de 3.º e 4.º secretários serão reservados para representantes de pequenos partidos.

FORUM POLÍTICO DO PTB

A ALA DO PTB de Minas, liderada pelo sr. José Raimundo, presidente do IAPI, resolveu promover em Belo Horizonte um “Forum Político”, com a participação de elementos de todos os partidos.

Adversários do sr. José Raimundo diminuem a significação da iniciativa, atribuindo-a “a jôgo de propaganda pessoal”. Respondem seus correligionários que, propaganda ou não, o “Forum” vale por si mesmo, pelos debates que realizará, pelos seus resultados. E qualquer que fosse o promotor do “Forum” sofreria a mesma acusação.



O sr. (João) Café Filho foi à TV-Tupi, na semana passada, no programa “Quem sou eu?”. Muito esperado (e pouco anunciado) o programa decepcionou porque as perguntas foram as menos comprometedoras possíveis. O máximo que o sr. Café Filho disse foi que já jogou futebol e que foi redator do “Bonde”.



O professor passou dois dias no Rio

LOTT

Nas comemorações militares em homenagem aos mortos da revolução comunista baixou uma Ordem do Dia pessimamente escrita, mas, com inegável vantagem sobre anteriores: tratou claramente do problema comunista, dando nomes aos bois. Causou certa surpresa porque não usava essa linguagem e, desde julho de 1955, através do MMC, tem contado com a colaboração de oficiais comunistas aos quais deu postos.

NOTA 5

ALKMIM

Mandou para o Catete um decreto que marcará o maior piquenique de brasileiros no exterior — a delegação que vai a Genebra negociar com o Gatt as novas tarifas. O dólar chegou a 96 com o seu silêncio. Prendeu injustificavelmente a fixação dos preços mínimos de algodão, que já não beneficiou os produtores e sim aos compradores. Seguindo o exemplo do mestre, comprou dois aviões (por 300 mil dólares) para o Ministério da Fazenda.

NOTA ZERO

NEGRAO DE LIMA

Continuou durante a semana à luta pelos recursos para o Plano de Obras. Seu esforço, em termos de esclarecimento democrático, mereceria nota melhor, sem apreciar o mérito da solução que defende. Mas, as negociações com vereadores, em troca de vantagens subalternas — denunciadas da tribuna da Câmara Federal pelo líder da UDN, e não contestadas — permitem dúvidas sérias quanto a honestidade do objetivo.

NOTA 2

ALVES CAMARA

Conseguiu um Conselho do qual participam os ex-ministros da Marinha, atraindo para o mesmo — como era de esperar — o almirante reformado Guilhobel, e — com surpresa geral — o almirante Amorim do Vale. Preparou, assim, um lugar para si mesmo ao deixar o Ministério, já na reserva, e com direito a ordenança, chofer e automóvel.

NOTA ZERO

PARSIFAL BARROSO

Conseguiu, à última hora, conjurar o veto presidencial à aposentadoria dos bancários. Continua resistindo à pressão dos políticos para relaxar o teto de 400 dólares mensais fixados para os contratados dos Escritórios comerciais.

NOTA 5

MAURICIO DE MEDEIROS

Apesar do surto do tifo no Distrito Federal, deixou o problema na esfera das autoridades municipais. O Congresso distribuiu as verbas globais do Departamento Nacional da Criança, sem nenhuma atuação sua para evitar esse erro.

NOTA ZERO

MACEDO SOARES

Foi ao Peru negociar acordo comercial: Prometeu porto livre para os peruanos em Belém. Não propôs, como se esperava, a mediação do Brasil na questão da fronteira Peru-Ecuador. Considerando sua idade, a nota revela o reconhecimento pelos esforços feitos na aproximação dos países americanos.

NOTA 7

MENEGHETTI

Tomou uma atitude corajosa na questão do preço do trigo: reagiu aos interesses estrangeiros e aos moinhos gaúchos, recusando-se a fixar preços desiguais para o Sul e para o Norte. Embora ainda não tenha divulgado os resultados do inquérito que mandou realizar no Serviço de Expansão do Trigo, tem, na semana, nota excepcional.

NOTA 7

CORREIA DE MELO

Ainda não conseguiu dominar a crise interna deflagrada com a prisão dos oficiais que não quiseram se defrontar com o ministro da Guerra, numa solenidade, mas recusou dos propósitos de "Enquadramento" que o levariam a prender centenas de outros companheiros, solidários. Expulsou os soldados que invadiram uma delegacia de polícia.

NOTA 6

LÚCIO MEIRA

Manteve a infeliz posição de escravização do rádio, que começou com uma portaria e, agora, vai ser por lei, com o seu apoio. No caso do automóvel do líder da UDN, embarcado de acordo com ordem do governo e, depois, preso por picuinha do ministro da Fazenda, decidiu com critério e isenção. Autorizou a instalação de uma fábrica de pneumáticos e produtos de borracha, no norte.

NOTA 5

EURICO SALES

Ainda não disse o que sabe. Considerando a inexperiência em posto ministerial, conservamo-lhe pela última vez, a nota de expectativa.

NOTA 4

JANGO

Não tem aparecido no Senado, onde a maioria governista lhe reservou um salão de luxo de 100 metros quadrados para despachos. Voltou a falar aos trabalhadores explorando a memória de Vargas.

NOTA ZERO

CLÓVIS SALGADO

Conseguiu aumentar a verba das bolsas escolares, que deverão ser 7.000 no próximo ano. E, depois, foi ouvir música.

NOTA 3



DITADURA LATINO-AMERICANA INSPIRA FILME FRANCÊS

MIGUEL ANGEL ASTURIAS, guatemalteco, 58 anos, romancista, ex-embaixador do presidente Arbenz na República do Salvador, cujo nome foi lembrado, em 1956 e 1957, para o Prêmio Nobel de Literatura, sonetista e lutador anti-imperialista, esteve na semana passada três dias no Rio, assistindo ao lançamento da tradução portuguesa de seu romance "El Señor Presidente", que lhe deu fama mundial, sendo selecionado em Paris para o "Livro do Mês".

Asturias, que Alfonso Reyes costumava chamar de "Miguel Angel dos sonetos", vive atualmente exilado na Argentina. Sua obra literária é vasta, e entre seus livros mais destacados

contam-se: "Lendas de Guatemala" (que, na França, traduzidas por Francis de Miomandre, alcançaram grande êxito), "Os homens de milho", "Vento Forte", "Week-End na Guatemala". Por enquanto, não tenciona regressar a seu país, pois na Argentina, onde tem sua família, encontrou melhor ambiente para trabalhar.

No apartamento de Botafogo, onde se hospedou, o autor de "El Señor Presidente" fez as seguintes revelações:

1) Passou dois meses em Paris, antes de vir ao Rio de Janeiro. Na capital francesa manteve entendimentos com Julien Duvivier para a filmagem do seu mais conhecido romance,



INSTITUTO BIOLOGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias.

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SÃO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

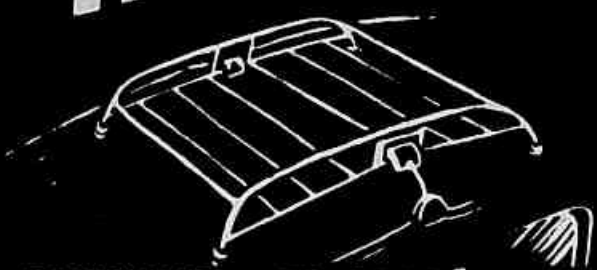
Sem mais acréscimos



Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"

"Mil" lhe oferece:



REMOVIVEL - COLOCAÇÃO FACIL

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

PORTA MALAS
SUPER LUXO
CROMADOS-PINTADOS



que deverá realizar-se mais ou menos dentro de um ano. Justificando o atraso, Asturias explicou que Duvivier lhe assegurou que o público está cansado de filmes "amargos", preferindo temas mais leves.

Definindo sua obra, disse o escritor: "El Señor Presidente" é um livro que sempre tem atualidade, pois a ditadura e a enfermidade que nêlo descrevo continuam persistindo. Apesar de tudo, houve uma mudança, pois enquanto eu pinto uma ditadura telúrica, as atuais ditaduras latino-americanas obedecem a um sentido econômico. Mas nem por isto deixam de ser bárbaras e condenáveis. Enquanto, antes, os ditadores eram genuinamente nacionais, hoje são impostos de fora, por interesses estrangeiros. Eles adquiriram, depois de Hitler e Mussolini, um caráter solene e teatral, que os separa dos ditadores crioulos, patriarcais.

"Uma edição monumental, ilustrada pelo grande artista Toño Salazar, sairá no próximo ano em Buenos Aires. Durante minha permanência em Paris, demos os últimos retoques no que se refere às ilustrações".

2) Ainda em 1958, um dos teatros parisienses (O Fontaine), apresentará a peça "A audiência dos confins", sobre a vida de Frei Bartolomeu de las Casas.

3) Na Argentina Asturias vai escrever o romance "Os olhos dos enterrados", devendo regressar, após sua conclusão, para o Brasil, onde visitará Minas, São Paulo e Bahia. Durante esta temporada, que será longa, entrará em contato com grande número de artistas e escritores brasileiros.

4) Definindo o papel do escritor contemporâneo, disse Miguel Angel Asturias: Hoje em dia, o escritor deve fazer o que o "grão língua" fazia entre os maias. Este personagem era testemunha de sua época, empregando o dialeto popular nos textos que escrevia, traduzindo as aspirações das suas tribos.

"O escritor americano não pode ficar alheio aos problemas que preocupam o Continente. Todos os autênticos escritores americanos são, hoje em dia, nacionalistas e deve voltar às raízes, nos estudos dos textos indígenas, na obra dos monges espanhóis durante a colônia, recolhendo o estandarte literário dos românticos que acompanhavam os libertadores".

5) Sobre o Prêmio Nobel Asturias falou com modéstia: "Para mim o Nobel teria sido mais do que um motivo de orgulho pessoal: um galardão para minha pequena Guatemala e um reconhecimento para um escritor que jamais aceitaria doutorados honoris causa de certas universidades".

"Creio, porém, que, antes de mim, este prêmio devia coroar a obra de Romulo Gallegos, Alfonso Reyes e Ezequiel Martinez Estrada, que representam valores americanos, todos eles grandes escritores no mais autêntico sentido da palavra".

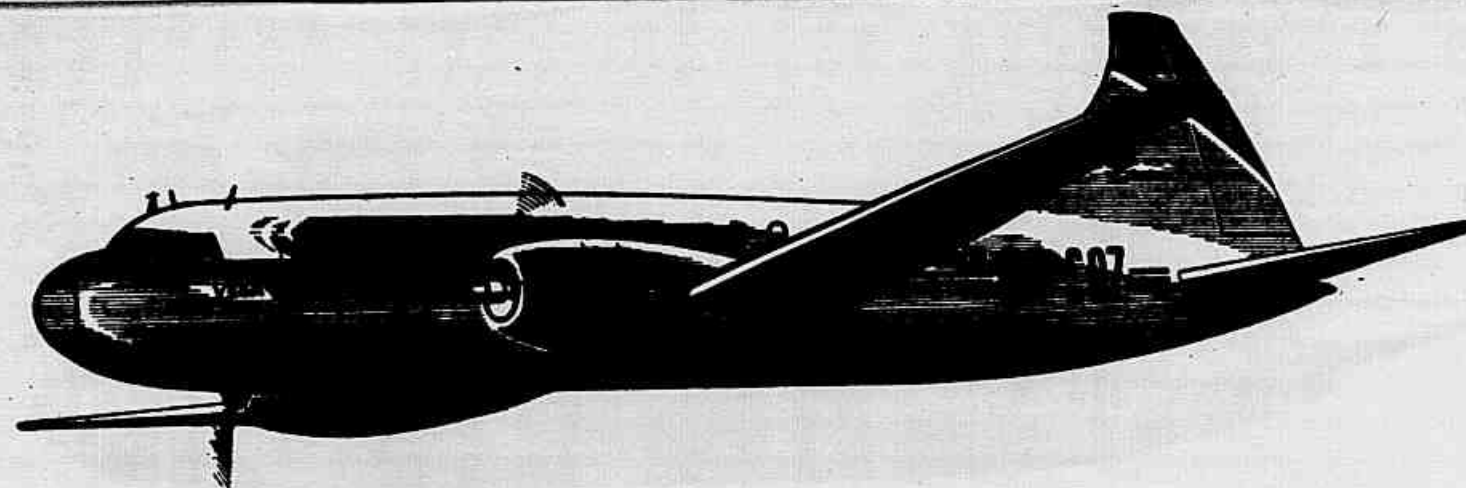


"Mr. Townsend faz questão de permanecer incógnito".

CLAUDE REYNAUD

com alguns cruzeiros por mês
faça o seu cruzeiro aéreo inesquecível
pela Cruzeiro do Sul

voando pelo



'cruzeiro a prazo'



O sistema ideal de crédito que facilita a sua viagem de férias ou negócios. Realize o seu grande desejo, voando para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, pagando suavemente, em prestações mensais pelo plano "CRUZEIRO A PRAZO".

Venha fazer conosco "um roteiro feliz de boas viagens", escolhendo os vôos e as

cidades de s/ preferência e os nossos aviões, modernos e confortáveis tornarão realidade inesquecível o seu sonho de ontem.

Faça a viagem mais feliz da sua vida, escolhendo o conforto, a rapidez, a cor-tezia e a pontualidade como seus com-panheiros de boa viagem. Prefira os



nossos aviões como ciclerones perfeitos da sua excursão de férias ou turismo e de prazer nos seus negócios.

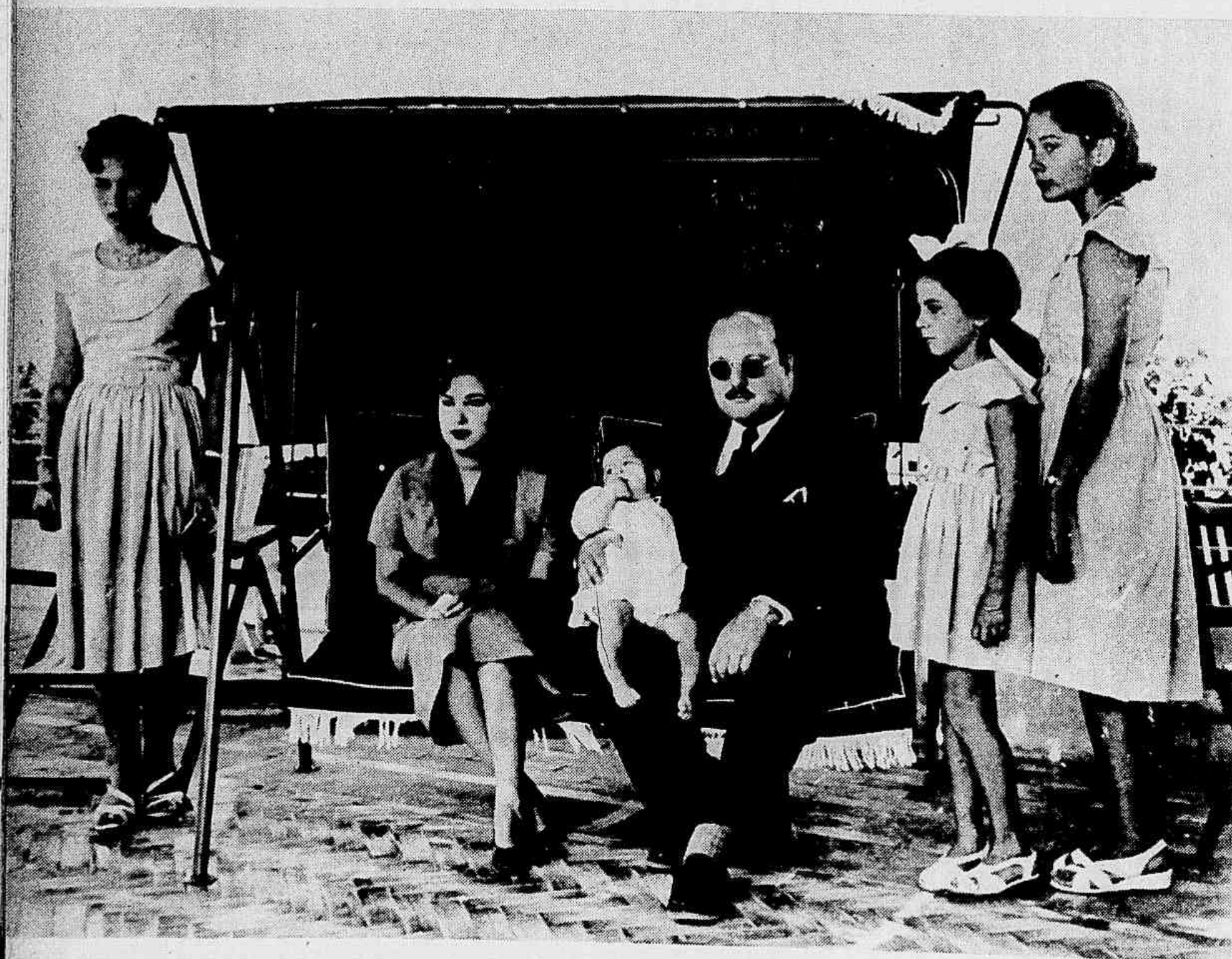
Utilize o "CRUZEIRO A PRAZO" o sistema de "crédito confortável e amigo" que o ajudará a viajar muito, pagando aos poucos.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42 6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 - R. 206

A FILHA DE FAROUK VAI PARA UM HARÉM



"Nenhuma de minhas filhas há de casar com alguém que não seja muçulmano". As filhas: Ferial, Fawzia, Fadia. (Fawzia está, hoje, divorciada do Xá da Pérsia).





O ex-rei Farouk do Egito e sua atraente filha, princesa Ferial.

QUANDO A FILHA mais velha do ex-rei Farouk se casar (provavelmente em janeiro), passará a viver um capítulo das "Mil e Uma Noites". Terá centenas de criados, vestirá roupas de fio de ouro, andará num Cadillac com trincos de prata, usará as jóias mais caras do mundo e os perfumes mais raros que se possa imaginar.

Mas estará num harém, de onde não será possível sair — para o resto da vida.

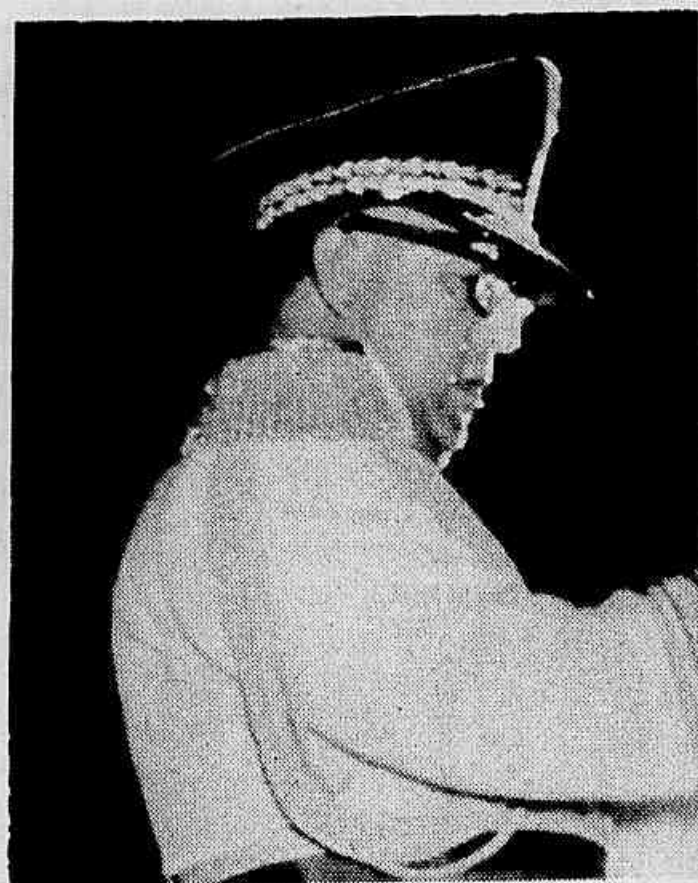
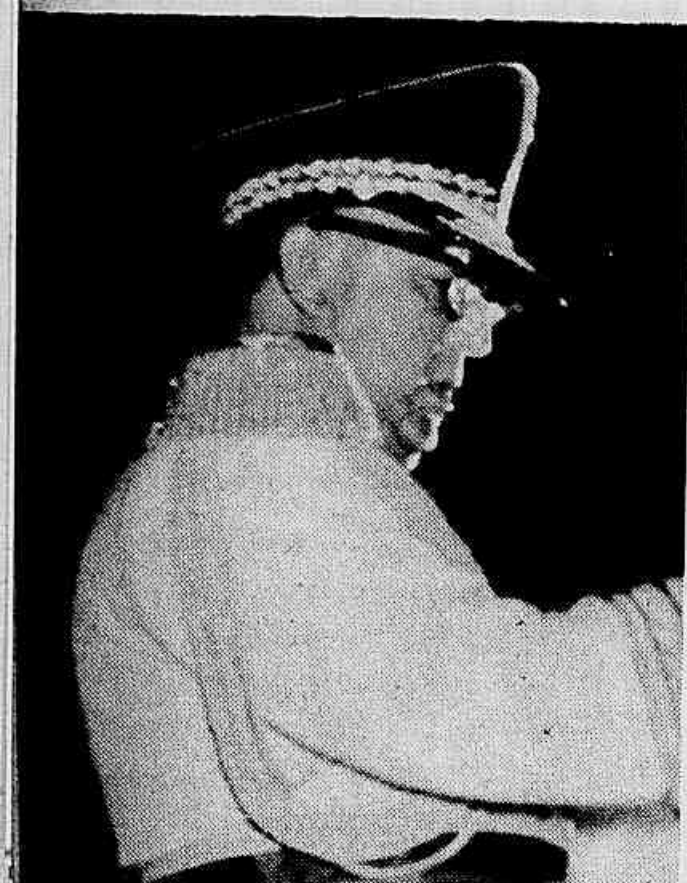
A princesa Ferial não quer isso, mas não tem o direito de escolher seu futuro. Ele depende do bom ou do mau humor de seu pai, o gordo (e sinistro) ex-rei do Egito, que está decidido a entrar para a família mais rica do mundo, casando a sua filha com um dos filhos do rei Ibn Saud (da Saudi Arábia).

Educada à européia, Ferial é uma bonita moça de 18 anos, moderna, que fala seis línguas, pratica esportes e tem um diploma de enfermeira.

Quando ela fôr casada com um dos 49 filhos de Ibn Saud (o noivo ainda não está escolhido e essa escolha não será feita por Ferial e sim pelo próprio Ibn Saud), vai deixar de ser moderna e nunca mais vestirá um dos vestidos franceses de que tanto gosta.

Além disso, quando ela entrar para o harém:

1. será obrigada a repartir o marido com três outras mulheres principais, autorizadas pelo Alcorão;
2. só poderá reclamar seus "direitos de esposa" uma noite por semana;
3. não poderá opor-se a que seu marido tenha, além das outras esposas, quantas concubinas e "escravas para o amor" ele julgar necessário;
4. só poderá sentar-se à mesa ou passar uma porta seguindo o marido (mantendo a distância respeitosa de três passos);
5. se quiser sair dos seus aposentos (mesmo para andar nos corredores ou no jardim do palácio), terá de cobrir o rosto e sair acompanhada por criadas (pelo menos seis);
6. só conversará com mulheres;
7. terá de cumprir o dever de "ser constantemente agradável ao marido" e "fará todo o possível para dar-lhe o maior número de filhos" de preferência homens;
8. será obrigada a usar muito baton e pó de arroz, cabelos cheios de óleo, as unhas das mãos e dos pés pintados com laca vermelho escuro, as pálpebras pintadas de azul e o corpo perfumado com essências fortes;
9. não poderá fazer uso da inteligência, estando "absolutamente impedida de argumentar com o marido";
10. deverá estar sempre pronta para receber o esposo.



Fotos I.N.S.

VAI HAVER ELEIÇÃO NA VENEZUELA: PE

NA TARDE DO 1.º de dezembro de 1952 foi súbitamente interrompida qualquer transmissão de notícias da Venezuela para o exterior. Uma verdadeira cortina de ferro, no coração da América, erguia-se de um instante ao outro. A censura militar bloqueava todas as vias através das quais uma informação poderia escapar para o mundo livre, e as emissoras ocupadas por forças policiais e tropas do exército, começaram a transmitir apenas música e anúncios comerciais, como se na Venezuela tudo corresse às mil maravilhas.

ESTA SITUAÇÃO durou até a noite de 2 de dezembro. De repente, as emissoras começaram a trombetear uma só informação: o coronel Marcos Perez Jimenez, membro do triunvirato que governava ditatorialmente o país, acabava de dissolvê-lo, autoproclamando-se presidente provisório, apoiado por seis oficiais-comandantes dos vários corpos das forças armadas.

x x x

Em 19 de abril de 1951, pelos decretos 118, 119 e 120, o triunvirato militar havia convocado eleições, para data que seria marcada mais tarde, anunciando, ao mesmo tempo, que todos os partidos poderiam nelas tomar parte.

Como por encanto, os partidos democráticos, que até então se encontravam na ilegalidade, apareceram no palco, exceto a Ação Democrática de Rômulo Betancourt e Rômulo Gallegos, que anunciou, nos primeiros instantes, sua intenção de abster-se do pleito, por completa falta de garantias.

Desta maneira, o panorama político apresentava-se reduzido a apenas dois partidos, que, aceitando o desafio do triunvirato, decidiram ir as urnas, para dar ao povo a oportunidade de escolher seus representantes.

A "União Republicana Democrática" (URD), liderada por Jóvito Villalba, representava as forças de centro-esquerda,

enquanto o "Copei", dirigido por Rafael Calderas, reunia em suas fileiras os democratas-cristãos de tendência burguesa.

O fato de que a Ação Democrática não apresentou seus próprios candidatos, não significava, de maneira alguma que seus afiliados não iam exercer o direito de voto — e quem disto se deu conta primeiro foi o próprio triunvirato, que, às pressas, organizou uma chamada "Frente Eleitoral Independente" (FEI), que sob a orientação do dirigente comunista Rafael Heredia: tentou captar os eleitores flutuantes, os oportunistas e os comunistas, além dos partidários do caudilho Juan Vicente Gómez, que viam na ditadura do triunvirato a melhor oportunidade para parar a marcha do tempo.

URD, COPEI e FEI eram, pois, as três siglas que se enfrentavam nas urnas, num ambiente de relativa liberdade. Esta liberdade era, porém, aparente e superficial, pois, para intimidar os eleitores (sobretudo os adeptos da Ação Democrática), a polícia desencadeou uma onda de violências, cuja primeira vítima ia ser, em 21 de outubro de 1952, o líder da AD, Leonardo Ruiz Pineda, assassinado em pleno centro de Caracas, durante uma perseguição recambolista. Após ter liquidado o chefe do movimento clandestino, os agentes da polícia entregaram à imprensa a fotografia do cadáver, cruzado de fios de sangue, com o rosto crivado de balas.

Pedro Estrada, chefe da polícia política venezuelana e agente secreto da polícia de Rafael Trujillo Molina, não trabalhava somente com precisão, mas não esqueceu de lançar uma advertência a oposição, que ainda pensava que a voz das urnas podia vencer a voz da razão.

As eleições, realizadas em 30 de novembro decorreram numa ordem impressionante: o voto secreto foi mantido em todo o país, e mais de 80 por cento do eleitorado se apresentou para votar. O COPEI e a URD apoiaram plenamente o processo eleitoral, e, ao começar a abertura das urnas, estes dois partidos começaram a receber mais votação: com 54% dos votos a favor da URD, 15% a favor da COPEI e 25% a favor da FEI governista, a apuração deixava ver claramente contra quem havia votado o povo.

As primeiras notícias filtradas para o exterior davam a certeza de que o triunvirato perdera fragorosamente, e que o clima de liberdade ia reinar, de novo, no país oprimido.

Nesta altura, o coronel Marcos Perez Jimenez mandou silenciar as emissoras e prender os membros oposicionistas das mesas eleitorais, queimou e destruiu as urnas, e, instalado em seu QG, reuniu os seis oficiais-comandantes, que o proclamaram presidente da República.

Desde aquele dia, com apoio de certos setores das forças armadas e com a cobertura internacional dos trusts petrolíferos, o coronel Jimenez se tem mantido no poder, impondo na Venezuela uma das mais sangrentas ditaduras do Continente, estabelecendo a censura à imprensa, prendendo ou desterrando todos os dirigentes da oposição e do movimento sindical, mantendo em Caracas um centro de agitação continental, dirigido e finan-

ciado pe
Domingo

Jimenez
óculos
funciona
fe milita
dez, esc
mo e u
tegoria

Rômulo
dade de
ga seu
tido à p
xo prom
com as
pernas
co mar
uma ci

De fa
mente,
panhias
ça do
cunstar
dato p
Desta
ções.

As e
e incor
tes re
99 por
popula
— reco
to, cu
NAO
poder

Ante
nez h
lizaçã
não e
to do
dos —
Calder

PEREZ JIMENEZ JÁ GANHOU

INTERNACIONAL

ciado pelo ex-ditador da Argentina, Juan Domingo Perón.

Jimenez, um homenzinho gordo, de óculos de lentes fortes, mais parece um funcionário de província, do que um chefe militar. Através de sua aparente timidez, escondem-se — porém — um cinismo e um sadismo que o colocam na categoria de Ubico, Trujillo e Somoza.

Rômulo Betancourt, que teve oportunidade de conhecê-lo suficientemente, traça seu retrato da seguinte maneira: "Vestido à paisana, com grossos óculos, o queixo pronunciado, sem saber o que fazer com as mãos, balançava sem cessar suas pernas curtas, dando uma impressão pouco marcial. Parecia um guarda-livros de uma cidadezinha de província".

De fato, Marcos Perez Jimenez é, atualmente, o guarda-livros das grandes companhias petrolíferas, homem de confiança do capital internacional, e, nestas circunstâncias, decidiu prolongar seu mandato para novo período de cinco anos. Desta vez, não por intermédio de eleições.

x x x

As eleições na Venezuela são perigosas e incômodas: a ditadura não tem suficientes recursos para obter os tradicionais 99 por cento da Rússia e das democracias populares, de maneira que — desta vez — recorreu, simplesmente, a um plebiscito, cujo resultado dirá se — SIM ou NÃO — o atual ditador permanecerá no poder por mais um período de cinco anos.

Antes de recorrer ao plebiscito, Jimenez havia anunciado, vagamente, a realização de eleições em condições ainda não esclarecidas. Ao tomar conhecimento do pronunciamento dos líderes exilados — Gallegos, Villalba, Betancourt e Caldera — que se regozijavam com a li-

vre realização do pleito, o ditador mudou subitamente de tática, convocou a Câmara e o Senado (de tipo nitidamente fascista) e apresentou um decreto que estabelece o plebiscito.

O chamado plebiscito presidencial se realizará nas seguintes condições: no próximo dia 15 de dezembro todos os cidadãos maiores de 18 anos se apresentarão a uma seção eleitoral, a partir de 5,45 horas, quando os componentes de cada mesa deverão estar em seus respectivos lugares.

Então, o presidente da mesa abrirá a urna em que serão depositados os votos, para que os demais membros e os eleitores se inteirem de que esta se encontra vazia. A votação deverá iniciar-se às 6 horas, e, para que alguém não vote mais de uma vez, um dedo de cada eleitor será marcado com tinta vermelha indelével. Além dos cidadãos venezuelanos, os estrangeiros que tem mais de dois anos de permanência no país, poderão votar, apresentando sua carteira de identidade, ou qualquer documento aceitável para os membros da mesa.

Nestas condições, Jimenez controla todo o eleitorado: os votos contra sua permanência no poder terão importância meramente simbólica, e seu número será determinado pelas próprias autoridades, para que se possa dizer que certo número de eleitores, aproveitando a liberdade reinante na Venezuela, votou contra o atual presidente.

As primeiras reações contra a farsa, vieram, como de costume, da juventude, quando grande número de estudantes da Universidade de Caracas travou combates contra a polícia, após uma greve de quatro dias, em sinal de protesto contra o plebiscito.

Apesar da censura, soube-se nos meios

venezuelanos do México e Nova York, que vários estudantes sofreram ferimentos, sendo detidos mais de vinte. Entre os 500 estudantes que deram este sinal de alerta, figuram mais de 30 moças, duas das quais foram detidas, quando a polícia as atacou com bombas de gases lacrimogêneos.

x x x

Quem se beneficiará mais com a permanência de Jimenez no poder, são os trusts petrolíferos e os membros da camarilha do coronel. Este tentou justificar o plebiscito, afirmando que nos próximos cinco anos, deverá ser levado a cabo um vasto programa econômico, e, para demonstrar sua afirmativa, apresentou grande número de algarismos e estatísticas, conforme as quais a Venezuela é, atualmente, um dos países mais progressistas do mundo.

Acontece, porém, que enquanto certos setores industriais da capital e de alguns centros urbanos conhecem o desenvolvimento que ninguém tentará negar, as grandes massas populares, tanto nas cidades, como nos meios rurais, continuam vivendo num atraso que somente pode ser comparado à idade média.

O bem-estar social da Venezuela, tão trombeteado pelas agências do governo e pelas embaixadas, atinge apenas uma camada reduzida da população, e a grande maioria dos habitantes continua na mesma situação em que o regime da Ação Democrática os encontrou, após a derrubada dos regimes pós-gomezistas. Inútil, pois, enganar a opinião pública americana com folhetos e estatísticas pré-fabricadas. Mais vale dar liberdade à imprensa e aos correspondentes estrangeiros, para que estes escrevam, livremente, a verdade.

Enquanto o povo vive na miséria, Jimenez acaba de receber seu Cadillac de luxo, modelo 1957, azul escuro, cuja reforma custou aos cofres públicos a ninharia de 30 mil dólares, e que tem as seguintes características extraordinárias:

1. aparelho de TV com tela de 43 cm. e antena rotativa que se elevará a metro e meio, na parte posterior do veículo;
2. gravador eletromagnético de alta fidelidade, equipado com fitas de músicas clássicas;
3. bar em miniatura, com capacidade para quatro taças e duas garrafas (todos estão situados nas costas do assento dianteiro);
4. assentos posteriores conversíveis em camas;
5. dois receptores de rádio de ondas curtas, ajustados às transmissoras do palácio presidencial de Caracas;
6. telefones que permitirão a Jimenez comunicar-se com seu auxiliar militar no assento dianteiro, sem que o motorista ouça a conversação. Além disto, o carro tem um compartimento de inofensiva aparência, semelhante a um banco, para os passageiros do assento posterior: em seu interior há espaço para guardar duas metralhadoras pesadas e várias granadas de mão.

O carro presidencial, passeando pelas estradas do país, cruzando poderosos caminhões carregados de petróleo, e dezenas de milhares de homens famintos, enfermos, revoltados e descalços — eis o retrato autêntico da Venezuela de hoje!

Faltam ainda duas semanas até a realização do plebiscito, mas o coronel Jimenez já ganhou. Sua permanência no poder por mais cinco anos não significa apenas a submissão do país aos trusts, mas, ao mesmo tempo, um constante perigo para toda a América Latina, pois sob o regime de Jimenez a Venezuela se tem transformado em ponta-de-lança para todas as ditaduras do Continente.

Enquanto Jimenez estiver no poder, Perón, Odria e Rojas Pinilla continuarão nutrindo esperanças fundadas para seu retorno, e poderão alimentar com dinheiro e material de propaganda seus partidários na Argentina, no Peru e na Colômbia.

Enquanto Jimenez estiver no poder, Perón continuará dirigindo, amparado pelas autoridades venezuelanas, sua rede de sabotadores e conspiradores, que ameaçam não somente a tranquilidade da Argentina, mas, ao mesmo tempo, a Bolívia, o Paraguai, o Chile — e o Brasil.

Enquanto Jimenez estiver no poder, Trujillo manterá em Caracas sua central para a América do Sul, dirigida pelo chefe da polícia venezuelana, que, desta maneira, consegue o milagre de servir, de uma só vez, a dois ditadores.

A tristemente célebre "Internacional das Espadas", prestigiada pelo Departamento de Estado, e da qual faziam parte os generais Perón, Odria, Rojas Pinilla, Somoza, e o coronel Jimenez estava se desintegrando.

Para parar o processo de decomposição, o ditador venezuelano recorreu ao plebiscito. Enquanto ele estiver no poder, a democracia americana estará em perigo.

KRUSCHEV TEVE QUE CHEIRAR AS CEM FLORES DE MAO

O "SPUTNIK" PERDEU sua primeira grande prova política dentro do bloco socialista quando quatro homens vetaram, numa assembléia realizada no Kremlin de 14 a 16 de novembro, a criação de um novo Cominform, proposta por Krushev.

Os quatro homens: Mao Tsé Tung, Palmiro Togliatti, Wladislaw Gomulka e Edward Kardelj.

O que eles representam: 1 — 502 milhões de chineses; 2 — o maior e mais poderoso Partido Comunista do Ocidente; 3 — uma ovelha comportada mas indiscutivelmente má, que se não for levada com jeito pode pôr a perder todo o rebanho das democracias populares; 4 — uma ovelha definitivamente tresmalhada, que já desviou do "bom caminho" Gomulka, quase desvia Kadar e dá um enorme trabalho ao Kremlin para não arrastar o rebanho todo aos "caminhos próprios do socialismo".

Provavelmente o novo Cominform proposto por Krushev (a quem se pode acusar de tudo, menos de ingenuidade) não seria uma organização em bases tão rígidas como o anterior. Seria, porém, muito mais que o reconhecimento, na Declaração Conjunta (não assinada por Kardelj) das vantagens de "eventuais assembléias de representantes dos partidos para troca de experiências". O reconhecimento disso foi, no entanto, a máxima concessão feita por Mao, Togliatti e Gomulka — aliás contra a opinião dos iugoslavos, que não vão além dos contatos bilaterais propostos por Tito e aceitos por Krushev em Belgrado, logo após o XX Congresso do PCUS.

A realidade é que Nikita Krushev aproveitou a repercussão do "Sputnik" e do PBI não somente para encerrar de uma vez a "operação sorriso" seguida à morte de Stalin e particularmente ao XX Congresso (ainda agora a União Soviética abandonou a Comissão de Desarmamento e adotou uma linguagem típica do auge da guerra fria, ameaçando "trazer a guerra à América" e intervir com a força no Oriente Médio). Ele quis também a volta à liderança absoluta dos bons tempos de Stalin — o que importaria na volta ao Cominform.

Uma organização internacional dos partidos comunistas, sob liderança soviética, é instrumento insubstituível para a dominação dos outros partidos (e Estados) comunistas pelo Kremlin.

A história dessas organizações começou com Marx e Engels. Eles fundaram a I Internacional, que não lhes sobreviveu e foi substituída pela II Internacional. Esta, porém, não resistiu à prova da I Guerra Mundial. Cada partido socialista que a ela pertencia renegou na prática a teoria marxista sobre "o caráter de classe das guerras" e aderiu ao governo de seu res-



KRUSCHEV
Sniff, sniff, sniff!

pectivo país. A palavra de ordem de "guerra à guerra", adotada pouco antes de estourar o conflito (1914), foi posta de lado. Jaurés foi assassinado e no dia seguinte "L'Humanité" (hoje órgão do PCF) adotou as posições do governo francês. O Partido Social-Democrata alemão terminou concitando os operários alemães a matarem os operários franceses e o mesmo ocorreu em cada país europeu. Quando terminou a guerra, da II Internacional só existia a lembrança.

O único partido socialista que se manteve numa posição intransigente contra a guerra e lutou contra seu próprio governo foi o Partido Social-Democrata russo. Em 1919 Lenin, Trotsky, Kamenev, Zinoviev e outros fundaram a III Internacional.

A III Internacional (Internacional Comunista ou Komintern) desempenhou enorme papel: formou partidos comunistas em todo o mundo, educou líderes (inclusive o sr. Luís Carlos Prestes, que foi membro de seu Comitê Executivo até sua dissolução) e estabeleceu a liderança soviética sobre todos eles. Com a morte de Lenin, o Komintern tornou-se um instrumento nas mãos de Stalin e passou a dar cobertura inclusive a crimes hediondos, como o fuzilamento de todos quantos discordavam dele, na União Soviética ou fora dela. A IC chegou a ordenar, por vontade de Stalin, o fuzilamento de todo o Comitê Central do Partido Comunista Polonês (1939) exilado em Moscou: só escapou Boleslaw Bierut, que estava em Varsóvia servindo como oficial da Gestapo, por ordem do partido. Ela deu cober-

tura à liquidação de seus mais destacados líderes, entre os quais seu próprio presidente, Kamenev. Em 1943, por pressão de Roosevelt e Churchill, Stalin dissolveu-a.

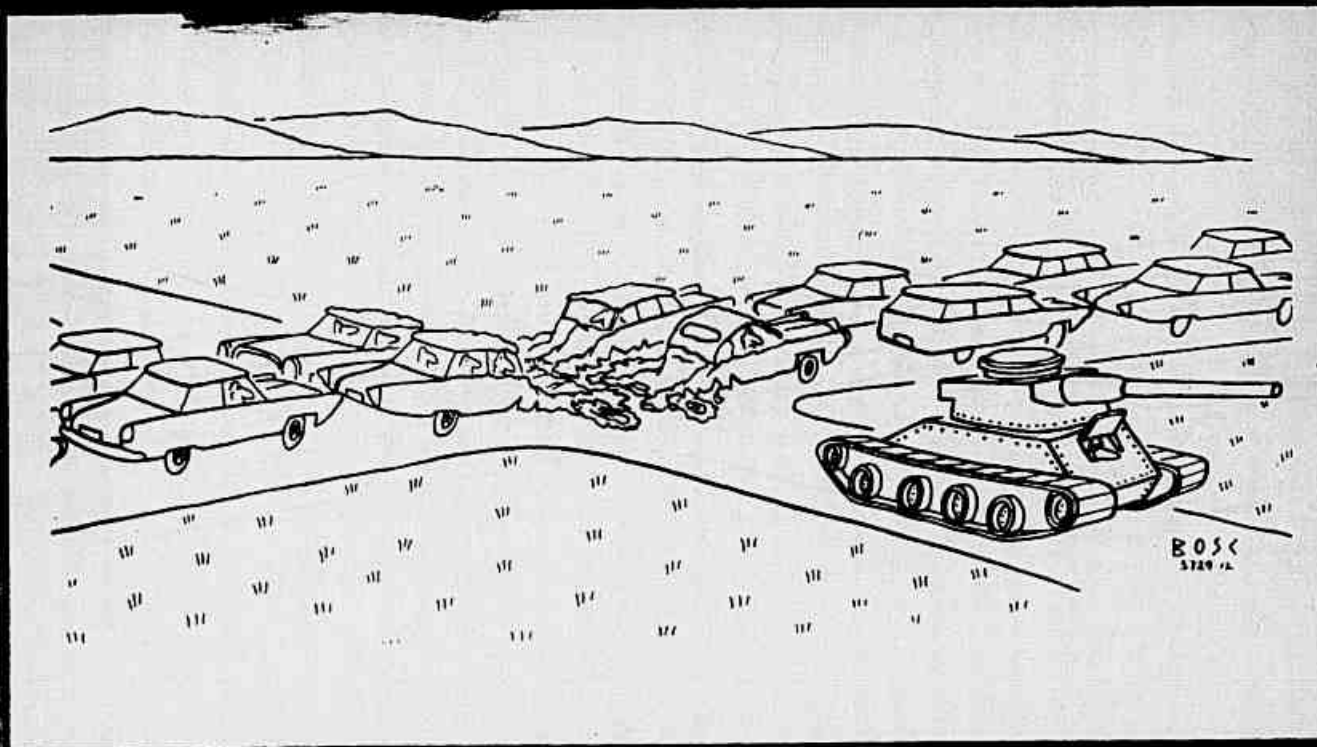
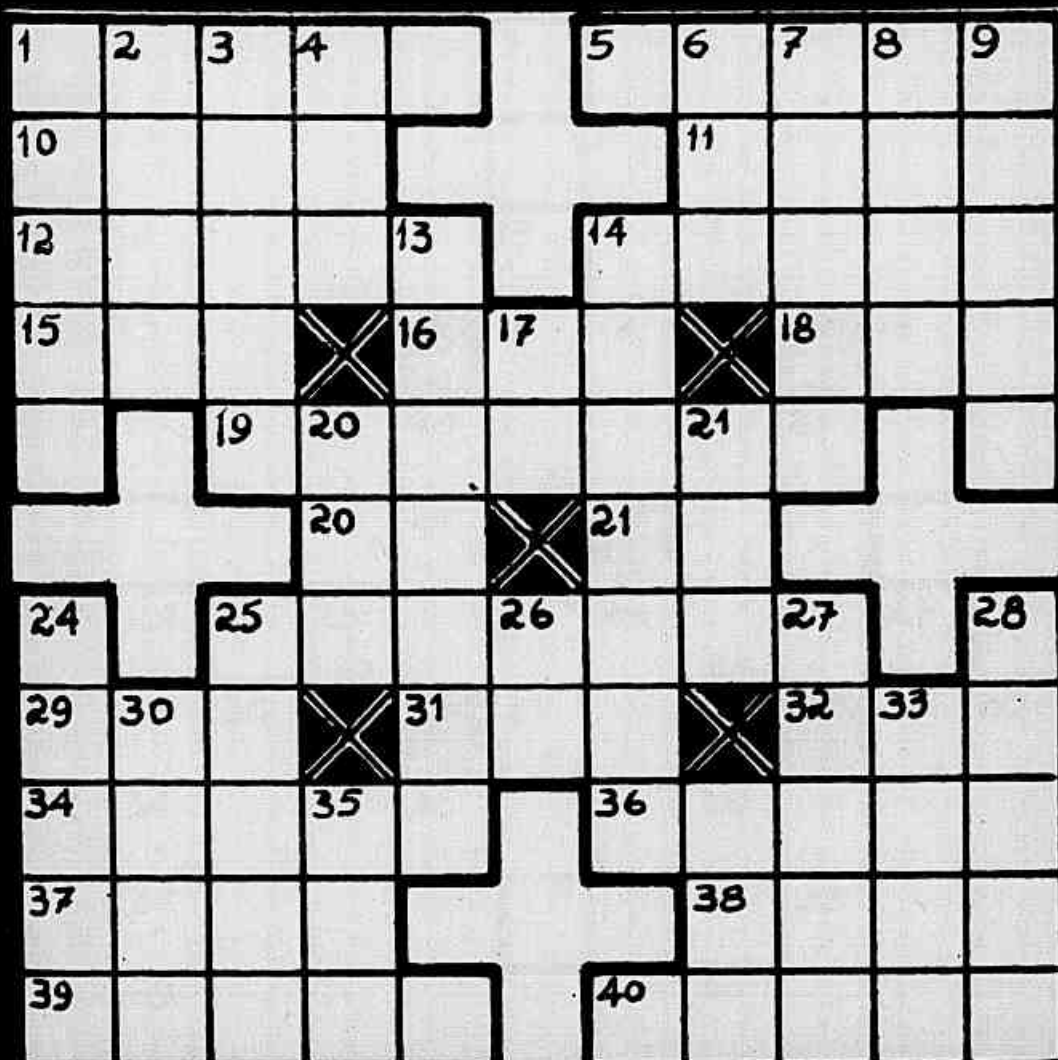
Em setembro de 1947 Stalin fundou o Cominform. O objetivo era "trocar experiências e realizar consultas" entre os vários partidos comunistas dos países satélites. A China (que Stalin, apesar de seu desejo, nunca pôde considerar satélite) não foi convidada. Do Ocidente figuravam os dois maiores partidos: o francês e o italiano. Logo se viu, porém, que o verdadeiro objetivo da organização era reforçar a liderança stalinista: o Cominform realizou apenas duas reuniões, ambas para adotar resoluções contra a Iugoslávia, que se recusou a deixar-se "enquadrar". O Cominform tornou-se um departamento do Comitê Central do PCUS (seu próprio semanário era censurado em Moscou, antes de ser impresso: havia um avião especial que levava e trazia as provas à capital soviética, para a censura) e passou a dar cobertura aos crimes ordenados por Stalin (fuzilamento de Rajk, Traicho Kostov, Slansky, etc.). Após o XX Congresso do PCUS, sua existência tornou-se insustentável e Krushev o dissolveu.

Krushev não pode manter-se no poder sem o apoio de outros partidos comunistas — principalmente do Partido Comunista da China. Mao Tsé Tung tem plena consciência disso, assim como têm Gomulka, Togliatti e Tito. E eles o apoiam, mas exigem alguma coisa em troca. No final das contas, há uma relação de interdependência entre eles e o Kremlin. Isso explica as concessões que fizeram a Krushev, para compensar o veto a um novo Cominform, em lugar do qual o 1.º secretário do PCUS terá que haver-se com a possibilidade de um eixo Varsóvia-Roma-Belgrado e com as "cem flores" de Mao.

1 — O Plano Quinquenal chinês depende da ajuda soviética. Há, atualmente, na China, milhares de técnicos soviéticos colaborando na construção industrial. A URSS está construindo (praticamente sem ônus para Pequim) trezentas grandes empresas para Mao Tsé Tung. Foi Krushev quem negociou (1953) os atuais acordos sino-soviéticos, que substituem os de 1950, feitos por Stalin. Ele foi pessoalmente a Pequim e tudo indica que, desde então (e em troca dos acordos) assegurou-se o apoio de Mao à luta contra o "culto à personalidade": as bases do futuro "relatório secreto" ao XX Congresso foram estabelecidas em Pequim, nessa época.

2 — Gomulka também depende de Moscou, que lhe dá ajuda material considerável (também foi Krushev quem fez os novos acordos com a Polônia, após a reviravolta de outubro de 1956), garante a estabilidade da fronteira Oder-Neiss, etc. Além disso, Gomulka não pode fugir aos compromissos decorrentes do Pacto de Varsóvia, com o qual não pode romper sem pôr em perigo a própria segurança do bloco oriental.

Vide EXTRA



TERESA RAQUIN

THERÈSE RAQUIN — Em preto-e-branco. Com Simone Signoret, Raf Vallone, Roland Lasaffre, Jacques Duby, Sylvie, Maria Pia Casilio. Direção: Marcel Carné. Argumento (baseado no romance de Émile Zola) e cenarização de Carné e Charles Spaak. Diálogos: Spaak. Produção Paris-Film (França) e Lux (Itália).

HA QUASE TRÊS anos, no Primeiro (e até hoje único) Festival da França Filmes do Brasil, "Thérèse Raquin" fez excelente impressão, ao lado de filmes tão bons quanto "As Diabólicas" e "Desespêro D'Alma" ("Le Défroqué"). Produzido em 1953, quando recebeu um "Leão de Prata" no Festival de Veneza, só agora, com quatro anos de idade, volta à exibição nos cinemas do Rio. Explica-se: não é "Cinemascope", "Superscope" ou coisa semelhante; não tem "trottoir" ou nudismo; o adultério não é tratado com sensacionalismo barato. Se Victor Mature em "Cinemascope" vale Cr\$ 18,00, por que perder tempo com Marcel Carné a Cr\$ 12,00?

SIMONE SIGNORET: — Teresa Raquin em Lyon do Século XX



O filme é uma adaptação livre do romance naturalista de Zola. "Para nós" — diz Carné — "havia duas soluções: situar o drama na época em que Zola o descreve fazendo uma ilustração de sua obra; ou respeitar a idéia do autor e, para isso, adaptá-la à nossa época, para dar-lhe um caráter e uma intensidade mais diretos. Adotamos a segunda solução. Contudo, para manter o interesse do espectador moderno, foi necessário encontrar algo mais que a situação dramática produzida pelo remorso e vimo-nos obrigados a introduzir uma nova personagem: a "testemunha". Esta, para nós, é o Destino, que reúne os amantes para, no final, separá-los definitivamente".

A história se transfere de Paris, fim do século passado, para a Lyon atual. Laurent (Raf Vallone) não é mais amigo de infância de Camille Raquin (Jacques Duby), é um operário italiano. Alterações mínimas. Mais importante: a morte de Camille não é premeditada friamente por Laurent e por uma Thérèse Raquin, presa ao dinheiro do marido; no filme, Thérèse abandonaria com prazer marido e dinheiro; por isso, Camille a leva a Paris; durante a viagem, marido e amante se chocam e este se torna assassino acidentalmente. Só pode haver uma causa para o acidente: porta mal fechada no trem. Thérèse recebe uma indenização da companhia. Quando os jornais dão a notícia, surge uma testemunha do crime (Roland Lasaffre) para fazer chantagem — elemento que substitui os remorsos do texto original. A morte de Camille, em vez de unir, separou os amantes. O chantagista os reúne. Eles resolvem comprar seu silêncio. Mas, no último momento, a tragédia completa seu ciclo envolvendo não só os amantes, mas também a testemunha, que simboliza o Destino.

A adaptação de Carné e Spaak enfureceu muitos críticos, principalmente no setor italiano responsável pela cobertura do Festival de Veneza. "Não basta alterar a época para tornar "contemporâneo" o drama de Thérèse", escreveu Guido Aristarco em "Cinema Nuovo"; pelo contrário, o filme constitui um passo atrás: faltam os elementos pre-

sentes no romancista, a denúncia da corrupção política, social, natural". Giulio Cesare Castello, em "Cinema", acha que o filme parece realizado por dois diretores: elogia a realização até o crime, encontrando nessa primeira metade um Carné fiel ao cineasta de "Trágico Amanhecer" ("Le Jour se Lève") e "Cais das Sombras" ("Quai des Brumes"); da metade para o fim, vê no "simbolismo" fatalista de Carné a mesma frustração de "As Portas da Noite".

Estamos, porém, com Jacques Doniol-Volcroze ("Cahiers du Cinéma"), que começa citando um texto da publicidade: "Como Anouilh permitiu-se retomar um tema de Esquilo, como La Fontaine utiliza Florian, como Liszt fez variações sobre temas de Chopin, Carné trabalhou sobre um tema de Zola; aliás, os amadores da história menor dirão que o próprio Zola retirou sua história de um Belot, autor de "La Vénus de Gordes", mas que esse Belot se contentara em narrar um caso real ocorrido em Gordes no meio do século XIX". "Apesar de tudo", diz Volcroze, "Carné e Spaak foram bastante fiéis a Zola — senão na forma, pelo menos em espírito. As modificações de detalhe não perturbam a linha dramática da obra. A única modificação realmente consequente é de ordem psicológica: em Zola, Thérèse hesita em partir porque tem a loja, a herança, o futuro garantido; a Thérèse de Carné tem um ar indiferente ao dinheiro. Mas, situando-se no plano da fatalidade, Carné, sem dúvida, tinha necessidade de uma heroína alheia aos bens materiais desse mundo. (...) Carné deu a esse pesadelo, a esse "hullos" de um amor impossível, uma grande cadência clássica".

Não se espere um filme tão importante quanto "Cais das Sombras" (provavelmente o melhor e, sem dúvida, o mais característico de Carné) ou "Trágico Amanhecer". "Thérèse Raquin" nada de novo acrescenta à obra de Carné. Mas é realização de grande vigor, e mais cinematográfica de Carné desde "Os Visitantes da Noite". Um filme que vai ocupar vários lugares no balanço do ano cinematográfico. Simone Signoret

está r
adapt
uma
(a ve
papél
exagé
alto r

NOT

HO
prêto-
Freem
Audr
Cenar
Donig
Produ
tists).

UM
rante
orden
aprox
cansa
pitão
ra à
const
tória
solda
mais
res. l
que
tico,

BRA

MU
las C
na, a
alde
tonie
atraco
são
briel
trán,
gues
los
gues

DE
Apai
estrê
Anki
seu
do a
come
tame
quac
son
& A
tante
levar
Pers
os h
sess
"sho
Rob
ros
Gon
zi, l
baja
apoi
Her
sim,
vel
ract

está magnífica. Raf Vallone, muito bem adaptado ao papel. Roland Lesaffre, uma revelação. Jacques Duby e Sylvie (a velha Raquin), ótimos, embora os papéis talvez sejam um pouco por exagêro. Fotografia de Roger Ubert, de alto nível.

NOITE SANGRENTA

HOLD BACK THE NIGHT — Em preto-e-branco. Com John Payne, Mona Freeman, Peter Graves, Chuck Connors, Audrey Dalton. Direção: Allan Dwan. Cenarização: John C. Higgins e Walter Doniger. Original: novela de Pat Frank. Produção de Hayes Goetz (Alied Artists).

UMA COMPANHIA que combateu durante toda a guerra no Pacífico, recebe ordem para voltar quando a vitória se aproxima. Mas não para casa. Embora cansados e deprimidos, os homens do capitão John Payne terão de dar cobertura à retirada de uma divisão, sob fogo constante dos japoneses. Mais uma história vulgar sobre o espírito de luta dos soldados americanos sob as condições mais adversas. Mau diretor, péssimos atores. E a propaganda diz "Allied-Vision", que é apenas um vocábulo propagandístico, sem significação técnica.

BRASIL 1 X MÉXICO 1

MULHER DE BRIGA ("Que Bavas son las Costeñas"), comédia musical mexicana, atraca o late de Andy Russell em uma aldeia de pescadores, enquanto Maria Antonieta Pons e Evangelina Elizondo se atacam pelo rapaz. Os números musicais são de Mário Ruiz, Andrés Huesca, Gabriel Ruiz, Silvestre Mendez, Pablo Beltrán, Evangelina Reyes. Roberto Rodriguez dirigiu. Ricardo Parada Leon, Carlos Gonzales Dueñas, e Roberto Rodriguez escreveram. (Pelmex).

DE PERNAS PRO AR! (Carioca) — Apaixonado pelo teatro de revista e pela estréla (Renata Fronzi) da companhia, Ankito tumultua um espetáculo e perde seu emprêgo de maquinista. A exemplo do amigo Grande Otelo, vai trabalhar como camelô em frente a um banco, justamente no dia do assalto planejado pela quadrilha Renato Restier-Costinha-Wilson Grey. O "rapa" se aproxima de Otelo & Ankito no momento em que os assaltantes se retiram. Na confusão, os ladrões levam a maleta dos camelôs e vice-versa. Perseguidos pela polícia e pela quadrilha, os heróis vão dar no teatro, em plena sessão, e "roubam" involuntariamente o "show". No elenco: Darcy Coria, Fininho, Roberto Duval, Jorge Murad. Em números musicais: Emilinha Borba, Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto, Renata Fronzi, Bienvenido Granda e Orquestra Tabajara de Severino Araújo. Os "créditos" apontam Victor Lima como "diretor" e Herbert Richers como "realizador". Assim, é difícil dizer quem foi o responsável pelo espetáculo, que tem todas as características de preenchimento burocrá-

tico do decreto "oito por um". Lima escreveu e cenarizou. Oswaldo Massaini produziu.

CURUÇU, O TERROR DO AMAZONAS

CURUÇU (ou "Curucu, Beast of the Amazon") — Em "Eastmancolor". Com John Bromfield, Beverly Garland, Tom Payne, Harvey Chalk, Sérgio de Oliveira, Wilson Viana, Andrea Byard, Luz Del Fuego. Direção, história e cenarização. Curt Siodmak. Produção de Richard Kay e Harry Rybinick. Co-produtor no Brasil: Jeffrey Mitchell. (Universal).

TODO MUNDO diz cobras e lagartos dêsse filme que, além dos citados, inclui muitos outros bichos: piranhas, onças, aranhas robustas, jacarés, macacos, etc.



Detetive Victor Mature: Anita Ekberg disse onde estava o criminoso

Dizem que tem até búfalos. Só se o Jardim Zoológico do Rio possui alguns desses animais, porque nos outros locais de filmagem não os terá podido encontrar a equipe de "Curucu". Mr. Siodmak (não confundir com Robert Siodmak, de "Silêncio nas Trevas") dirigiu seu elenco americano-brasileiro em exteriores paraenses, campineiros e juntos às quedas do Iguaçu. A bicharada, porém, deve ser toda da Quinta da Boa Vista, onde vários repórteres surpreenderam o heróico John Bromfield em luta com cobras letra "O" e jacarés aposentados. Em programa duplo com outro filme "de horror" da Universal, "Curucu" fez grandes bilheterias nos Estados Unidos. O que não quer dizer nada, porque, na "coqueluche" crônica pela "ficção científica" e suas corruptelas, até "Fui um Lobisomem Adolescente" teve muito sucesso, há pouco. Além de Tom Payne (diretor de "Arara Vermelha"), Sérgio de Oliveira, Wilson Viana, Andrea Byard e Luz Del Fuego, evidentemente fantasiados no elenco, a equipe inclui outros elementos do cinema brasi-

leiro, como o fotógrafo Rodolfo Icsey e o cenógrafo Pierino Massenzi. Icsey é bom técnico, mas, segundo consta, a fotografia não podia ser pior. Filme "comum", "Curucu" vem sendo explorado como "Superscope" para efeito de bilheteria.

PERSEGUIÇÃO SEM TRÉGUAS

INTERNATIONAL POLICE, em "Cine-mascope" preto-e-branco. Com Victor Mature, Anita Ekberg, Trevor Howard, Bonar Colleano, André Morell, Martin Benson, Dorothy Alison, Peter Illing, Eric Pohlmann, Sydney Tafler, Alec Mango. Direção: John Gilling. Cenarização: John Paxton. História original: A.J. Forrest. Produção de Irving Allen e Albert R. Broccoli (Warwick) para a Columbia.

UM AGENTE AMERICANO (Victor Mature) na pista de um traficante internacional de entorpecentes (Trevor Howard) e sua cúmplice (Anita Ekberg), pelas ruas escusas de Nova York, Londres, Lisboa, Roma, Nápoles e Atenas. Prêsa, Anita ajuda Mature a descobrir Howard e apreender três milhões de dólares em drogas.

Vão do medíocre ao péssimo e, geralmente, não entram nas cogitações da crítica mais exigente as fitas da Warwick, polifíca empresa-satélite da Colúmbia, com base de operações na Inglaterra. Recorre sempre a "astros" americanos e elenco de apoio inglês. O próprio Victor Mature já foi convocado em outras ocasiões ("A Morte Espreita na Floresta", "Zarak"), com péssimo resultado. Trevor Howard é o melhor do elenco. A história é comum, mas pode-se esperar um tratamento no mínimo interessante de John Paxton ("Horas Intermináveis"). A canção "Anyone for Love", de Lester Lee e Ned Washington, tem interpretação de Yana.

QUEM É VOCÊ?

TESTES



DESCONFIADO — 25 anos — Você é ordenado demais, rapaz. Tem mania de perfeição, de tudo em seus lugares, de alta fidelidade nos seres humanos como se exige dos aparelhos. Ou trata de conformar-se com os erros dos amigos e parentes ou vai sofrer muito e fazer outros sofrerem — ninguém consegue fazer feliz a um homem que tem mania de alta fidelidade... afinal de contas espôsas e amigos não são aparelhos elétricos... Sensível e bom.

MAU DESENHISTA — 31 anos — Infância infeliz, cheia de acontecimentos dolorosos e de insegurança. Hoje está começando a crer na vida, graças à sua espôsa. Mas se preocupa demais consigo mesmo, se analisa dia e noite — a ponto de estar descambiando para a egolatria — Excesso de preocupação consigo ou com a própria perfeição pode ser vaidade disfarçada, não? E porque não busca ser mais carinhoso e amigo de sua espôsa? Admiração à distância e em silêncio faz até mal, rapaz.

JOBEL CAMPOS — 53 anos — Nunca foi tão feliz quanto é agora. Adquiriu uma serenidade que lhe faltou até então. Dá mais ao seu pai que à sua espôsa — talvez pelo estado de saúde dele. Mas cuidado, sr. Jobel — espôsas não gostam de segundos lugares... Problemas com o filho mais moço. Acha a irmã sem iniciativa, queria que ela não lhe pesasse tanto nos ombros, fôsse mais fácil de lidar.

XISPADA — 48 anos, casada — Sua vontade é mesmo dar uma "xispada" de casa, não é? Cansada, nervosa, fala demais, zanga com as meninas, irrita-se com o marido. Conhece a água milagrosa que evita aborrecimentos domésticos? E' muito boa... ponha na boca uma parcela d'água toda vez que quiser discutir. Verá como diminuem logo os aborrecimentos domésticos... E compenetre-se de que nada há lá por fora que valha seu lar, Xispadinha...

E.M. — 19 anos — Não mandamos respostas pelo correio. E não sei porque tanto sigilo. E' boa, tem uma família normal, equilibrada, gente calma — benza-se e agradeça a Deus...

P. QUARENTA — 34 anos — Por que teriam seus pais e sua irmã de aparecer no seu teste? Problema de "filhinho da mamãe", menino mimado que não consegue independência total ao casar-se e prejudica a família (espôsa, principalmente)

não se sentindo adequado ao novo lar... Em crise com a espôsa justamente por estar vivendo em dois ambientes que não se integraram ainda... e não se integram enquanto o senhor não ajudar mais...

ANDRÉ MARCOS — 28 anos — Quer um conselho, antes do diagnóstico geral? Procure um médico. Está agitado, revoltado, angustiado. Deve estar com neurose de angústia. Só orientação especializada lhe trará paz de espírito e fará sentir-se bem. Tem sofrido desde menino e está esgotado.

JABOTICABA — 22 anos — E' casada, desenha a família toda, põe o papai em relêvo, escreve em baixo, sem que lhe fôsse pedido: "desenhei meus parentes mais próximos que conheci e conheço" e nem faz referência ao marido... Drama conjugal, não é? E de natureza muito especial segundo outros pontos do teste. Leia alguns livros sobre casamento, Jaboticaba. Muito drama do tipo do seu seria resolvido se os casais não tivessem tanto mêde de conversar sobre sua vida com um bom médico entendido em casamentos, não acha?

LADY GRAY — 18 anos — Você está com a consciência culpadinha de mais... não? Seu noivo avança sinais morais e você deixa. Teme o olhar agudo de sua avó que, a seu ver, já percebeu tudo. Contenha-se, filha. Uma noiva que não sabe conter-se deixará sempre o marido a pensar, amanhã, que ela é capaz de tudo — pois é incontinente... Se ele a ama de fato deverá entender suas restrições.

GEORGE SAND — 25 anos — Você é bem o tipo da "titia" antiga. Vive em função de irmãos, afilhados, sobrinhos e parentes em geral — deixe de ser assim dedicada. Tem desejos de ser moderna, de viver sua vida mas recalca êstes impulsos, sendo exatamente o contrário, uma pessoa dedicada em excesso, sem vida própria. Procure o meio têrmo e saiba que viver sua vida dentro dos padrões e morais é um dever — já não é só um direito...

OLHOS DE GATO — 23 anos — Infância muito sem alegria, sem brincados, sem riso e felicidade. Hoje se sente espezinhada, revoltada, acha que sofre injustiças. Seus pais vivem mais para os netos que para você que é solteira. Nervosa, vive à procura de paz interior. Não estará, acaso, Olhos de Gato, querendo mais receber do que dar? "É dando que se recebe", diz São Francisco de Assis.

CAPIRINHA ANSIOSA — Que desejo tem você de vir para a cidade, menina... Acha a vida aí prosaica e sem finalidade. Sonha viver um grande romance, uma grande vida. É preciso saber que grandes vidas são as das mulheres simples, que põem fita no cabelo da menina, que enfeitam as mesas, e fazem pudins... Viver momentos arrebatadores ou instantes de martírio não é dado a todos. Conformemo-nos em ser o que nos foi destinado, em viver bem o nosso papel. Aí em tôrno de você há de haver milhares de oportunidades. Olhe para o lado, tente encontrar os que lhe darão oportunidades de servir, de ser útil.

CARLA — 24 anos — Infância difícil, naturalmente por falta de mãe. Sente-se incapaz, sem braços para agir. Preocupada com a saúde do pai (êle está muito gordo?). Acha as tias sem iniciativa, vidas tristes e não as quer imitar. Ciúmes de pai com a irmãzinha de criação. Não sabe bem o que quer, por isto se sente insegura.

JOAO NATAL — 45 anos, feminino — Para bem dizer, João Natal (que estranho pseudônimo para u'a mulher) você só desejou mesmo o primeiro filho. Tem um orgulho justificado dele mas sente que êle é mais ligado ao seu marido. Você é boa espôsa, tem muito desvêlo pelo filho menor e entende pouco as meninas. Acha-as independentes, impreensíveis. Busque ler algo sobre adolescência para melhor conviver com elas. Nossos adolescentes vivem inseguros, sem amparo, porque não encontram nos pais um pouco de clarividência, de conhecimentos de natureza psicológica.

ÍNDIA GOIANA — 22 anos — Você está confusa, sem ordem, super-irritada. Não gosta de seu pai. Acha que seus pais vivem para si mesmos e não para vocês. Refugia-se no amor da pretinha que resolveu criar. Seria ótimo que a estivesse criando mas não como o faz — vivendo com ela à parte, como se não houvesse lugar para as duas na família. Já tentou um esforço pelo bem geral de todos aí? Quem sabe não haverá culpas também de seu lado, Índia? Tendências artísticas.

AUREA DA SILVA PIRES — Teste prejudicado, Aurea. Não disse quem são os personagens. Mas do prejuízo já se conclui uma coisa — é afeita demais, faz as coisas sem meditar, sem refletir.



Mais emocionante que um Fla-Flu...

AS MOÇAS JOGAM "PELADAS" NAS PRAIAS DE FORTALEZA



... melhor que um Corinthians e São Paulo...



... mais bonito que Atlético e América...

COMPROMETIDA A UNIDADE DO BLOCO NORDESTINO

ADALGISA COLOMBO, carioca, 17 anos, morena de olhos castanhos, 1 metro e 71, 56 quilos, curvas de nível demarcadas pelos pontos de cota 93-60-94, esteve em Fortaleza.

Fazendo: o primeiro desfile de maiôs no Ceará, tomando banho de mar e jogando de beque.

Desfeita a nuvem em forma de cogumelo, os cientistas procuraram sobreviventes. Não houve. Radiações atingiram o Recife — onde mais tarde nova explosão abalou o Nordeste. (Reportagem no próximo número).

De vários pontos de Sergipe, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão chegaram protestos.

O uniforme com que as moças entraram em campo, na Praia de Iracema, era maiô de duas peças e lenço na cabeça.

Sismógrafos de toda a parte do mundo registraram o abalo causado — segundo os cientistas — pela deslocação de ar.

Os protestos chegados até nós diziam: "Abusiva prioridade e exclusividade Fortaleza Recife jogo de futebol garôtas compromete unidade Bloco Nordeste".

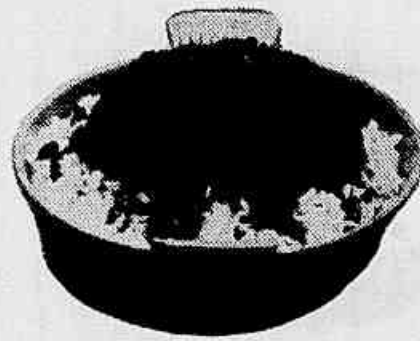
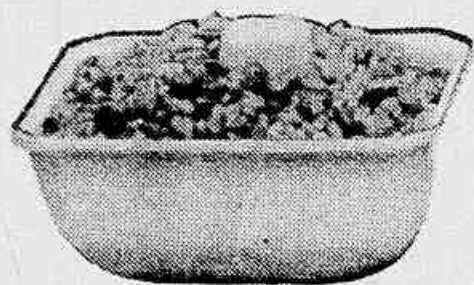
Jogaram (e marcaram gols): Adalgisa Colombo, Patrícia Lacerda e Maria Helena Glória.

Contundidos: com a invasão de campo, 12 torcedores.

Para o selecionado brasileiro de "pelada" indicamos Adalgisa Colombo.



... as moças jogando "pelada" na Praia de Iracema.



O FEIJÃO ÉSSE DESCONHECIDO

Diz-se comumente que um feijão é bom quando o seu cozimento é rápido e uniforme. Existem diversas maneiras práticas de se conhecer se um feijão é bom, sem levá-lo ao fogo. Mas nem sempre elas dão resultado positivo, pois se condiciona facilmente o artigo, para que produza tais reações. A mais correta e garantida é levá-lo ao fogo e fazer a experiência. Esta pode variar, segundo a panela usada. Se a panela é de pressão, o tempo médio gasto é de vinte e cinco minutos. Se a panela é comum, aberta, a média é de uma hora e cinquenta e dois minutos. Isto para o bom feijão. Os outros meios para fazer a experiência são os seguintes:

1º) Leva-se um grão aos dentes e comprime-se levemente. Se fôr de boa qualidade ele não quebrará fazendo barulho, e sim, se desmanchará no local comprimido e se dividirá em duas partes.

2º) Coloca-se uma pequena quantidade na mão, fecha-se esta e chocalha-se. Se o som produzido é ôco, o feijão não serve.

3º) Repete-se a experiência anterior, mas ao invés de chocalhar bafejam-se os grãos. Se, ao abrir-se a mão, eles se apresentarem embaçados, são de boa qualidade.

4º) Veja-se a presença de corpos estranhos. Se houver barro vermelho, terra, gravetos, etc., é (normalmente) um bom feijão.

Podem-se fazer tôdas estas experiências mas para ter certeza o melhor é colocar o feijão no fogo. E se o artigo não lhe agrada devolva-o a seu fornecedor: ele tem obrigação de fazer a troca, pois é comum entre os atacadistas a compra sob condição de boa cozedura. E para mais garantia compre pouco (para experiência) e deixe para depois fazer o estoque em casa.



Não tenha acanhamento ou receio de usar produtos enlatados. É comum ouvir-se dizer que tais produtos são veículos de doenças infecciosas e são prejudiciais ao organismo. A verdade é o seguinte: existe um bacilo chamado "Clostridium botulinum", descoberto em 1894, que produz uma doença chamada botulismo. Este bacilo desenvolve-se nas conservas enlatadas que não tenham sofrido um processo correto de esterilização. Sua presença é mais acentuada nas latas que se encontram estufadas. No Brasil a presença do "Clostridium" não foi assinalada, nem mesmo naquelas latas que se apresentam como um bom campo. Assim, o uso de conservas enlatadas não deve ser evitado, pon-do-se de lado apenas as latas deformadas por causa da alta fermentação resultante da entrada de ar no processo de fechamento.



Como proceder com as azeitonas: retire-as imediatamente das latas, após abri-las, e coloque-as em recipiente de vidro ou plástico. Antes prepare uma salmoura bem forte e ponha dentro dela umas rodela de batatas descascadas. Não coloque nunca a mão nas azeitonas a serem guardadas. Evite

totalmente a geladeira, pois além de endurecer o produto tira-lhe todo o sabor.



Azeite a Cr\$ 70,00 a lata. No ano passado, quando a geada queimou grande parte das oliveiras e por esta razão ficou proibida a exportação do azeite das fontes produtoras, o azeite alcançou aqui preços astronômicos. Muitos dobraram seu capital fazendo especulação. Agora a exportação está franqueada e surgiram novos campos produtores. A COFAP, que sempre aproveita as oportunidades normais de queda do produto para fazer propaganda, lançará na praça, através de seus postos revendedores, o azeite a setenta cruzeiros por lata. Será a "Campanha do barateamento de artigos para o Natal".



As partidas de mercadorias para o consumo durante as festas de Natal ainda não chegaram. Os artigos que estão sendo vendidos são sobras do ano anterior. Aguarde um pouco mais e compre artigos frescos.



Não haverá falta de manteiga para o Natal. O período de falta de leite, que corresponde aos meses de setembro a novembro, já está no fim. Assim a produção começa a normalizar-se e o produto a cair de preço. Neste campo também a COFAP anuncia que vai entrar. Anuncia que "venderá o produto por preços reduzidíssimos".



"... e outra coisa: será que eu sou obrigado a usar esse mesmo avental estampado, entra ano, sai ano?"

ALEC



ANITA PRESTES — Cartaz em quatro cores da campanha

DESENVOLVE-SE A CAMPANHA DE RELAÇÕES PÚBLICAS DO PC

OS COMUNISTAS TENTARAM obter na Câmara Federal uma moção de congratulações pelo regresso ao Brasil de Anita Prestes. Prepararam um texto hábil, dando-a como vítima do nazismo, etc., para colher assinaturas de deputados de todos os partidos. Mas até mesmo os deputados de esquerda não quiseram fazer jôgo tão aberto no trabalho de relações públicas que prepara a volta do PC à legalidade.

Outro fato que vem demonstrar a mudança de tática do PC: a entrevista coletiva (Revista da SEMANA, 30-11) de Anita Prestes aos jornalistas na residência da escritora Jurema Finamour.

E agora, a entrevista que a sra. Lúcia Brandão Prestes, irmã de Luís Carlos Prestes e esposa do escritor Otávio Brandão concede à Revista da SEMANA.

Além disso, Anita voltou a posar (com exclusividade) para a Revista da SEMANA com um vestido típico de camponesa russa.

x x x

Um erro de cálculo dos aviadores alemães salvou o Kremlin na última guerra mundial. Quando Moscou começou a ser bombardeada, todos os russos temiam pela sorte do grande e belo palácio que já hospedou Ivan, o Terrível, e hoje hospeda Kruchev.

Quem nos conta êste e outros episódios (inéditos) da guerra na Rússia é a sra. Lúcia Prestes Brandão, esposa do escritor Otávio Brandão e irmã do líder comunista Luís Carlos Prestes.

D. Lúcia viveu quinze anos em Moscou. Foi para lá em 1931 e logo casou com um russo, Vassili, com quem teve um filho, Roberto, hoje com 19 anos de idade e pronto para se naturalizar brasileiro. Morto Vassili, d. Lúcia casou-se com o escritor brasileiro Otávio Brandão, que naquela época morava em Moscou, onde funcionava como representante do Partido Comunista Brasileiro no Komintern.

D. Lúcia vivia na Europa trabalhando numa casa editôra enquanto seu marido funcionava no Kremlin. A vida ia muito bem até o dia em que o país dos soviets resolveu entrar na guerra depois de ter sido agredido pela Alemanha de Hitler. Todos, então, foram convocados para enfrentar o inimigo. D. Lúcia era brasileira, mas não escapou. Ou melhor: antecipou-se à convocação apresentando-se como voluntária à Cruz Vermelha. Dali foi transferida (contra sua vontade) para o Corpo de Bombeiros onde teve de fazer um curso de apagar incêndios com drogas químicas.

Quando d. Lúcia foi se apresentar ao comando dos bombeiros, para onde não queria ir, o comandante lhe perguntou o nome: Lúcia Prestes. "Sou irmã de Luís Carlos Prestes". O oficial respondeu, cara amarrada: "Estimamos muito o Prestes, minha senhora, mas aqui não há pistôlão. A sra. vai ficar aqui mesmo, apagando o incêndio".

Como membro do corpo de bombeiros a irmã de Prestes foi destacada para a Defesa Anti-Aérea. E conta, hoje, em Ipa-

nema, como se deu o bombardeio de Moscou: os alemães mandavam, na frente, aviões de reconhecimento que voavam a baixa altura, em vôos quase razantes. Soltavam umas bombinhas somente para incendiar as casas dos subúrbios da cidade. Mas às 11 horas da noite o bombardeio (de verdade) começava: e tudo era destruído.

Um dia d. Lúcia estava num quartel conversando com companheiros de vários países: cada um contava a sua história, relembrava o seu país, a sua família, os seus amigos. Súbito o rádio (que mantinham ligado dia e noite) parou de tocar música e o locutor falou, voz trêmula: "Atenção, ataque aéreo". E parou de falar.

O céu ficou cinzento-escuro, os telhados das casas de Moscou apinhados de canhões anti-aéreos, milhares de obuses caíam do céu, cada disparo era um chuveiro de luzes. D. Lúcia manejava as mangueiras, apagando os incêndios que se formavam após a chuva de bombas. Foi neste dia que o Kremlin quase desaparece. Os alemães pretendiam destruí-lo de qualquer maneira, muito embora não tivessem certeza de que Stalin se encontrasse lá dentro. Uma bomba caiu sobre a Universidade de Moscou, a poucos metros do palácio onde viveram (e ainda vivem) os grandes chefes da Rússia. O Kremlin escapou, por milagre.

Stalin, segundo d. Lúcia, foi um grande líder na guerra. Saía à rua, falava em praça pública concitando o povo à luta contra o nazismo e a invasão. E o povo russo começou a compreender o sentido da luta quando Molotov (antigo ministro do Exterior, hoje expurgado) disse pelo rádio: "Nossa causa é justa. A vitória é nossa".

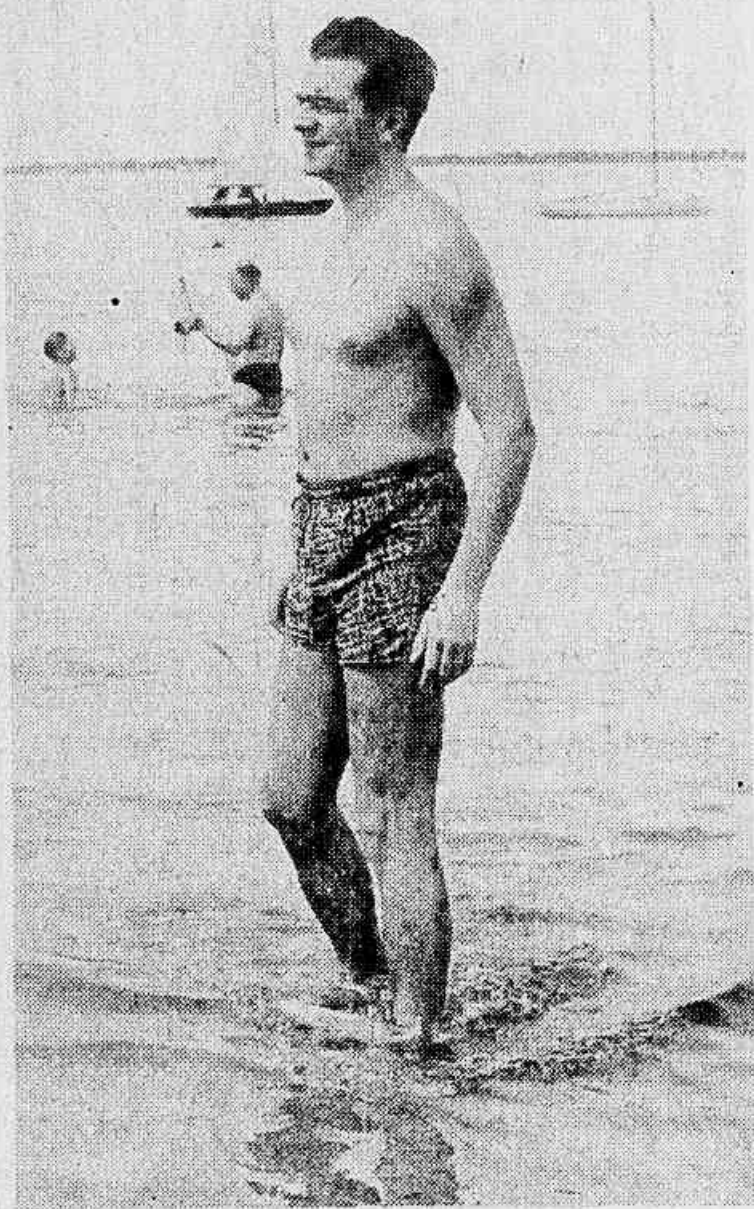
D. Lúcia regressou ao Brasil em setembro de 1946. Em junho soubera que o Partido Comunista voltara à legalidade, seu irmão elegera-se senador, havia um clima de liberdade para os comunistas, integralistas, e tudo o mais. Trouxe seu filho Roberto (de Vassili) e sua filha Glória (Glôrinha para os íntimos) filha de Otávio Brandão.

Com o marido na ilegalidade d. Lúcia tratou de aprender aerofotogrametria (já sabia metalurgia) para fazer um concurso para o IBGE. Diz que entrou "de mansinho" sem sequer aludir ao seu parentesco com o líder comunista brasileiro. Hoje, todos os seus colegas sabem-na irmã de Prestes e esposa de outro comunista. Mas não ligam. E d. Lúcia dizendo que no Brasil respira-se, atualmente, um clima de liberdade (Prestes vem aí e com ele o PC na legalidade para concorrer às próximas eleições) recorda os seus tempos de Moscou, a guerra, e o episódio que mais a emocionou na Rússia Soviética: quando viu numa livraria de Ufá, capital da Baskíria (Monte Urais) um retrato do seu irmão. Perguntou ao livreiro quem era aquele homem. "Prestes, minha senhora, o Cavaleiro da Esperança".

D. Lúcia comprou o retrato e o tem guardado até hoje.

"O PRESIDENTE JUSCELINO Kubitschek poderá vir a ser para o Estado do Rio o que Ramsés II foi para o Egito. Isto foi dito pelo deputado Dail de Almeida (fluminense) ao se referir na Câmara ao problema da usina de Caraguatatuba. Ele propôs um acordo entre o Estado do Rio e São Paulo que compromettesse a ambos colaborar com cinco décimos de sua receita para a retificação do rio Paraíba ("o Nilo do Estado do Rio").

MORREU AO MEIO-DIA de sábado 29 em sua residência em Roma o último grande intérprete da ópera italiana: **Beniamino Gigli**, sucessor de Enrico Caruso. Gigli morreu rodeado de sua esposa Constanza, sua filha (soprano) Rina, seu neto e seu irmão (político) Lello Cerroni. **Seus médicos informaram que ele gozava boa saúde tendo sofrido repentinamente uma pneumonia bronquial.** Gigli cantou durante a última guerra (e antes dela) para Mussolini e Hitler e por isso foi considerado fascista por muitos anos, sendo impedido de cantar em Londres e Nova



FELIX GAILLARD (38 anos) é o Primeiro-Ministro mais jovem que a França teve. Ele é um ótimo jogador de tênis e nadador de "crawl", mas não tem muita sorte com o ski aquático. Sorte ele tem tido na Assembléia, onde já conseguiu (em poucas semanas de governo) numerosos votos de confiança, quase todos ligados à questão argelina. Essa questão tem derrubado vários gabinetes anteriores e a ela está ligada a sorte de M. Gaillard (foto), que tem opinião muito firme sobre o assunto e diz: "é tão absurdo pensar na independência da Argélia quanto na independência de Paris".

York. Estêve no Brasil em 1951 inaugurando a nossa primeira estação de televisão. Tinha 67 anos de idade. Em 1955 seus médicos proibiram-lhe de cantar, porque estava sofrendo de "agudas perturbações internas".

EMBORA CONTRA a vontade dos funcionários do Palácio, a rainha Elisabeth II recebeu Grace Yelly como princesa do Principado de Mônaco e não — como queriam os funcionários e os esnobes de Londres — como ex-atriz de Hollywood. Elisabeth e Grace tornaram-se amigas depois do encontro e de um almoço em Buckingham. Disse o Daily Herald (oposição trabalhista) que a rainha ficou felicíssima com a visita de Grace.

UM ESTUDANTE de Amsterdam, Han van der Klift, por falta absoluta de recursos e para custear o curso de medicina, organizou um serviço telefônico para contar contos de fadas às crianças, despertar clientes à hora que desejam e marcar encontros entre pessoas muito ocupadas. O serviço foi iniciado para atender as pessoas que precisassem de levantar-se cedo. Pouco depois, o estudante criou o serviço de "mensagens particulares" para marcar consultas com médicos, advogados, dentistas e, finalmente, escreveu contos de fadas e os gravou em discos, que podem ser escutados pelas crianças, bastando, para isso, discar um determinado número telefônico.

ECONOMIA

A FAMÍLIA DO FALECIDO E. G. Fontes pleiteou do Banco da Prefeitura o empréstimo de Cr\$ 48 milhões para pagamento do imposto de transmissão relativo ao montante do inventário. Foi negado. **Há muitos anos, empréstimo semelhante foi concedido à viúva Martinelli.**

FIRMAS BRASILEIRAS e estrangeiras estão sendo chamadas pelo governo para participar, mediante vultosa contribuição financeira, da Exposição Internacional de Bruxelas. Algumas delas estão se recusando sob alegação de dificuldades financeiras.

A CÂMARA PORTUGUESA de Comércio — declarou à imprensa o sr. Antônio Alves Sarda, seu presidente repelindo a propaganda (gratuita) que alguns produtos estrangeiros não-portuguêses fazem de Portugal, usando na marca nomes de cidades lusas como Estoril e Ribatejo iniciará, brevemente, uma ofensiva judicial contra "essa mistificação", pedindo a cassação daqueles registros comerciais.

"Um comprador incauto — disse o sr. Sarda — vai pelo nome estampado na lataria ou na palheta, na boa fé de estar adquirindo um produto fabricado em Portugal, de lá importado pelo comerciante. Acontece que, em letras pequenas, quase invisíveis, está escrito a procedência da mercadoria, que pode ser tanto da Argentina quanto do ruguai ou da Espanha. Outro país, que não Portugal, não

pode lançar mão de nome de cidades portuguesas para colocar em suas marcas comerciais, sob pena de se tornarem ilegais, sendo que as cláusulas que regem os registros no Departamento de Propriedade Industrial do Ministério do Trabalho permitem a cassação de registros de títulos comerciais que usam nomes de cidades ou de países de onde não proceda o produto".

320,3 MILHÕES DE DÓLARES foi o valor registrado pela Superintendência da Moeda e do Crédito no primeiro semestre de 1957, relativo a capitais estrangeiros autorizados, envolvendo investimentos e financiamentos, 140,7 milhões de dólares foi quanto a SUMOC registrou em igual período do ano passado e 44,4 milhões dos primeiros seis meses de 1955. Esses capitais entraram no Brasil sob a forma de equipamento para fins industriais, sem cobertura cambial — tudo de acordo com a Instrução n.º 113. Não obstante o volume dos capitais registrados, houve um déficit no movimento em dinheiro: 14,7 milhões de dólares.

A OCLUSÃO DE UMA pequena artéria no cérebro do presidente Eisenhower foi o bastante para que, em menos de uma hora, a Bolsa de Nova York registrasse prejuízos na ordem de 5,0 bilhões de dólares. Foi com alívio que o mundo dos negócios (especialmente) soube da pronta recuperação do presidente americano, o que poupou a nação, muito provavelmente, de uma corrida sem precedentes, desde 1929. Em dois anos Eisenhower sofreu do coração, operou o intestino, teve gripe e agora esta oclusão. A cada um desses infortúnios, a economia americana sofreu um choque violento.

NO VASTO CAMPO da indústria trava-se uma batalha em torno da borracha sintética. Dois grupos estão interessados na sua produção. Um composto pela Companhia Brasileira de Estiremo e pela Koppers, ambas subsidiárias da Koppers & Co. e da Firestone Inc., dos Estados Unidos. Outro, representado pela Bakol, uma das subsidiárias brasileiras da Union Carbide. Grupos brasileiros que desejavam participar da indústria petroquímica estão preferindo assistir à luta.

TELEVISÃO

A TELEVISÃO (que conserva seus divertimentos no lar) tenta levar agora a família para a TV. Pat Boone estreou sua filha Cherry Lynn, de 3 anos, em seu programa; James Mason levou sua filha Portland, de 8 anos, para o programa de Dean Martin e Frank Sinatra, que atua na TV uma vez por semana, canta juntamente com sua filha Nancy (soprano) de 17 anos, e de vez em quando lança um show diferente com a participação de seus dois outros filhos, Frank Jr. (13 anos) pianista e Cristian (9 anos), bailarino.

TODOS OS LÍDERES comunistas que participaram (14 a 16 de novembro) da assembléia dos Partidos Comunistas, em Moscou, já regressaram a seus países e a maioria deles fez declarações, mas nenhum acrescentou qualquer dado novo ao que se sabia dos resultados da reunião no Kremlin. Duas semanas depois desta, os observadores de assuntos soviéticos mantêm a conclusão de que **ela não trouxe alterações de monta às relações entre os países do bloco oriental:**

1 — As concessões feitas a Krushev ficam num plano "teórico", na reafirmação de posições ideológicas. O reconhecimento da liderança soviética no "campo do socialismo" e a condenação velada do "comunismo nacional" visaram principalmente a contrabalançar as teses iugoslavas (Kardelj não assinou a Declaração Conjunta de 21 de novembro).

2 — Mao, Gomulka, Togliatti e Kardelj fizeram questão de reafirmar suas teses sobre os "caminhos próprios para o socialismo". Chegou a haver, por isso, desentendimento sério durante a assembléia e por isso a redação do comunicado final demorou quatro dias.

3 — Eles continuarão seguindo os caminhos que se traçaram, apesar da opinião soviética. Mao não abriu mão da política das "cem flores" e isso foi considerado tão importante e tão grave que Mikoian fez uma declaração pública (para governo de Ulbricht, Novotny, Kadar e outros) dizendo que as "cem flores" só podem florescer "nas condições específicas da China".

4 — Krushev, embora não conseguindo o que desejava, obteve uma declaração que poderá explorar para seu próprio prestígio e reforço de sua posição no Kremlin.

5 — Quanto às relações entre a União Soviética e os demais países do bloco socialista, nada de novo sob o "Sputnik".

POR CAUSA DE TRÊS granadas quase que o presidente Sukarno não pôde vir ao Brasil. Ao deixar uma escola de Jakarta no último dia do mês passado, o presidente indonésio sofreu um atentado. Ouviu-se um tiro de revólver e 3 granadas foram atiradas para o lado onde Sukarno se encontrava. **Imediatamente Sukarno levou uma muito bem dada rasteira (dos seus guarda-costas)** e caiu ao chão seis guarda-costas caíram em cima do presidente protegendo-o contra os estilhaços das granadas. **O presidente nada sofreu** a não ser suportar o peso dos seus seis guarda-costas por alguns instantes. **Do atentado a Sukarno saíram feridas 137 pessoas e morreram 10.** Um dos guarda-costas do presidente levou um estilhaço de granada.

EM VISTA DO FRACASSO da Assembléia Nacional Constituinte **as próximas eleições argentinas** — a 23 de fevereiro de 1958 — se desenvolverão sob a "lei



INFORMAVA-SE ESTA semana em Moscou que o marechal Rodion Malinovsky (foto), ministro da Defesa da URSS, irá para o "Presidium" do Partido Comunista ainda este ano ou no início do próximo. Malinovsky (59 anos) começou sua carreira no Exército czarista, participando da I Guerra Mundial. Depois de servir ao Czar Nicolau II passou-se para Lenin e lutou na guerra civil, após a Revolução de Outubro. Mais tarde serviu a Stalin. Comandou a Operação Mandchúria, na II Guerra. Também lutou na Europa (entrou na Romênia e Hungria, à frente do Exército Vermelho) e foi comandante em Stalingrado. Depois da morte de Stalin sua carreira foi rápida. Foi braço direito de Krushev na luta contra Jukov e ocupou o lugar deste. Mais importante do que o de Malinovsky só há um lugar na União Soviética: o de Krushev.

Saenz Peña que estabelece o sistema majoritário de dois partidos: o partido que tiver maior número de votos fica com 2/3 das cadeiras no Congresso. O segundo partido fica com o terço restante. Os outros partidos ficam de fora.

APESAR DE O MANDATO do presidente Eisenhower ter atingido praticamente o segundo tempo de jogo, a maioria dos norte-americanos já está preocupada com a sucessão de "Ike".

Quase todas as listas de candidatos são encabeçadas pelo vice-presidente Richard Nixon, cuja popularidade muito aumentou desde novembro último; seu único rival no Partido Republicano até o presente parece ser o senador William Knowland, do mesmo Estado de Nixon, Califórnia.

Apesar de o Partido Democrata ainda não se ter pronunciado por qualquer candidato, a preferência popular dirige-se para um homem de 40 anos, bem apessoado, senador por Massachusetts — John Fitzgerald Kennedy. Propala-se que Adlai Stevenson não será candidato pela terceira vez, e que Averell Harriman será demasiadamente velho em 1960. O senador Estes Kefauver terá de lutar por uma nomeação no Senado.

John F. Kennedy, nasceu em Brooklin, Massachusetts, em maio, 29, 1917, educando-se em Harvard e na Escola Econômica de Londres. Durante a guerra serviu na Marinha dos Estados Unidos. Foi eleito para o Congresso em 5 de novembro de 1946. Reeito para o Senado em 1952, seu mandato terminará em janeiro de 1959. (Vide página 57).

O CHILE É O QUARTO país americano a romper relações com a ditadura venezuelana. Primeiro, foi a Costa Rica, pequeno país centro-americano, que deu o sinal de alerta por saber que em território venezuelano se preparava uma invasão; depois, foi o Uruguai, seguido pela Argentina, que protestou, frente a opinião pública americana, porque o ditador Jimenez amparava publicamente o ex-ditador Perón. Agora, a polícia venezuelana, dirigida pelo agente trujilista Pedro Estrada, prende e mantém incomunicável, durante quatro dias, o diplomata chileno Jorge Basulto. Depois, o declara "persona-non-grata", expulsando-o brutalmente. Sem dúvida, fato inédito nos anais da diplomacia. Enquanto isto, a OEA e o Departamento de Estado continuam amparando o tirano de Caracas.

O MINISTRO DA GUERRA da Rússia, general Rodion Malinowski, anunciou, durante uma recepção diplomática, que o general Georgi Jukov foi licenciado do exército "por um período de três meses". Acrescentou que não sabe o que acontecerá depois com seu antecessor.

A ARGÉLIA PÓS em perigo, por mais uma vez, o governo Felix Gaillard, que, por um passe de mágica, conseguiu firmar sua posição.

40 "SABIOS europeus" estudaram durante mais de uma semana no palácio de Luxemburgo, os problemas da integração européia. O principal problema foi a escolha de uma capital européia. As opiniões estão divididas entre Paris e Roma.

O que NIXON significa para o ocidente



NIXON — 20 mil léguas para chegar à Casa Branca

ATÉ HOJE OITO presidentes dos Estados Unidos morreram de derrame cerebral. Dois deles — Harding e Roosevelt — morreram no exercício do cargo. A doença do presidente Eisenhower (que não foi tão grave como se noticiou no momento, não tendo chegado a ser “própriamente um derrame”, segundo os médicos, mas que é a continuação de uma série de ataques anteriores) pôs na ordem do dia a possibilidade de vir o vice-presidente Richard Nixon a ocupar a Presidência dos Estados Unidos. REVISTA DA SEMANA publica nesta edição um estudo sobre o que significa Nixon na Casa Branca, para os norte-americanos e para o mundo.

1 — O QUE PENSAM OS AMERICANOS

A IMAGEM DE NIXON (1957) em Washington e em outros centros políticos dos Estados Unidos é esta:

1. E' considerado o mais esperto político no Partido Republicano.
2. E' o provável favorito da conven-

ção do Partido Republicano, que elegerá seu candidato às eleições presidenciais de 1960, e qualquer democrata encontrará nele um adversário difícil de ser derrotado.

3. Aplica princípios e convenções que

o servem muito bem. Nenhum republicano neste século fez mais progresso com o eleitorado negro.

4. Está-se tornando um líder ao advogar causas entre nações.

5. Sua tendência para a esquerda é reconhecida. Quando a escolha tem de ser decidida entre os Republicanos da esquerda e os da direita, Nixon tem-se decidido pelos da esquerda.

6. Finalmente, atingiu sua maturidade como homem.

O progresso de Nixon no eleitorado negro contribuiu simpaticamente para que

fôsse apreciado por determinados círculos políticos.

Para o público, a carreira de Nixon como vice-presidente liga-se a viagens, a atividades públicas e à sua campanha para a reeleição. Dentro da Administração, tem-se envolvido em conflitos com personagens influentes apoiados por Eisenhower e com alguns conservadores da Convenção Nacional Republicana.

Nixon tem sido um solitário, sombrio e (algumas vezes) triste homem. Entretanto, está atravessando sua grande chance para a Presidência, e agindo aberta e

francamente como um experimentado político.

Eisenhower muita vez fala intimamente sobre seu sucessor, mencionando Harold E. Stassen, gen. Alfred M. Gruenther e Robert A. Anderson, o novo Secretário das Finanças assim como Nixon também. Mas quanto mais Eisenhower fala, mais seus ouvintes inclinam-se para Nixon, como único capaz de seguir o programa de "Ike".

Fato prejudicial à carreira de Nixon foi a atitude de cerca de 1.000 repórteres, colunistas e comentaristas políticos de

O MÉDICO DO PRESIDENTE

O GUARDIÃO da saúde de Dwight Eisenhower é um ereto e circunspeto cavaleiro de 75 anos, músculos rijos, bem apessoado, metucioso, entendido em corridas de cavalos, monarquia britânica, vinhos e comidas persas e muito habilidoso para fazer e conservar amizades.

Ele é o major-general Howard Mc Crum Snyder, cirurgião que serviu na Armada durante três décadas e hoje é o chefe da Clínica da Casa Branca e consultor médico do presidente. Por isto, é também foco de atenções políticas.

Quando apresentou seus dois relatórios sobre as duas últimas doenças do presidente Eisenhower, o dr. Snyder viu correrem de um lado a outro dos Estados Unidos centenas de opiniões de médicos considerando os erros e os acertos (em muito menor número) que cometerá com a saúde do presidente.

Mas o dr. Snyder não se importou com as críticas nem com os elogios. Muito me-

nos o presidente Eisenhower, que ficou bom.

Com méritos ou sem méritos, o fato é que o dr. Snyder durante três décadas foi dos mais notáveis cirurgiões norte-americanos, com muitos "records" em diagnósticos e feitos hospitalares.

Snyder conheceu Eisenhower pela primeira vez há 15 anos, levando-lhe ocasionalmente um relatório médico feito durante a II Guerra Mundial, quando ele foi assistente na Armada do Inspetor Geral de Medicina. Sua camaradagem começou mesmo em 1945, quando se tornou o consultor médico de "Ike". Em novembro de 1945, quando Mamie ficou doente de pneumonia em Boone, Iowa, "Ike" perguntou a Snyder se não gostaria de voar até lá para que tratasse da esposa.

O tratamento de Mamie pelo dr. Snyder conquistou a confiança da família presidencial e hoje ele é uma espécie de "trust" médico que cresceu com os anos. Em 1946, quando "Ike" foi chefe de Es-

tado da Armada, Snyder foi um dos cinco homens imediatamente inferiores a "Ike"

"Ike" e Snyder dedicam-se mútua afecção, "Ike" gosta de tudo de que Snyder gosta, exceto do seu bridge.

O bridge de Snyder é aceitável, mas não suficientemente bom para a eficiência de Eisenhower.

Snyder já foi chefe de serviço médico no Pentágono, na Universidade de Colúmbia, na NATO em Paris e na Casa Branca.

De 1948 a 1953, ele trabalhou também na Colúmbia, em Manpower Council e em Philadelphia.

Ele é um homem simples, que se sensibiliza com mínimos detalhes ou frases. A ele poderia ser dirigida a frase do presidente Harry Truman que virou ditado famoso nos Estados Unidos: "Se você não puder tirar o chapéu, fique fora da cozinha". Ele ficou.

O presidente & o médico



Washington, que escreveram combatendo seus métodos. Entre eles estavam seus mais severos críticos. Seria desnecessário dizer que Nixon não é muito popular entre os jornalistas, mas eles o respeitam.

Se há qualquer coisa errada com Nixon, o certo é que ele vem mostrando eficiência em suas atividades. Sua "tourné" pelo mundo foi universalmente considerada como construtiva e perfeita como relações públicas. Seu comportamento em muitas situações difíceis, durante a doença de Eisenhower, foi discreto.

Ele não joga ou se diverte, exceto com o golf. Não fuma, não bebe nem come muito. (Detesta ficar empanturrado). Trabalha intensamente, desde manhã cedo até tarde da noite. Não afasta sua esposa Pat de suas atividades políticas. Tem sido feliz com ela e com suas filhas Patricia (11) e Julie (8).

Nenhuma esposa de um homem público, desde Eleanor Roosevelt, trabalhou tanto como ela, mas Pat tem sido considerada pelos políticos como uma excelente e simpática "hostess". Ela viajou o equivalente a cinco vezes a volta ao mundo e acompanhou Nixon a todas as reações, mostrando-se afável e simples.

Nixon ignora doenças em seu trabalho; Pat também não fica doente. Ele viajou 20.000 milhas em sua "tourné" pela África e nem sequer apanhou um resfriado.

As viagens de Nixon lhe valeram como escola para a conquista de experiências e conhecimentos políticos mundiais, que lhe serão bastante úteis à sua plataforma de candidato.

O contato pessoal de Nixon com líderes políticos internacionais e a sua percepção sobre o que interessa a esse ou àquele país com referência aos Estados Unidos, lhe possibilitarão traçar uma espécie de coordenada para agir eficientemente como presidente — pensam os políticos e jornalistas.

O último ano trouxe para Nixon conhecimentos que ele não possuía há quatro anos. O que lhe valeram esses conhecimentos os eleitores poderão julgar brevemente.

Os comentaristas norte-americanos eram unânimes, esta semana, em que:

1. Se Nixon substituir "Ike" antes do término de seu mandato e concorrer à Casa Branca no exercício da presidência, é certa sua eleição.

2. Se ele assumir funções presidenciais, mesmo que as do protocolo, suas possibilidades aumentam 50%: ganhará muita (e útil) experiência.

x x x

Nixon tem alguns traços comuns com Jango: ligações com setores sindicais, certo populismo e uma tendência (que muitos consideram apenas aparente) para a esquerda. Nixon, porém, é reconhecidamente ligado aos grupos financeiros mais poderosos dos Estados Unidos e seus adversários afirmam que ele é principalmente um "testa de ferro" desses grupos.

2 — O QUE NIXON SIGNIFICA PARA O OCIDENTE

A PRESENÇA DE MR. NIXON na Casa Branca poderá significar, para o Ocidente, o fim da "fase de Genebra", nas relações com o bloco oriental e a volta à política de "mão forte" preconizada pelos círculos financeiros que apoiam o Partido Republicano. Nixon é um homem "de partido", comprometido com interesses aos quais Eisenhower — estadista acima de partidos e de grupos — não está organicamente ligado.

Richard Milhous Nixon nasceu a 9 de janeiro de 1913, na Califórnia. Estudou na Universidade de Duke (Carolina do Norte). Ele pertence, espiritualmente, à geração da segunda guerra mundial: ao completar 5 anos de idade a primeira guerra apenas terminara.

Foi excelente jogador de "rugby", orador de comícios universitários e agitador estudantil. Durante cinco anos (1937-1942) trabalhou como advogado, mas preferiu abandonar o fóro para ingressar na Marinha, em cujas fileiras participou da segunda guerra. Pouco antes foi eleito deputado por Los Angeles, indo para a Câmara dos Representantes, onde se destacou fazendo campanhas anticomunistas, inclusive contra Gerhard Eisler, antigo líder comunista alemão que vivia nos Estados Unidos e que, no auge da campanha, asilou-se no navio polonês "Bathory", viajando para a Europa e impossibilitando Nixon de conseguir-lhe a prisão. A partir daí, ele continuou realizando campanhas anticomunistas, apontando espiões soviéticos e sendo um dos esteios do processo e da condenação à morte de Julius e Ethel Rosenberg, acusados do fornecimento de segredos atômicos à URSS (1950). Nesta época foi eleito senador e, no último pleito, vice-presidente da República. Realizou uma campanha eleitoral violenta (os democratas o acusavam, entre outras coisas, de "macartismo") e obteve grande votação, apesar de, às vésperas das eleições, ter sido acusado de manter relações suspeitas com certos grupos escusos, inclusive "gangsters" — o que ele desmentiu.

Os observadores consideram possível que, na Casa Branca, Nixon procurará levar à prática sem meios termos a política externa republicana que Eisenhower executa "com luva de pelica". Esta política, definida por Foster Dulles como de "paz à beira da guerra" ou de "posições de força", significa mão forte em relação ao Kremlin e recusa de entendimentos mediante concessões:

1 — Manutenção e ampliação do programa atômico, assegurando a superioridade dos Estados Unidos sobre a União Soviética em todos os tipos de armamentos, inclusive foguetes.

2 — Reforço das alianças militares (NATO, SEATO) e continuação do programa de bases em território estrangeiro.

3 — "Mão forte" no Oriente Médio: apoio sem reservas aos governos e grupos pró-ocidente da região.

4 — Fim de todo o "liberalismo" no programa de ajuda ao exterior e ligação estreita do programa de ajuda com o programa de defesa dos Estados Unidos.

5 — Reforço da aliança anticomunista na Ásia, com apoio "mais concreto" a Chiang Kai-Shek e política de "mão forte" no Japão.

6 — Nenhuma concessão à URSS na Alemanha.

E' provável que a presença de Nixon na Casa Branca venha a significar — inclusive considerando-se as atitudes soviéticas de após—"Sputnik", que tendem às "posições de força" — um estímulo à guerra fria. E isso, nos termos atuais de corrida aos balísticos, pode levar a consequências ainda impensáveis.

OITO PRESIDENTES AMERICANOS MORRERAM DE DERRAME CEREBRAL

OITO PRESIDENTES dos Estados Unidos morreram de derrame cerebral, mas somente dois morreram no exercício do cargo: Warren G. Harding e Franklin Roosevelt. O presidente Woodrow Wilson sofreu mais de um derrame, tendo que afastar-se durante meses da Casa Branca: o último, no entanto, ele sofreu quando já terminara o mandato.

O derrame cerebral sofrido por Eisenhower a 26 de novembro é o segundo depois de sua eleição (o primeiro foi a 24 de setembro de 1955), mas seus médicos afirmam que ele "está em condições de recuperar-se num período de tempo razoavelmente curto". E ele, como seus antecessores que estiveram na mesma situa-

ção, não abandonará formalmente o governo.

Quando Ike foi indicado para concorrer às eleições, os Democratas disseram que os Republicanos estavam certos de que ele não poderia chegar ao fim do mandato e o indicavam apenas para garantir mais tarde a ocupação da Casa Branca por Nixon. Ele respondeu: "se eu julgar que não serei capaz, não ficarei lá". Mas embora ele não possa por um tempo relativamente longo exercer o cargo, tem-se como certo que não renunciará nem delegará seus poderes ao vice-presidente.

A delegação de poderes não é comum nos Estados Unidos. Woodrow Wilson levou meses impedido de trabalhar, após

o derrame cerebral de 1919 e as decisões eram tomadas por seu secretário Joseph Tuttle e por sua esposa, mas em seu nome. Garfield (1881) foi presidente oitenta dias após um atentado contra sua vida, que o deixou incapaz de governar, mas nem assim houve delegação de poderes.

O próprio Eisenhower já passou por vários períodos praticamente afastado do cargo, que foi exercido por seus auxiliares diretos — em seu nome.

É muito provável que "Ike" passe alguns meses impedido de exercer plenamente o cargo. Nesse período o país será (como está sendo desde 26 de novembro) governado por quatro homens: Sherman Adams assistente pessoal do presidente, Foster Dulles — do Departamento de Estado, Rogers — Secretário da Justiça, e Nixon. Eles constituirão um "conselho de regência" não oficial — pois oficialmente Eisenhower continuará no exercício da presidência.

Esta solução foi aceita por todos e, segundo alguns observadores, principalmente por Nixon que não quer exercer a presidência para "não se comprometer com alguns erros e fracassos de "Ike" — (custo de vida, impostos, satélites artificiais, foguetes, etc.). O "Democratic Digest", jornal oficial do Partido Democrata, disse: "o vice-presidente parece estar abandonando o navio que afunda". Referia-se à atual administração republicana.

Eisenhower está em franca recuperação, desta que foi a maior crise por ele sofrida no exercício do cargo. As crises anteriores:

Abril, 1953 — ataque de gastroenterite.
Setembro, 1955 — ataque cardíaco em Denver, Colorado.

Junho de 1956 — Ileite, com operação abdominal no dia seguinte.

Junho, 1956 — Enfermidade intestinal.
Depois da crise de 26 de novembro "Ike" já recebeu visitantes estrangeiros, pintou um quadro em seu atelier da Casa Branca, conversou com seus auxiliares, foi à Igreja e participou da tradicional ceia do Dia de Ação de Graças, quando provou um peru de 20 quilos, assado ao molho de maçã.

POLÍTICA

DE ORDEM DO PRESIDENTE da República, a direção da Petrobrás mandou refinar na refinaria Presidente Bernardes, o óleo da Bahia. Os técnicos daquela empresa manifestaram-se contra porque a aparelhagem de Cubatão não se prestava para o óleo de alto teor parafínico da Bahia. Mas, a ordem foi cumprida, resultando em numerosos acidentes no oleoduto de Santos, devido ao sistema de aquecimento necessário àquele tipo de óleo.

Esta foi uma das razões da crise que terminou pelo afastamento da direção da Petrobrás dos srs. Isnarck Amaral e Neiva Figueiredo.

Outros motivos: nomeações de candidatos do sr. Kubitschek, vindos de Minas, e construção de uma refinaria em Minas, em condições técnicas e econômicas desaconselháveis.

O SR. DAGOBERTO SALES, relator da Comissão de Energia Atômica da Câmara, e pertencente à corrente "nacionalista-comunista", está sendo convocado, há meses, para apresentar o seu relatório, e não comparece às sessões.

O SR. PAIS LEME pleiteou para ele próprio a presidência da Comissão do "Metrô". O sr. Negrão de Lima negou. O sr. Paes Leme indicou, então, o engenheiro Guedes, que foi nomeado. Novidade: o sr. Guedes, que já contava com o patrocínio de altas autoridades eclesásticas passou a ter, agora, o pistolão daquele vereador.

O sr. Negrão de Lima cogita de dois nomes para dirigir a execução do Plano de Obras criado pela mensagem 53: Alim Pedro, ex-prefeito no governo Café Filho ou Mauricio Joppert, ex-deputado pela UDN, ambos engenheiros e administrados. O prefeito acredita que, com uma dessas escolhas, cobre-se, na opinião pública, de parte das censuras suscitadas pelo seu projeto.

Os Nixon: Robert, Patrícia, Julie e Patricia





O Brasil vai exportar moda para a Europa



NAZARETH

Um português faz moda brasileira



— Em criança, gostava de substituir os vestidos e bonecas de sua irmã, "para que elas fossem mais elegantes".

— Aos 20 anos formou-se na Escola de Belas Artes de Lisboa, com distinção em Moda — técnica e artística.

— Viajou por toda a Europa, pesquisando e analisando a Moda.

— Fez um curso de aperfeiçoamento de Alta Costura em Paris.

— Fez um curso de História da Moda.

— Em 1945 vestindo bonecas, ganhou o Concurso Anual da Moda, em Paris, que revela, anualmente, o melhor criador.

— Em 1946 veio para o Brasil.

— Hoje se diz português e modista brasileiro.

— Além de modista, executa mais vezes suas próprias criações, principalmente quando elas exigem pintura sobre pano.

— Tem procurado criar uma "Moda Brasileira", inspirado em motivos brasileiros e com material brasileiro.

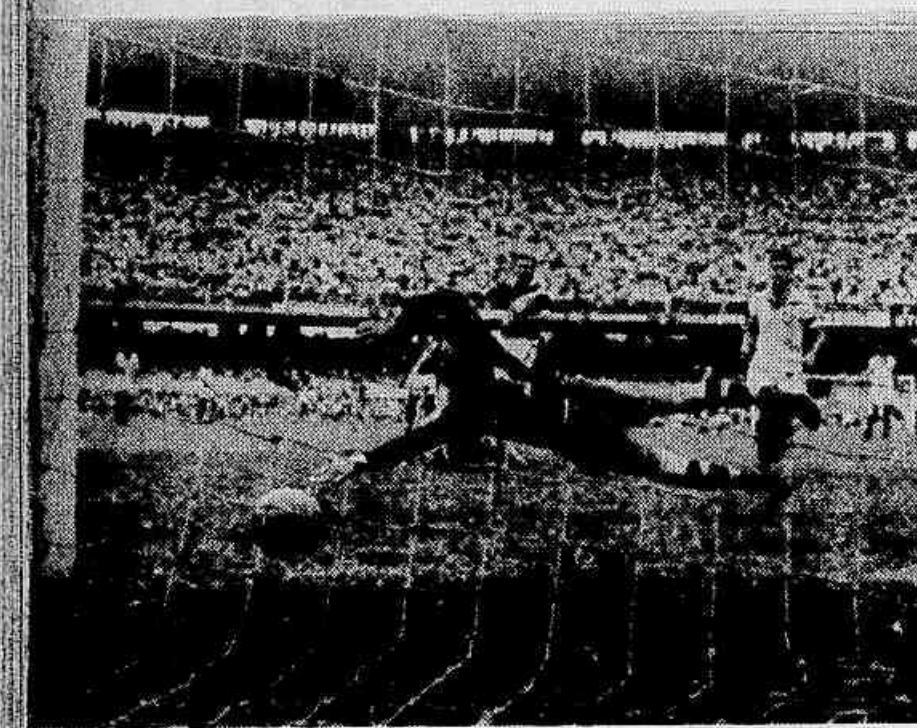
— Além de fazer vários desfiles pelo Brasil levou a moda brasileira ao Waldorf Astoria de Nova York e a Punta Del Leste.

— Agora, preparou uma coleção de 50 modelos que vai levar à Europa em março.

— Norma Tamar, Ilka Soares, Patrícia, Pâmela, Andréia e Vera são os manequins que desfilarão em Paris com chapéus de Costoli, penteadas por Paulo Barrabaz, jóias de Sauer, luvas da Luvaria Gomes e sapatos da Polar. Todos os tecidos são da Corcovado.

— A Revista da SEMANA apresenta em primeira mão os manequins de Nazareth que desfilarão a partir do próximo número com exclusividade para os nossos leitores.





A MAIOR SENSACÃO NO O GOL DE EMPATE DO

ENQUANTO O FLAMENGO perdia um ponto a domicílio para o Madureira (que perdeu no primeiro turno por 8 a 0), o Vasco salvava o campeonato no Maracanã, derrubando o Fluminense.

Na arquibancada, à sombra, o termômetro marcava 37,8.

Na premilinar o Vasco garantiu ao Flamengo o bi-campeonato de juvenis, com antecipação de três rodadas.

No jogo principal, Rubens (ex-ídolo do Flamengo) garantiu um ponto perdido para o Fluminense. Pinga (chutando entre as pernas de Pinheiro) fez com que Flamengo e Fluminense ficassem na ponta, com sete pontos, Botafogo em segundo, com oito e Vasco em terceiro, com nove, todos candidatos ao título.

Juiz: Malcher (regular). Renda: Cr\$ 2.128 mil.

Yashin (considerado o maior goleiro do mundo), titular da seleção russa e do Dinamo, assistiu o jogo, com os seus companheiros. No fim achou o jogo muito bom, Rubens ótimo e qualificou o futebol russo como superior.

1.º tempo

3': Sabará (de virada) chuta rente às traves.

9': Virada de Almir, Castilho defende espetacularmente.

13': Léo, impedido, perde gol certo. Bandeirinha e juiz viram (e marcaram) o impedimento.

14': Cacá centrou, Escurinho tentou no sem-pulo e pegou mal. Valdo emendou, e quase marca.

18': Escurinho em impedimento. Malcher apitou. Escurinho chuta assim mesmo e marca. Mas não valeu.

23': BOLA NA TRAVE: Pinga para Wilson Moreira que cabeceou muito bem. No rebote Wilson atira bem e Castilho defende (muito bem).

24': Bola na mão de Orlando. Malcher

marca pênalti. Pinheiro bate, bola no gol. "Bomba" rasteira no canto direito.

29': Wilson Moreira emenda passe de Almir. A bola passou por Castilho e saiu rente às traves. A torcida gritou gol.

35': Rubens pegou a bola na sua linha média e veio trazendo, sozinho. Da linha da grande área, uma bomba cruzada da direita para a esquerda: Gol!

37': Waldo ameaçado de expulsão numa falta sobre Almir.

41': Torcida pede pênalti.

43': Falta. Rubens bate com efeito e Castilho joga de tapinha para escanteio. Quase gol.

44.30': Valdo perde, frente a frente com o goleiro a melhor oportunidade de marcar um gol — que seria o último do 1.º tempo.

MARACANÃ: MADUREIRA

2.º tempo

1': Pinga atira. Castilho bem colocado defende.

2': Pinga cobrou falta para Êcio que, solto, atirou para fora. A defesa do Flu não estava atenta.

4': Anunciado o 1.º gol do Madureira contra o Fla. Vibração intensa no Maracanã.

6': Tião empata para o Madureira: 2x2. As torcidas do Vasco e Fluminense aplaudem mais que a qualquer gol dos seus times.

9.30': Escurinho, bloqueado, chuta rente à balisa direita.

12.38': Sabará cai na área. Torcida pede pênalti.

14.30': Pinga chuta; a bola bate em Pinheiro, sobrando.

21': Torcida pede pênalti de Carlos Alberto sobre Léo.

24.30': Almir levanta a bola sobre o gol. No travessão.

29.30': Coronel falha. Valdo, solto, falha também, frente a frente com Carlos Alberto.

33': Acaba o jogo na Gávea: 2x2. Palmas, gritos, vivas.

38': Torcida pede pênalti em Wilson Moreira.

40.30': Falha de Pinheiro. Pinga invade a área e Pinheiro não impede. Chute de canhota, no canto esquerdo. Gol.

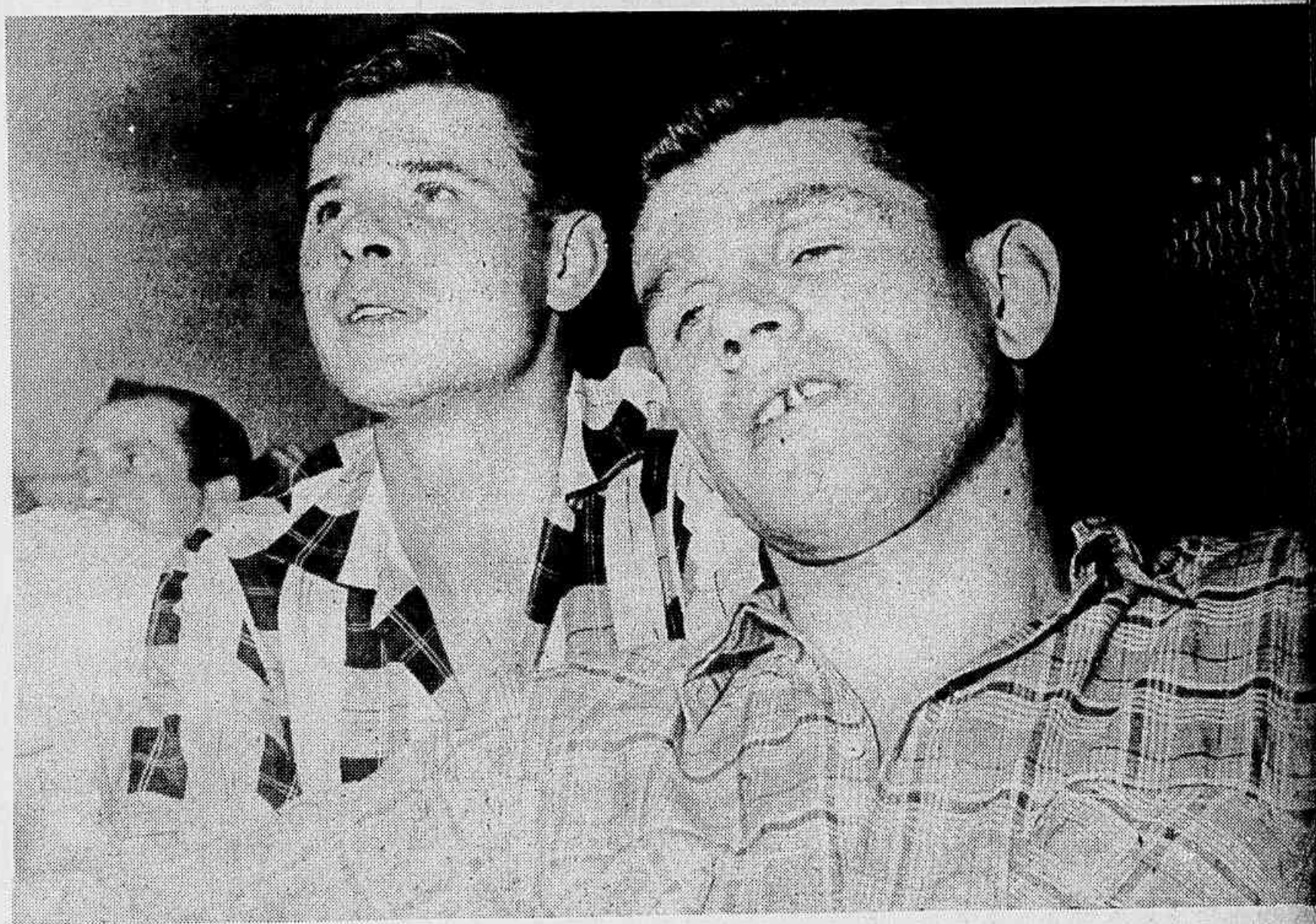
42': Pênalti em Almir.

43': Pinga bate. Defesa de Castilho.

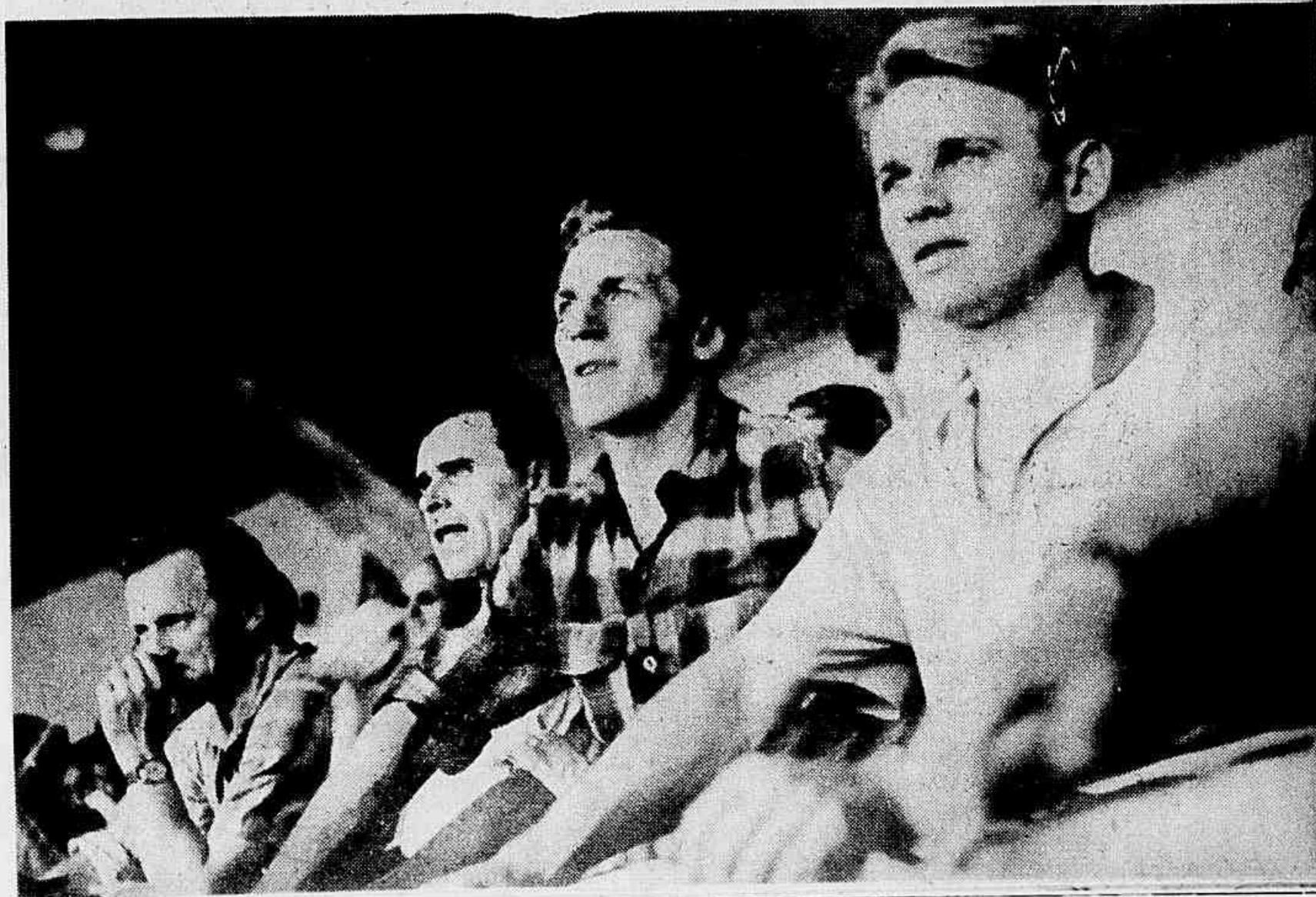
44': Almir (de cabeça) perde gol certo.



Os jogadores do Dinamo só bateram palmas três vezes. Para Telê, quando ele



dava drible; para Belini quando "despachava" e para Rubens, no gol de empate



PISTA NO CRIME DO ENGENHEIRO

UM MOÇO LOURO QUE USA BATON

A POLÍCIA CARIOCA ainda não descobriu o "homem louro" que raptou o menino Sérgio Haziot e já está à procura de outro.

Este segundo louro teria sido o assassino do norueguês Eimar Hoel Hoff (38 anos, solteiro) encontrado morto, nu, deitado de costas, com 11 perfurações de chave de fenda nas nádegas.

Na manhã do domingo 24 os moradores do edifício Haiti, na rua Otaviano Hudson, 16, em Copacabana acordaram com um mau cheiro insuportável que vinha

do apartamento 501. E aconteceu o seguinte:

1. Várias pessoas foram ao apartamento 501, arrombaram a porta e depa-raram com o norueguês Eimar Hoel Hoff morto, deitado de costas, com a cabeça esmagada e nádegas perfuradas. Comunicaram-se imediatamente com a torre da Rádio-Patrolha.

2. Chegando ao local os policiais não puderam trabalhar: o mau cheiro era terrível. Peritos da Polícia Técnica pediram

para fazer uma limpeza no apartamento a fim de que pudessem trabalhar.

3. Horas depois o corpo do norueguês foi examinado no necrotério do Instituto Médico Legal, tendo sido constatado que ele fôra assassinado com garrafadas de gin na cabeça.

4. A polícia encontrou garrafas vazias e um cigarro manchado de baton: daí partiu para as primeiras investigações. Julgavam os policiais que o crime era passionai, e a mancha de baton num cigarro indicava a presença de mulher no apartamento.

5. Ficou apurado que Eimar era um homem dado a farras, de vida irregular, que gostava de reunir amigos no seu apartamento até altas horas da madrugada. Muitas vezes os vizinhos reclamaram o barulho.

6. No dia anterior ao crime (sábado, 23) o norueguês foi visto entrando num armazém da praça Arcoverde, 25, onde comprou várias garrafas de bebida em companhia de um rapaz alto (1,86), louro, aparentando 25 anos de idade.

7. Vizinhos informaram que Eimar morava com um amigo (também norueguês) alto e louro. E que nunca viram uma mulher entrar no apartamento 501. A polícia interrogou, então, Jan Eimar, de 24 anos, o louro que morava com Eimar. Jan negou sua participação no crime, alegando que viajara no sábado para Porto Alegre.

8. Desmentindo as primeiras versões, Jan declarou na polícia que seu amigo Eimar era um homem de vida normal, casado e com dois filhos em Oslo. Mas gostava de fazer farras no seu apartamento com mulheres e amigos.

9. Dois homens louros foram vistos acompanhando Eimar na rua Otaviano Hudson na noite do crime. Nenhum deles foi encontrado pela polícia, que admite ter sido uma pessoa da intimidade de Eimar o assassino. Dois engenheiros que trabalhavam com Eimar na firma de construções "Noreno do Brasil" não aparecem no trabalho (nem são vistos em parte alguma) desde o dia do crime.



BILL TIDY

10. Peritos da polícia constataram que o assassino lutou com Eimar, pois o apartamento estava todo desarrumado, tudo indicando que ele (o assassino) saiu às pressas, deixando, inclusive a eletrola ligada. A porta do apartamento estava fechada a chave.

11. Outro norueguês (a polícia acredita que Eimar tenha sido morto por um patrício), Erick Stroveven, hóspede do Hotel Glória, declarou que estivera com Eimar na véspera do crime e que o louro Jan Heide tinha realmente embarcado para Porto Alegre.

12. A perícia concluiu que Eimar foi assassinado na tarde de domingo: Eimar foi visto (vivinho) na noite de domingo passeando em Copacabana, tendo bebido no Bar "Maxim's".

13. A polícia está atrás de um sueco (louro) Borje Rehnby, que esteve bebendo com Eimar e Erick na piscina do Glória na tarde de sábado, 23. Borje pagou

a despesa (algumas cervejas) e saiu com Eimar para seu apartamento. Pretendiam ir à praia.

14. Erick e Jan acreditam que seu amigo Eimar foi assassinado por mais de uma pessoa, talvez por vingança devido à brutalidade do crime.

15. As autoridades policiais não desprezam a hipótese de que Eimar tenha sido assassinado depois de uma "curra" do tipo juventude transviada: um casal o teria levado ao apartamento, beberam, conversaram, e houve o crime no meio da noite.

16. Mas a polícia admite que o crime é misterioso. E está tentando descobrir o assassino assim:

a) caçando um homem louro, de preferência estrangeiro.

b) procurando um homem (ou mulher) das relações de Eimar que use baton da cor "Pink".

AINDA NÃO ACABOU

O CASO DO TENENTE FERNANDO

TERMINADA A FARSA no "caso do Tenente Fernando", ainda não terminou o espetáculo. Falta apurar quem foi mesmo que levou o boliviano Salazar a mentir. E saber que fim teve o tenente.

Em sua confissão Salazar acusa seu patrão José Barbosa Sobrinho, Adauto Cortez (um seringalista boliviano, de reputação duvidosa) e mais a "Liga". (Essa liga seria formada por dez grandes seringalistas da região).

Ainda segundo Salazar, o maior beneficiário de tudo seria o coronel Aluizio Ferreira — ex-governador do Guaporé.

O coronel é acusado pela opinião pública de ter sido o mandante do assassinato de Fernando. E mesmo boa parte das pessoas que não acreditam nisso julgam que o coronel é culpado, agora, por ter permitido a organização da farsa, procurando tirar proveitos eleitorais. A oposição ao coronel tem sido feita sob a acusação de que ele é o responsável pelo desaparecimento do tenente. Ele teria imaginado a farsa (ou autorizado) para diminuir o impacto das acusações contra si. Se a farsa tivesse dado resultado e chegado ao fim, Salazar acusaria os "brancos" de terem se precipitado, fazendo com que os índios matassem Fernando. A opinião pública ficaria mais dividida e confusa, sendo bem possível que a maior parte dela aceitasse como verdadeira a defesa do coronel.

O major Gerson está fazendo — sem alarde — o inquérito policial militar (IPM). Isso indica que, por enquanto, o Exército ainda não aceita a suspeita sobre o coronel.

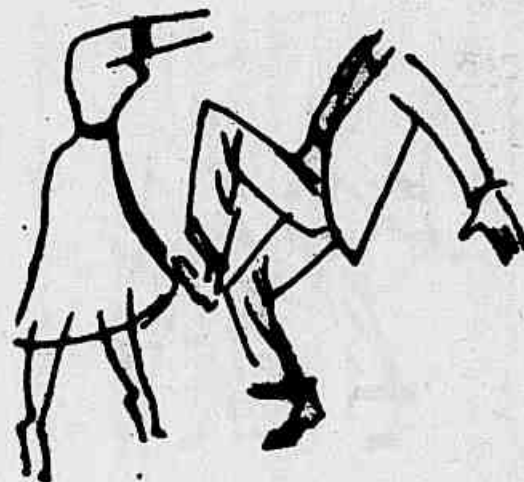
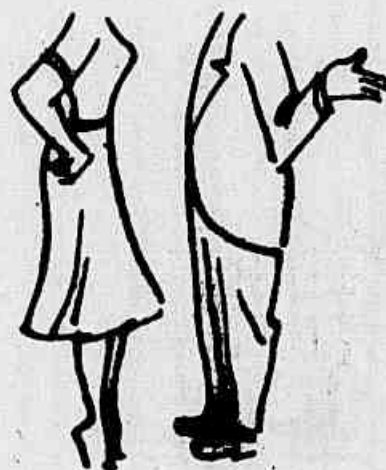
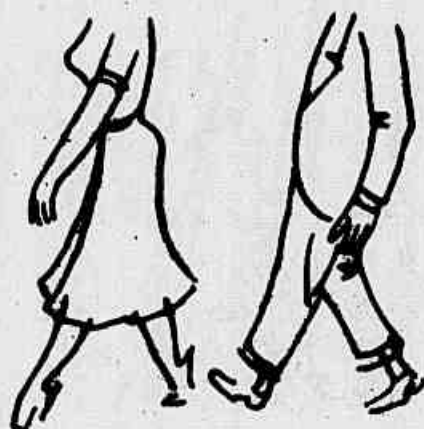
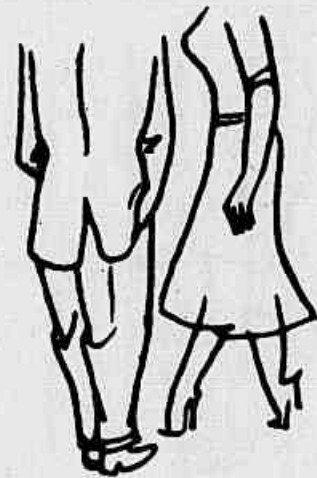
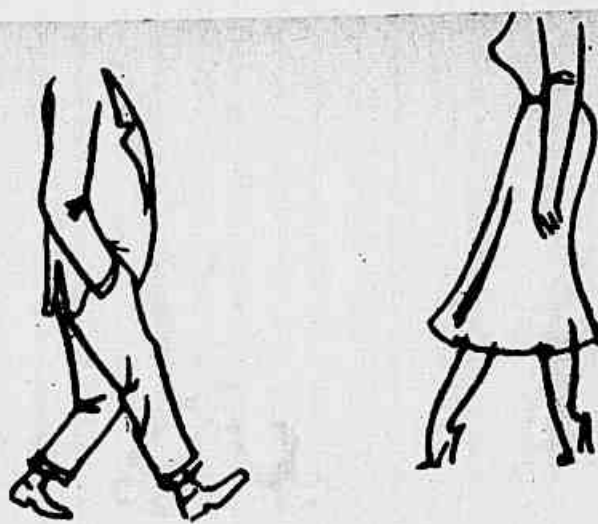
Quando um coronel ou um oficial superior tomar a frente do inquérito, o Exército, automaticamente, estará afirmando que o coronel Aluizio é — pelo menos — suspeito (o que impediria o major, um inferior hierárquico, de continuar à frente do IPM).

Sabe-se no entanto, com certeza, que o major pediu a designação de um coronel para substituí-lo.

O coronel Aluizio, a tudo isto, responde dizendo que "houve um complô". Segundo ele, tudo foi tramado até o ponto em que está para que a opinião pública acreditasse na sua culpa. Assim, ficaria comprometido junto ao eleitorado, mesmo que não se chegue a provar coisa alguma de positivo contra seu nome. Desafia que se prove qualquer coisa contra ele, no caso do Tenente Fernando, agora ou na época do desaparecimento, e se diz a maior vítima da farsa.

Responde seus adversários: os que tramaram a farsa são da "Liga", que reúne os principais cabos eleitorais do próprio coronel.

O major Gerson acredita que o inquérito esclarecerá o fim de seu irmão, mas não tem opinião formada sobre o assunto. E não fala a respeito.



AMBROSIO

EXTRA ESPECIAL

O TERREMOTO REGISTRADO na noite de sexta-feira última em São Paulo (pelos jornais paulistas) como o primeiro ocorrido no Brasil, além de não ter sido terremoto não foi o primeiro registrado no Brasil (nem em São Paulo), porque já no ano da Graça de 1789, a 8 de maio, Antônio Vieira dos Santos registrava "na povoação de Cananéia, no litoral paulista, um grande estrondo subterrâneo com movimentos de tremor de terra, por espaço de dois minutos mais ou menos".

"Neste dia — diz Vieira dos Santos em seu livro "Memórias de Cananéia" — quando a luz da aurora tinha desterrado as sombras da noite; e se recolhia a Lua no seu ocazo indo assombrada do seu acostumado luar que bem mostrava retirar-se eclipsada padecendo seus defeitos, depois da Lua posta nasceo o astro matutino mui claro; e sem impedimento algum contrário ao seu acostumado resplandecer, não houve em todo aquelle dia couza alguma estranha a ser admirada no Sol nem nos elementos; e tendo o Sol medido a carreira dêsse dia tão claro, e sereno; e recolhendo-se no seu ocidente, quando já também tornava a ressurgir a Lua, porém de côr mui rubicunda, eis que repentinamente se ouviu hum grande estrondo subterrâneo com movimentos de tremor de terra, por espaço de dois minutos mais ou menos, rangindo a imitação de hua perra couceira em sua revolução. Foi tão conhecida esta estranha novidade q. no seu movimento huns pasmavão, e outros espavoridos sahião de suas cazas e outros prostrados de joelhos pedião a Deos misericórdia e ainda que nehua caza da vila foi demolida, comtudo todos soffrerão huas mais que outras o impul-

so daquelle grande abalo; alguns certificarão que a Terra parecia se queria subverter por estar movediça, e outros contarão senão podião ter firmes em pé; no momento deste abalo ouvio-se um sussurro que se levantou dos mattos sendo este trazido pelo movimento que as árvores entre si fizerão e as aves que já estavam pouzadas se levantarão aos ares e com os eccos de seus grasnidos derão advertência de seu sentimento. Os gados mostravão-se espantados, e alguns derão seus mugidos; os cães soltarão tristes e desconcertados huiuos, o mar também mostrou seu padecimento porque naquelle momemnto, sem haver sôpro de vento, o pequeno e pacifico mar que corre em derredor de Cananéia ficou embravecido, e suas ondas de batião furiozamente contra as praias, e te os peixes mostrarão quanto estranharão vão estes impulsos da da natureza, pois que alborotados forão vistos saltando miudamente fora d'agoa. O crepúsculo d'aquella noite mostrou ser a atmosphaera mais essombrada d'huma fumaça imperceptivel, mais depois clareando ficou a noite serena e nella resplandeceo a Lua com sua costumada claridade".

A "COCA-COLA" VAI lanpar dentro de mais algumas semanas um **Guaraná para concorrer com a Pepsi-Cola**, sua maior adversário nos Estados Unidos, que já vende no Sul e **vai vender, agora, em todo o país.**

SAÚDE

SE OS ENCANAMENTOS do subúrbio — principalmente Méier, Penha e Madureira — não forem consertados ainda

em 1957, a incidência de casos de tifo (cêrca de 2.000 êste ano) aumentará consideravelmente.

Em 1956, foram registrados 900 casos de tifo no Rio, mas outros canos de água foram arrebatando e transformando-se em focos de tifo.

A maior incidência de tifo, 75 por cento, ocorre nos 9.º, 10.º e 11.º distritos (Méier, Penha e Madureira), ficando os restantes 25 por cento para toda a cidade, desde a Zona Rural à Ipanema.

A Secretaria de Saúde e Assistência recomenda como preventivo para o combate ao tifo:

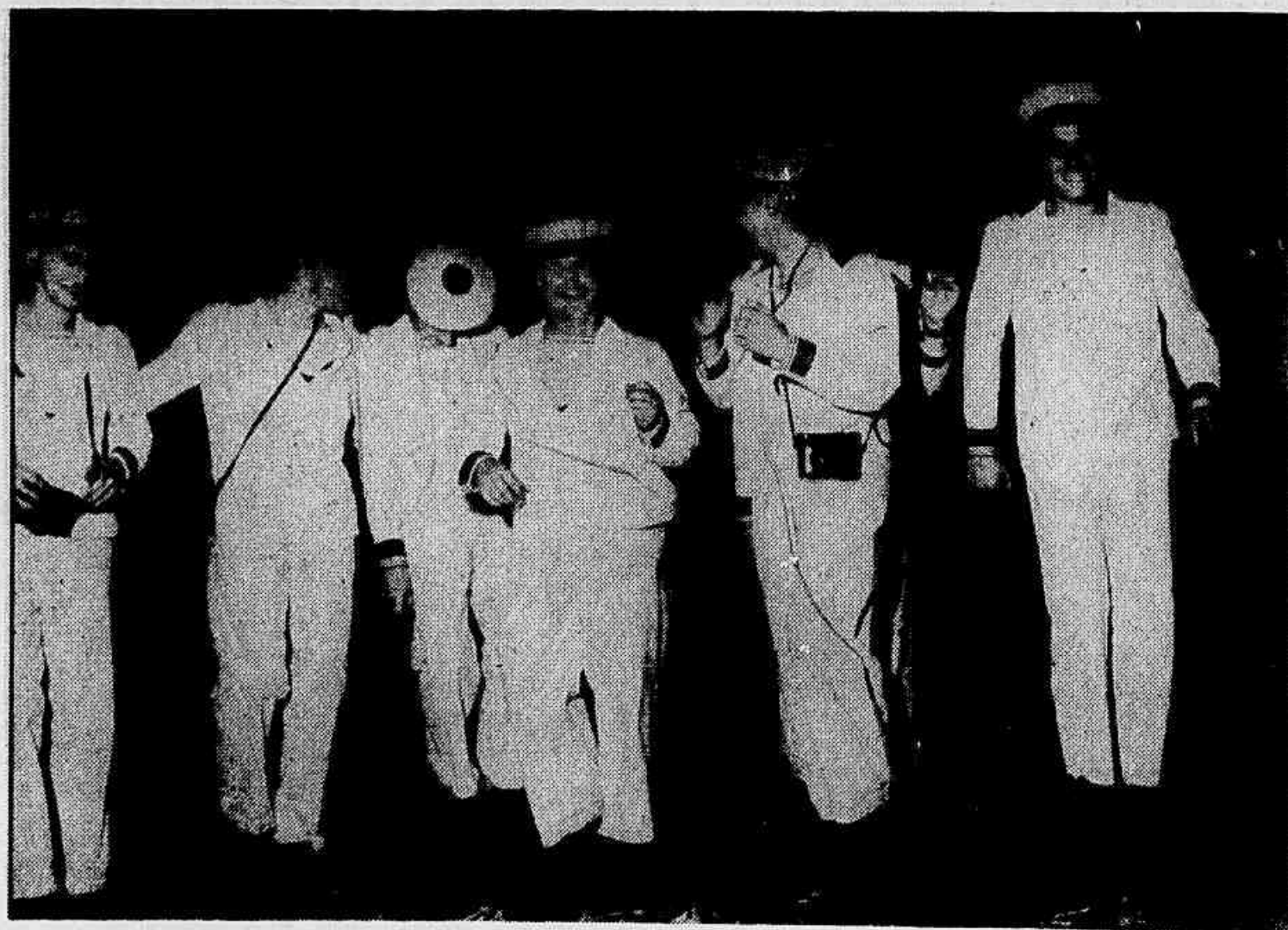
1. ao primeiro sinal da doença, chamar um médico ou dirigir-se a qualquer hospital da Prefeitura.
2. não pretender exterminar a doença ingerindo unicamente comprimidos.
3. a Prefeitura vem vacinando intensamente a população dos subúrbios atingidos pelo tifo.

LIVROS

SERÁ LANÇADO EM ROMA, antes do Natal, "O Doutor Jivago", romance autobiográfico de Boris Pasternack. As autoridades soviéticas fizeram violenta pressão sobre o editar para impedir a publicação do livro, mas não tiveram êxito, enquanto editores de Paris, Londres e Berlim Ocidental compraram os direitos: estão preparando edições em francês, inglês e alemão. Boris Pasternak (67 anos) é considerado o maior romancista russo contemporâneo, mas há 20 anos não publica livros, porque a censura não o permite. Pasternak vive atualmente em um "retiro livremente escolhido", nos arredores de Moscou, depois de ter passado um período num campo de trabalhos forçados. Há alguns meses resolveu enviar os originais de seu livro (vetados pela censura) a Roma, clandestinamente. A União dos Escritores Soviéticos enviou à capital italiana o poeta Surkov com a missão de convencer o editor (que é membro do PCI) a não publicar o livro, mas êste não se convenceu.

POLÍCIA

O PRINCIPAL SUSPEITO do crime do engenheiro Eimar Hoff tomou um avião e fugiu para a Noruega, mandando dizer de Recife ao embaixador de seu país que vai entender-se com as autoridades norueguesas sobre o crime. O suspeito é o norueguês Runar Wiig, empregado da Companhia Rasmunsen, não é louro nem usa baton. Foi o último a ser visto com Eimar e em seu quarto a polícia encontrou uma capa com manchas de sangue. A polícia constatou que se tratava de sangue humano, mas ainda vai apurar se é de Eimar. O comissário Cícero, que investiga o crime, acredita que o porteiro do edifício onde morava a vítima sabe muito mais do que disse.



Marinheiros franceses ("Jeanne D'Arc") participaram da pré-estréia do Carnaval carioca de 1958: o "Adeus à Galeria Cruzeiro" realizado a 24 de novembro. Milhares de pessoas, entre as quais os boêmios que bebiam chope desde os primeiros tempos da Galeria, participaram da festa, cantando as músicas de carnavais passados e acompanhando os cartazes de rádio que lançaram os primeiros sucessos para 1958. Os franceses passaram, acharam a festa estranha, "très barbare" — e aderiram.



O Dinamo chegou ao Rio domingo, às 11 horas, assistiu Vasco x Fluminense das 16 às 17,30 e treinou (No Maracanã) às 18 horas, para o jogo de quarta-feira à noite com o Vasco. O treino foi depois do pôr do sol, mas os jogadores russos acharam o calor insuportável, embora não estivesse tanto. O empresário José da Gama admite a possibilidade de um jogo com o Fluminense antes da partida do Dinamo para Montevidéu. O presidente da delegação, Vitor Buerov, disse ao descer no Galeão: "não perderemos uma só partida na América do Sul".

ESPORTE

ENQUANTO O CORÍNTIANS ao empatar com o Botafogo (2x2) na 15.^a rodada do Campeonato Paulista de Futebol atingiu sua 35.^a partida invicto, o Palmeiras, ao ser derrotado (2x1) pela Ponte Preta ficou isolado em último lugar, com um acervo de 14 partidas sem vitória e apenas um triunfo (3x0) sobre a Portuguesa Santista.

Corinthians e São Paulo estão empatados na liderança, com 4 pontos perdidos cada um.

xxx

SEGUNDO A BNS na partida de futebol entre a Irlanda e a Escócia, realizada em Belfast, Irlanda do Norte, a equipe irlandesa vestia elegantes e resistentes camisas de nylon. Era a primeira vez que se usava camisas desse material num jogo de importância. Camisas de nylon para jogadores de futebol é uma novidade muito recente. São feitas de espuma de nylon e segundo a "British Nylon Spinners Ltd." são extremamente confortáveis.

São camisas tremendamente fortes e resistentes, não encolhem, fáceis de lavar e de secagem muito rápida. Mantêm sempre um aspecto elegante, pois as manchas de lama são facilmente lavadas. Calcula-se que durem muito mais do que as camisas comuns para jogadores de futebol.

O PÊSO-PESADO Pedro Cristolfo derrotou John, um grande urso pardo, numa luta em San Lorenzo (Santa Fé, USA), conseguindo a primeira vitória contra o urso que dias antes havia pôsto nocaute o lutador José Urquiza. Cristolfo e John enfrentaram-se perante milhares de pes-

soas, no circo da cidade. As torcidas do homem e do urso estavam equilibradas: **as mulheres torcem por John.**

NACIONAIS

O GOVERNO está tentando conseguir do Congresso uma autorização que lhe permitirá emitir letras e obrigações do Tesouro até o valor total de Cr\$ 30 bilhões.

Inicialmente, eram apenas 15 bilhões. Mas quando o projeto voltou à Câmara, após passar no Senado, o pedido fôra dobrado: estava aprovada uma emenda em que se duplicava o teto das emissões.

Na justificativa do projeto, está dito que esse dinheiro todo se destina a duas finalidades:

1. Cobrir o "deficit" orçamentário.
2. Conter a inflação.

Vários dos seus dispositivos estão sendo considerados como "uma verdadeira calamidade pública":

1. O juro alto, que vai até 12 %.
2. A cláusula do reajustamento da moeda, que pode fazer com que, em cada ano, o governo pague, além dos juros de 12 %, mais 20 % do que o capital inicial.
3. A possibilidade de dilatação do prazo, de 3 para 5 anos, no pagamento do empréstimo.

Dêse total, o governo federal poderá destinar 30 % livremente aos Estados, para empréstimos aos seus respectivos governos. Vale dizer, num ano de importância eleitoral como o de 1958, os srs. Juscelino Kubitschek e José Maria de Alkmim poderão destinar 9 bilhões de cruzeiros, à sua livre escolha, aos governadores de sua preferência pessoal.

Porque não precisam dêse dinheiro, porque sabem que êle estimulará ainda mais o processo inflacionário, porque entrevêm nêle vários objetivos de natureza política, o governador Jânio Quadros e o sr. Carvalho Pinto, seu secretário da Fazenda, opuseram resistência ao projeto, desde quando êle começou sua tramitação.

A UDN receia também que os 30 bilhões sejam parte importante no esquema de Alkmim para chegar ao governo de Minas e, talvez, daí tentar o pulo ao Catete.

O argumento de que o dinheiro servirá para conter a inflação está sendo criticado pelos entendidos de finanças e economia, pois os tomadores do empréstimo serão os bancos particulares, que verão depois o dinheiro voltar às suas caixas, com o lucro de 12 % e o reajusto de mais 20, numa aceleração imprevisível da espiral inflacionária.

Desde 1930 o Governo não paga as obrigações da dívida pública.

NO ESPAÇO

A "SOCIEDADE VIAGENS CÓSMICAS", de responsabilidade, anunciou em Tóquio que **mais de seis mil japoneses já adquiriram opções sobre terrenos em Marte**, pagando um "sinal" de mil francos, dos quais — diz a companhia — cerca de oitocentos "servirão para pagar as turmas de observação". Informa, ainda, que **não se interessa pela Lua**, onde a venda de terrenos está a cargo de uma empresa norte-americana, e afirma que **os homens preferem Marte** porque, sendo mais longe da Terra, oferece melhores condições aos amantes da liberdade interplanetária.



JORGE GUINLE: grande atuação

informa

Lady Maxwell



NELSON SEABRA: ela é ex-Guinle

NA SEMANA QUE PASSOU o acontecimento mais elegante foi a apresentação de Louis Armstrong no Country Club. A noite estava realmente muito "kar". Justiça seja feita: foi uma vitória do casal Adolfo Graça Couto que inclusive conseguiu que o solitário coronel Peter Townsend comparecesse. A presença do ex-namorado da princesa Meg à mesa do simpático casal deixou decididamente muita gente enciumada... Os anfitriões da noite reuniram em sua mesa, além do herói da RAF o sr. e sra. Herculano Lopes; sr. e sra. Joaquim Guilherme da Silveira; sr. e sra. Ari de Castro; sr. e sra. João Saavedra, recém chegados da Europa; sr. e sra. Gustavo Magalhães, sra. Vera Leite Garcia, sra. Ivone Lopes, o diplomata italiano Carlos Enrico Giglioli (bonitão e elegante como sempre), sr. Ibrahim Sued, sr. e sra. Joaquim Xavier da Silveira. Foi sem dúvida o grupo mais "top" da reunião. Observou-se, porém, que os Graça Couto não convidaram os casais Leopoldo Modesto Leal e Souza Campos... que disputam com eles a liderança entre os casais jovens do "Café Society" carioca...

x x x

O SR. JAIR NEGRÃO DE LIMA, que agora está residindo em Belo Horizonte para tentar a Câmara Federal nas próximas eleições, esteve no Rio na semana que passou. Surpreendendo a todos nós, compareceu a um almoço, "en-petit-comité", no qual o brôto mais velho tinha apenas 18 anos de idade...

42 — REVISTA DA SEMANA

ATÉ HOJE NINGUÉM compreendeu muito bem o romance do sr. Nelson Seabra com a sra. Irene Arbib (ex-Guinle). Quando ela esteve aqui recentemente ele foi seu "scort". Ela embarcou para Paris e o milionário foi passar um mês na Cidade Luz. Agora está de volta...

x x x

A JOVEM SENHORA Tereza Macedo Soares é considerada pelos cronistas sociais uma das mais bem educadas personagens de sua crônica. Todas às vezes que é citada por algum deles, ela remete um cartão agradecendo a "amável gentileza"... Os cronistas ficam muito comovidos e nunca a esquecem...

x x x

NA SEMANA QUE PASSOU o sr. e sra. Otacilio Gualberto, que disputam com os Jordan a liderança do salão que mais recebe no Rio, ofereceram (sexta-feira) mais um elegantíssimo jantar.

x x x

Finalmente Cabo Frio terá um grande hotel: trata-se do Hotel Condomínio Cabo do Forte (projeto do arquiteto Hélio Uchoa) que terá duzentos apartamentos.

x x x

O SIMPÁTICO MILIONÁRIO Jorge Guinle ofereceu na semana que passou uma festinha em seu apartamento que os cronistas não anunciaram. Depois de um "show" do "Night-and-Day", o senhor que é Guinle convidou um grupo de "show-girls" "colored" e também o cantor George Green. A convidada de honra foi a vedete "colored" Luanda...

NO FAMOSO SOLAR de Cosme Velho, o sr. e sra. Roberto Marinho reuniram um pequeno grupo de amigos para jantar, tendo como convidados de honra o capitão Peter Townsend (respirem meninas).

x x x

UMA DAS COISAS que nós mulheres não entendemos é a razão pela qual todas às vezes que vamos ao "Sacha's" lá encontramos os srs. Everardo Melo, Adolfo Loturco e Lúcio Schiller sentadinhos conversando, sem uma presença feminina...

AS ÚLTIMAS DO RIO E SÃO PAULO

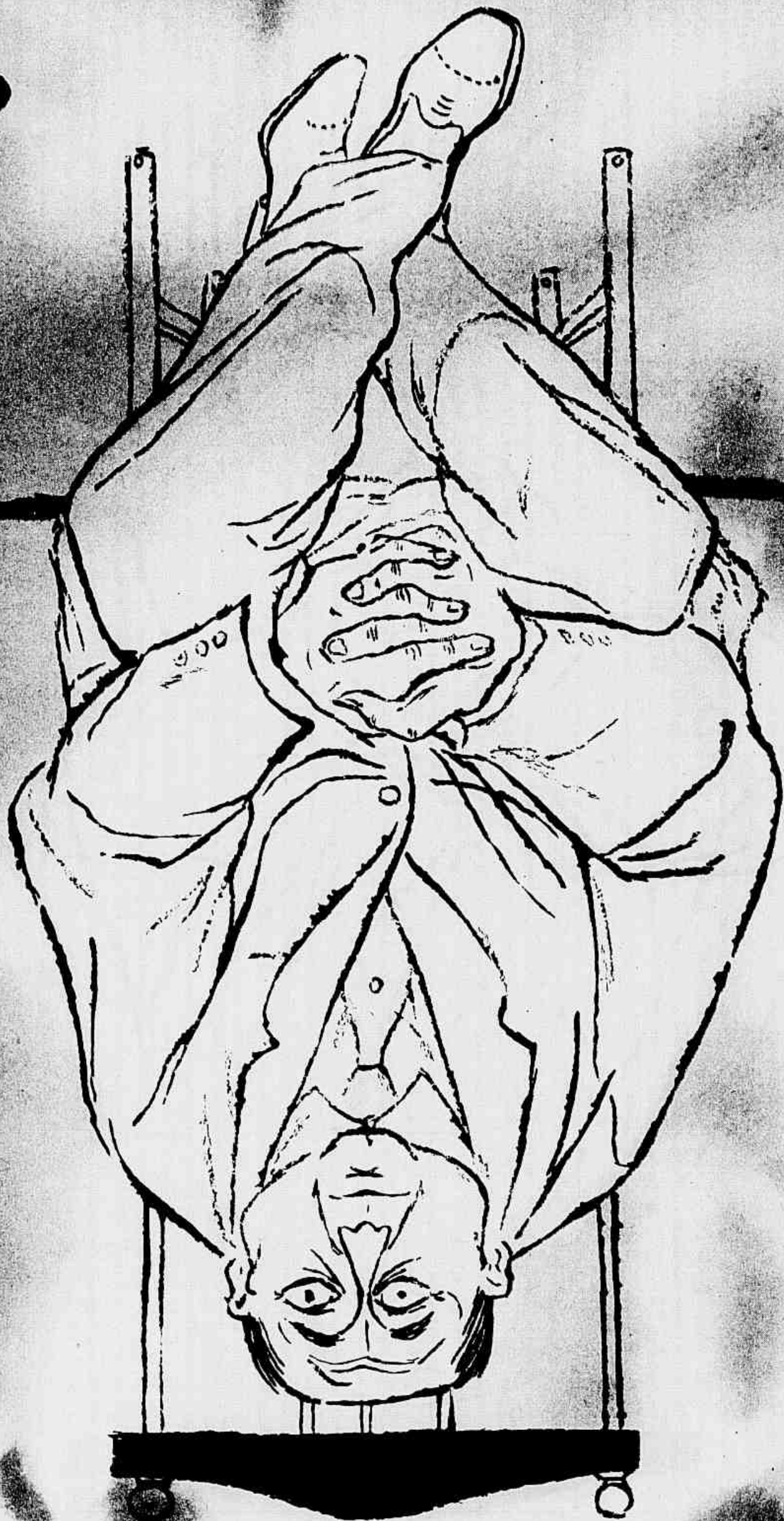
— O JOVEM JOÃOZINHO Proença é a nova coqueluche dos brotos do "jovem-society". Sem dúvida alguma ele é o Gregório Peck da nova geração...

x x x

— O MENINO JORGINHO Doria devia levar umas palmadinhas de seu avô, o ex-ministro da Fazenda, sr. Guilherme da Silveira, para deixar de fazer declarações em rodas de pessoas sérias — declarações que, ouvidas por quem não conhece o menino — parecem corresponder ao pensamento dos Silveira...

x x x

— NA CAPITAL PAULISTA o romance do momento é entre o milionário Henrique Cunha Bueno e sra. Rute Almeida Prado...



A verdade sobre Pyecraft

H. G. WELLS

ESTÁ SENTADO a uma dezena de metros de mim. Se olhar por cima do ombro, vejo-o. E se o fitar nos olhos — o que acontece quase sempre — ele fita-me com uma expressão...

E' principalmente um olhar implorativo — e no entanto cheio de suspeita.

O diabo leve a sua suspeita! Se eu quisesse denunciá-lo já o teria feito há muito tempo. Não o farei, não o farei; e ele devia sentir-se à vontade. Como se uma criatura tão estúpida e tão gorda como ele pudesse sentir-se à vontade! Quem me acreditaria se eu o denunciasse?

Pobre Pyecraft! Enorme e desajeitada moleira de matéria! O sócio mais gordo dos clubes de Londres!

Está sentado a uma das mesinhas do clube, no grande vão da janela ao pé do fogo, a devorar. Que devora ele? Deito-lhe uma olhadela cuidadosa, e surpreendo-o a morder uma fatia

de bôlo quente barrada de manteiga, com os olhos em mim. O diabo o leve! — com os olhos em mim!

Isto decide a coisa, Pyecraft! Já que queres ser abjeto, já que queres portarte como se eu não fôsse um homem de palavra, aqui, mesmo debaixo dos teus olhos papudos, vou escrever a história do caso — a verdade pura e simples acerca de Pyecraft. O homem que eu auxiliei, o homem que eu encobri, e que me pagou tornando-me insuportável o meu clube, simplesmente insuportável, com o perpétuo “não me denuncies” dos seus olhos.

E além disso, por que êle está sempre comendo?

Pois bem, aqui vai a verdade, toda a verdade, e nada mais do que a verdade. Pyecraft... Conheci Pyecraft nesta mesma sala de fumo em que estou. Era eu nessa altura um membro novo do clube, jovem, nervoso, e êle bem o viu. Sentara-me sozinho, lamentando não conhecer outros sócios, e de repente êle apareceu-me — uma enorme fachada rolante de papeiras e abdomens. Grunhiu, atirou-se sobre uma cadeira perto de mim, ofegou durante um bocado, e acendeu um charuto; e depois dirigiu-me a palavra. Não me lembro do que me disse — qualquer coisa a respeito da má qualidade dos fósforos; e mais tarde, enquanto ia falando, fazia parar os criados, um a um, para lhes dizer dos fósforos naquela voz fina e aflautada que êle tem. Seja como fôr, foi dessa maneira ou doutra semelhante que começamos a conversar.

Falou de várias coisas e chegou ao assunto de jogos. E daí passou à minha figura e ao tom de minha pele. “Você devia ser um bom jogador de cricket”, disse êle. Creio que sou delgado, delgado a um ponto que certas pessoas chamariam chupado, e creio também que sou bastante moreno, mas mesmo assim... Não me envergonho de ter tido uma bisavó indu, mas apesar de tudo não me agrada que um desconhecido qualquer olhe para mim e a descubra num relance. E foi assim que logo desde o princípio antipatizei com Pyecraft.

Mas êle só falara de mim para chegar à sua pessoa.

— E’ natural — disse — que você não faça mais exercício do que eu, e provável que não coma menos. (Como todas as pessoas excessivamente gordas, julgava que não comia nada). Contudo — e lançou-me um sorriso oblíquo — somos diferentes.

Começou então a falar da sua gordura e mais da sua gordura; tudo o que fazia contra a gordura e o que ia fazer contra a gordura; o que lhe tinham aconselhado que fizesse contra a gordura e o que ouvira contar de pessoas que tinham uma gordura semelhante à sua. “A priori — disse êle — julgar-se-ia que uma questão de nutrição podia ser resolvida por meio de dieta, e uma questão de assimilação por meio de remédios”.

Era de morrer. Era sufocante. Senti-me inchar de o ouvir.

Um homem ainda resiste a uma coisa dessas uma vez num clube, mas chegou uma altura em que me convenci de que já suportara demasiado. Agarrara-se a mim descaradamente. Não podia entrar na sala de fumo que êle não viesse chafurdar-me ao pé; e às vezes vinha comer guloseimas para a minha frente quando eu estava a almoçar. As vezes dir-se-ia que estava pegado a mim. Era um magador, mas muito mais terrível porque se limitava a mim. E logo desde o princípio houve qualquer coisa nas suas maneiras... quase como se êle soubesse, quase como se êle tivesse penetrado o fato de que eu podia... — que havia em mim uma probabilidade remota e excepcional que mais ninguém possuía.

— Faria tudo para diminuir de pêso — dizia êle — ... tudo. E espreitava-me por cima das enormes bochechas e ofegava. Pobre Pyecraft! Tocou agora mesmo a campainha; com certeza que vai pedir outro bôlo barrado de manteiga!

Um dia entrou no assunto. “A nossa farmacopéia — disse êle — a nossa farmacopéia ocidental, não é de maneira nenhuma a última palavra da ciência médica. Contaram-me que no Oriente...”

Parou e olhou para mim. Era como estar num aquário.

Enfureci-me subitamente com êle. “Ouçá cá — disse eu — quem lhe falou das receitas de minha bisavó?”

— Sabe... — esquivou-se êle.

— Todas às vezes que nos encontramos, de há uma semana para cá — e foram bastantes — você fez-me uma insinuação descarada a respeito dêsse meu segredo.

— Bom — disse êle — já que o gato está com o rabo de fora, admito o fato. Sim, é verdade. Quem me disse foi...

— O Pattison?

— Indiretamente, (mentira, com certeza), sim.

— O Pattison tomou essa droga por sua conta e risco.

Franziu a boca e curvou-se.

— As receitas da minha bisavó são coisas perigosas de tocar. O meu pai quase me obrigou a prometer...

— E chegou a obrigar?

— Não. Mas preveniu-me. Êle próprio se serviu duma das receitas... uma vez.

— Ah!... Mas acha que...? Sabe... Sabe se não haverá alguma, por acaso...

— Tudo aquilo são documentos muito curiosos — disse eu. Até o próprio cheiro dêles... Não!

Mas já que eu fôra tão longe, Pyecraft decidira que eu havia de ir mais longe ainda. Sempre receei um pouco que êle se atirasse sobre mim e me sufocasse, se eu o impacientasse demais. Confesso que fui fraco. Mas também já estava aborrecido com o homem. Tinha chegado àquele estado de espírito que me levava a dizer: “Bem, arrisca-te!” A tal questão do Pattison, que há pouco citei, fôra um caso totalmente diferente. Não nos interessa agora do que se tratava; mas, seja como fôr, eu tinha certeza de que a que usara nessa altura não era perigosa. Quanto às restantes, não as conheci muito bem e, dum modo geral, inclinava-me a duvidar por completo da sua segurança.

Contudo, mesmo que Pyecraft ficasse envenenado...

Devo confessar que o envenenamento de Pyecraft me impressionou como um empreendimento de grande responsabilidade.

Nessa noite tirei do cofre aquela caixa de sândalo estranha e perfumada, e dei volta aos seus pergaminhos encarquilhados. O sujeito que escrevia as receitas da minha bisavó tinha, pelos vistos, um fraco pelos pergaminhos de origem varia, e uma letra retorcida até ao último grau. Alguns daqueles hieroglifos são para mim completamente ilegíveis, — embora a minha família, com as relações no Serviço da Índia, tenha conservado de geração em geração um conhecimento regular da língua indu —, e nenhum dêles é muito fácil de decifrar. Mas depressa encontrei o que já sabia que lá estava, e sentei-me no chão, ao lado do cofre, a olhá-lo durante algum tempo.

— Espere, — disse eu a Pyecraft no dia seguinte, arrebatando-lhe o pergaminho da mão ansiosa.

— Pelo menos até onde posso compreender, esta receita é “Para perder o pê-



AMBROSIO

so". ("Ah!!" — fez Pyecraft)). Não tenho a certeza absoluta, mas creio que é isso. E se quer um conselho, não se meta nisso. Porque, não sei se sabe (estou a envergonhar o meu sangue no seu interesse, Pyecraft), os meus antepassados desse ramo eram, pelo que tenho ouvido, umas pessoas bastante estranhas. Compreende?

— Deixe-me experimentar — disse êle.

Recostei-me na cadeira. A minha imaginação fez um esforço titânico e desistiu. "Que diabo de figura, Pyecraft — perguntei — julga você que será a sua quando emagrecer?"

Foi impermeável à persuasão. Obriguei-o a prometer que nunca mais tornaria a dizer-me uma palavra a respeito da sua gordura repugnante — nunca, acontecesse o que acontecesse. Depois estendi-lhe o pedaço de pergaminho.

— Olhe que isto é muito desagradável.

— Não faz mal — disse êle — e agarrou-o.

Arregalou os olhos: "Mas... mas..."

Acabara de descobrir que a receita não era em inglês.

— Empregarei o melhor do meu saber para lhe fazer uma tradução — disse eu.

Fiz o que foi possível. Depois disso não tornamos a falar-nos durante quinze dias. Sempre que êle se aproximava eu franzia as sobrancelhas e fazia-lhe gestos para que se afastasse, e êle respeitava o nosso pacto. Mas ao cabo dos quinze dias estava tão gordo como sempre fôra.

E veio ter comigo.

— Tenho de falar — disse êle. Não é justo. Há qualquer coisa errada. A receita não fez efeito. Você não está a fazer justiça à sua bisavó.

— Onde está a receita?

Êle tirou-a cuidadosamente da carteira. Percorri os ingredientes com os olhos. "O ovo estava podre?" — perguntei.

— Não. Devia estar?

— Isto é coisa que está implícita em todas as receitas da minha bisavó. Quando a condição ou qualidade do ingrediente não está especificada, é preciso usar o pior. A pobre senhora era de "ou vai ou racha". E há mais uma ou duas alternativas para alguns dos ingredientes restantes. Arranjou veneno de cascavel fresco?

— Mandei vir uma cascavel de Jamrach. Custou... custou...

— Isso é lá consigo, de resto. Este último ingrediente...

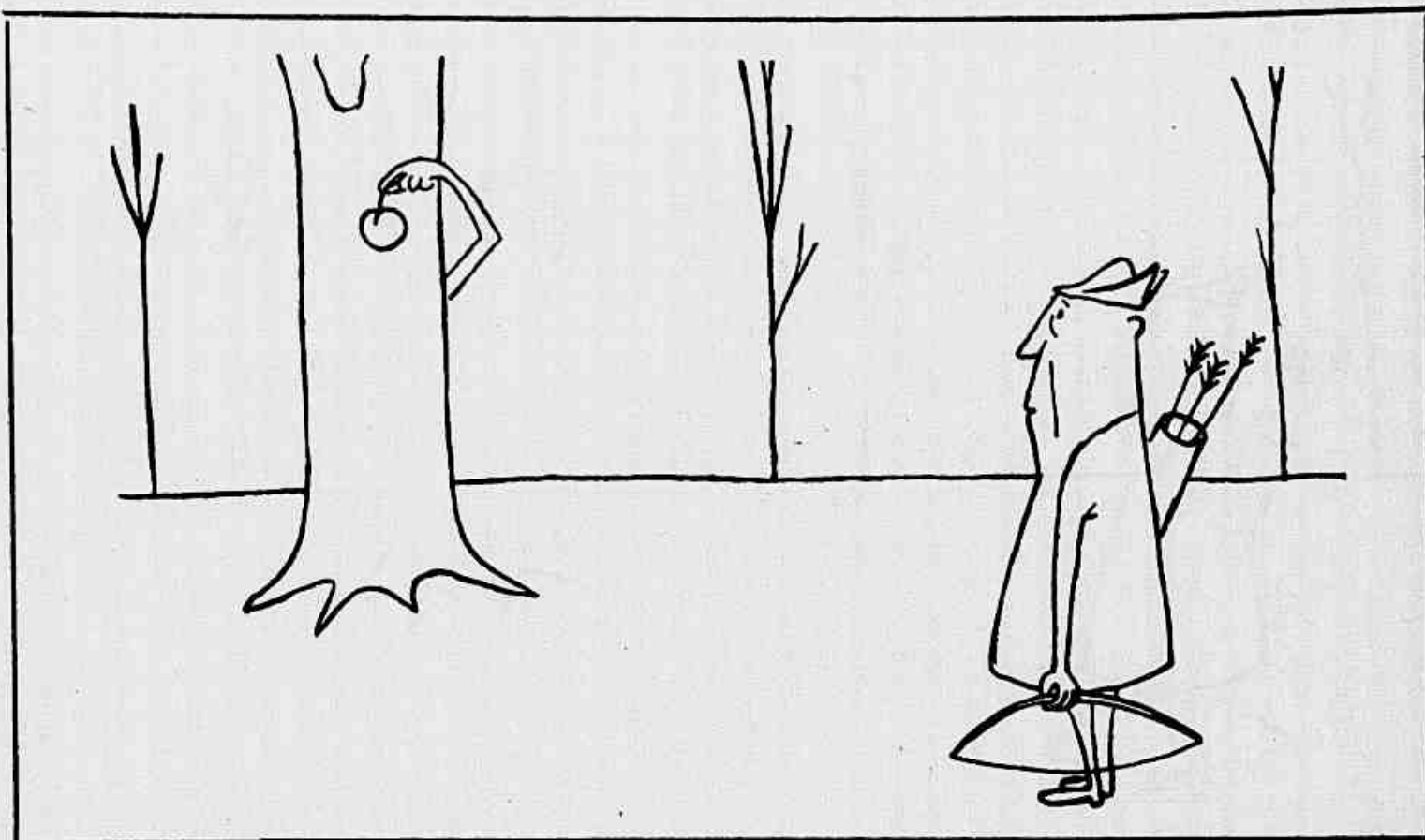
— Foi um homem que...

— Sim. Hum. Bom, vou escrever as alternativas. Mesmo com o pouco que sei da língua, a ortografia desta receita é particularmente aflitiva. A propósito "cão", aqui, deve querer dizer cão pária.

Durante um mês encontrei constantemente Pyecraft no clube, tão gordo e ansioso como sempre. Respeitava o nosso tratado, mas por vezes traía-lhe o espírito com abanadelas desanimadas da cabeça. Até que um dia, no vestiário, disse: "A sua bisavó..."

— Nem uma palavra contra ela — disse eu; e êle conteve-se.

Imaginei que êle desistira, e vi-o um



MARIUS

dia a conversar com três novos membros a respeito da sua gordura, como se continuasse à procura de outras receitas. Então, inesperadamente, recebi o seu telegrama.

— Mr. Formalyn! — berrou-me um "boy" debaixo do nariz; peguei o telegrama, abrindo-o imediatamente. Dizia:

"Venha pelo amor de Deus — Pyecraft".

— Hum, — disse eu. E, para falar com franqueza, fiquei tão satisfeito com a reabilitação da reputação da minha bisavó que almocei divinamente.

O porteiro deu-me o endereço de Pyecraft. Morava no andar superior de uma casa em Bloomsbury; e fui logo lá, mal acabei de beber o meu café e Trapistine. Não esperei pelo fim do charuto.

— O senhor Pyecraft? — perguntei, na porta da rua.

Parecia que estava doente; não saía havia já dois dias.

— Êle está à minha espera — disse eu. Mandaram-me subir.

Toquei a campainha da porta de grades do patamar.

— Êle não tinha nada que experimentar aquilo — disse para comigo. Um homem que come como um porco deve ter aspeto de um porco.

Uma mulher evidentemente respeitável, com uma cara ansiosa e uma touca às três pancadas, veio examinar-me à grade.

Disse-lhe o meu nome e ela deixou-me entrar, com ar de dúvida.

— Então? — disse eu, quando nós achamos dentro do patamar de Pyecraft.

— Êle me disse que o mandasse entrar quando chegasse. Olhou-me, sem demonstrar vontade de me fazer entrar em parte alguma. E depois, confidencialmente: — Está fechado por dentro.

— Fechado por dentro?

— Fechou-se à chave dentro do quarto ontem de manhã e ainda não deixou entrar ninguém. E de vez em quando pragueja: Oh, meu Deus!

Fitei a porta que as olhadelas indicavam.

— Ali?

— Sim, meu senhor.

— O que aconteceu?

Ela sacudiu tristemente a cabeça. Está sempre pedindo comida. Diz que quer comida "pesada". Tenho-lhe levado o que consigo arranjar. Dei-lhe porco, pastelão, salsichas, pão escuro. Coisas assim. Mas tenho de deixar ficar tudo fora da porta e ir-me embora. Tem comido que é uma dor de alma, meu senhor.

Do lado de dentro da porta veio um berro aflautado: "E você, Formalyn?"

— E' você, Pyecraft? — gritei e esmurrei a porta.

— Diga à mulher que vá embora.

Depois ouvi umas curiosas arranhadelas na porta, quase como se alguém estivesse à procura do trinco às escuras, e os grunhidos familiares de Pyecraft.

— Não há perigo — disse eu — ela já foi embora.

Mas durante algum tempo a porta não se abriu. Ouvi a chave dar a volta na fechadura. Depois, a voz de Pyecraft:

— Pode entrar!

Dei a volta na chave e abri a porta. E' claro que estava esperando ver Pyecraft. Mas o homem não estava lá!

Nunca recebi um choque tão grande na minha vida. Ali estava a sua sala (de estar) suja e desarrumada, com pratos e travessas no meio dos livros e dos papéis, e várias cadeiras tombadas pelo chão, mas Pyecraft...

— Pode entrar, homem; feche a porta — disse Pyecraft. E então dei com êle.

Lá estava êle, lá em cima, ao pé da cornija, no canto, por cima da porta, como se alguém o tivesse grudado ao teto. Tinha a cara aflita e furiosa. Ofegava e gesticulava: "Feche a porta. Se aquela mulher vem a saber..."

Fechei a porta e afastei-me para olhar para êle.

— Se alguma coisa dá de si e você cai daí abaixo, parte a cabeça Pyecraft.

— Oxalá eu o pudesse fazer — arfou êle.

— Um homem da sua idade e do seu tamanho a fazer ginásticas de garoto...

— Cale-se — disse êle, angustiado. Vou contar-lhe tudo — continuou, gesticulando.

— Como é que você está seguro aí em cima? — perguntei. (Cont. na pág. 64)



A POSIÇÃO NA CONQUISTA

PERGUNTA

Qual a posição da Igreja diante das últimas conquistas do homem no espaço?

RESPOSTA

A Igreja não se manifestou ainda sobre essas conquistas, mas por certo chegará a hora em que o Papa julgue oportuno falar. Podemos adiantar, porém, baseados no comportamento da Igreja diante das conquistas científicas, que estas serão saudadas como bemvindas — desde que concorram, também, para o progresso moral e espiritual do homem.

Chegará mesmo a Igreja a dar a sua bênção às futuras astronaves, a exemplo do que fez com a máquina a vapor, o automóvel e o avião. E certamente invocará, na bênção, o profeta Elias, o primeiro homem a sair da terra em "carro de fogo", conforme se lê na Bíblia.

Não terá sido o caso de Elias uma antevisão dos futuros foguetes cósmicos? Alça-se o foguete cavalcando sobre rugidoras chamas, para desaparecer no espaço dentro de um minuto! O carro de fogo bíblico, tirado por cavalos de fogo, subindo ao céu num turbilhão (IV, Re 2,11) é símbolo perfeito do foguete a expelir jato gasoso incandescente ou jorro de fotônios.

Elias foi o primeiro homem a fazer viagem extra-terrestre — se dermos crédito à Bíblia.

CONCEPÇÃO DA IGREJA QUISTA DO ESPAÇO

PERGUNTA

Como a igreja encara a possibilidade de astros serem habitados?

RESPOSTA

Essa opinião era suspeita de heresia ao tempo da astronomia de Ptolomeu ou geocêntrica. Copérnico, o cônego-astrônomo, operou uma inversão de valores. Passou a Terra a ser, apenas, um planeta do sistema solar e um dos menores astros do Universo. A concepção heliocêntrica da Terra põe-na em igualdade de condições com outros planetas, inclusive de outros sóis. Se ela, tão pequenina, é habitada, por que o não seriam, pelo menos, planetas de outros sistemas?

Está em Isaías, (*vers. 18 do cap. 45*): "Deus não criou a Terra em vão, mas a fez para ser habitada". É de concluir-se que:

- 1) se a Terra não fôsse habitada, teria sido criada em vão;
- 2) criados em vão teriam sido os astros desabitados.

Em pelo menos cada sistema planetário (dos muitos que há no Universo) deverá haver, no mínimo, um planeta habitado.

A concepção humana da vida e do mundo, até agora, peca por excesso de teluricidade e antropomorfismo. Se a Terra não é o centro do Universo não o será, por sua vez, o homem. No dia em que forem descobertos outros seres corpóreos e inteligentes, além do homem, ciência, filosofia e religião terão dilatada a sua visão do mundo. E nesse dia, senão antes, haverá de manifestar-se a Igreja, firmando posição diante da nova e estupenda realidade.

PERGUNTA

A que atribuir o sucesso da primazia no lançamento dos satélites artificiais?

RESPOSTA

Há muito tempo a Rússia vem se preparando para a conquista do espaço sideral. O grande pioneiro do espaço foi o russo TSIOLKOVSKI, em cujo centenário de nascimento (4 de outubro último) foi feito o lançamento do 1º "Sputnik". A um tempo ficcionista e homem de ciência, suas obras deram a melhor contribuição ao domínio espacial. Previu os satélites artificiais, propôs o foguete como o único meio viável de atingir os astros, descreveu, com minúcias, as cenas de um vôo sideral, as plataformas espaciais, as consequências físicas e fisiológicas da ausência de gravidade (imponderabilidade), sem esquecer a indumentária cósmica e a alimentação no espaço. Para que se avalie o quilate de sua

obra, basta dizer que a equação fundamental do movimento do foguete tem o seu nome, por haver sido ele quem a formulou. É considerado o maior dos sábios russos em Astronáutica e sem sua notável contribuição não haveria soado ainda, como já soou, a Idade Sideral, ao serem lançadas as luas artificiais soviéticas.

Lembremos, também, que as primeiras Sociedades para estudos cósmicos foram fundadas na Rússia, entidades hoje espalhadas em todos os continentes.

Mesmo sem obscurecer a valla da contribuição alemã que a Rússia teve no após-guerra — no que respeita à técnica dos foguetes — era de esperar a primazia soviética no domínio astronáutico.

PERGUNTA

A propósito das plataformas do espaço, como poderão ser construídas e qual sua verdadeira necessidade?

RESPOSTA

Por paradoxal que pareça, é possível construir, no espaço exosférico ou seja, além-atmosfera, uma base destinada ao lançamento dos futuros foguetes cósmicos ou astronaves. A razão é simples: quando um corpo gira como satélite da Terra, sua velocidade orbital desenvolve força *centrífuga* suficiente para contrabalançar a *centrípetra* da gravidade, de modo que o corpo praticamente sem peso, não cai. O problema consiste, pois, em lançar, como satélites, as várias partes de uma plataforma pré-fabricada e lançar, em seguida, na mesma órbita, os operários (em trajes cósmicos) incumbidos de ali reunir e ajustar as diversas partes do conjunto, montando a base. Essa é a missão, não muito remota, dos foguetes químicos atuais e dos futuros de propulsão nuclear.

Os homens-satélites necessitarão, apenas, para se deslocarem no espaço onde flutuarão, de pequeno aparelho a jato como parte integrante do seu equipamento individual. Terão pernas e braços mecânicos e tão logo se habituarem às condições do trabalho no espaço terão bastante eficiência.

Quanto à necessidade real da plataforma-satélite, não se destinará somente a servir de base ou cosmódromo para as futuras astronaves. Pelo mesmo processo serão também lançadas na exosfera, a diferentes alturas ou órbitas estações retransmissoras de Televisão, observatórios astronômicos e laboratórios do espaço.

PERGUNTA

Por falar em foguete atômico, quando se espera a sua construção? E que novos tipos de foguetes se prevêem para o futuro?

RESPOSTA

A construção de foguetes utilizando a energia nuclear como comburente encontra-se ainda num impasse, num duplo impasse, aliás: primeiro: as proporções que necessitaria ter para abrigar um reator atômico; segundo: o perigo das emanções radioativas que ficariam na atmosfera.

Só quando puder a ciência instalar uma pilha atômica de pequeno volume e tenha, ao mesmo tempo, conseguido neutralizar o efeito da radioatividade nociva, será construído o foguete atômico ou melhor, atômico-gasoso, porquanto a

energia nuclear será destinada a inflamar os gases liquefeitos que constituem os combustíveis químicos empregados nos foguetes; são os gases que, expulsos pelos tubos de escape a alta velocidade, impelem o engenho. Só deixará de ser gasoso o *foguete fotônico*, também chamado *radiante*, que em futuro ainda distante será uma realidade. Expelirá, em vez de jatos de gás, jorros de luz (fotônios). Como a velocidade da luz é de 300 mil km, tal veículo alcançará velocidade pasmosa, entre um e dois terços da velocidade da luz.

Deslocando-se em foguete radiante poderá o homem (e só então) tentar chegar às estrelas. Nesse foguete, tipo *non plus ultra* de veículo celeste, parte da própria massa se transformará em energia e a distância será função da aceleração. *Alfa de Centauro*, a mais próxima estrela de nós poderá ser alcançada em apenas 13 anos! Claro que o excessivo calor desses corpos incandescentes não permitirá aproximação demasiada, mas o homem viajará, na mesma rota, para os planetas que em torno deles gravitam. O mais interessante, porém, no foguete fotônico é o chamado *efeito relativístico da dilatação do tempo*. Em consequência desse efeito o período de 1 ano passado a bordo de uma dessas estretonaves corresponde ao de 7 vividos na Terra. O tempo, que passa na Terra, é consideravelmente mais lento que o escoado no foguete radiante. Viajando fotonicamente, o homem terá dilatada a vida, o que o assemelhará mais a Deus, para quem, segundo o salmista, "mil anos são como o dia de ontem, que passou" (Sl89,4).

E com o Universo ao seu alcance, embora em escala reduzida (a Terra está a 30 mil anos-luz do centro da nossa galáxia, a Via Láctea), caberá ao homem, então, a plena designação de *homo cosmicus*, em substituição à do antigo *homo sapiens* terrestre. E se, como é de crer, vier a adaptar-se a novos mundos — planetas de sistemas extra-solares — sobreviverá além da destruição da Terra, talvez se realizando, assim, a predição bíblica da "criação de novos céus e nova terra" (Is. 65,17). O certo é que ninguém poderá dizer, exatamente, a que grau de evolução final chegará a espécie humana.

PERGUNTA

Quais as perspectivas de êxito no anunciado lançamento, para breve, dos satélites americanos?

RESPOSTA

Dado o nome de VANGUARD do projeto lança-satélite dos E.U.A., acreditamos que eles desejassem tomar a dianteira no lançamento desses engenhos. Coube, porém, à Rússia, a vanguarda do empreendimento, por ela executado sem prévia divulgação, surpreendendo o mundo ao anunciar os feitos de 4 de outubro e 3 de novembro. Como a performance soviética ultrapassou, de muito, as condições técnicas do lançamento americano previsto para breve (foram amplamente divulgadas), julgamos que o "Project Vanguard" venha a sofrer alterações substanciais em suas condições técnicas, a fim de não continuar superado. Se as próximas luas americanas não superarem as russas, que não fiquem, pelo menos, em grande inferioridade. Uma coisa parece certa: serem mais aperfeiçoados os instrumentos de medição dos satélites americanos, pelo que deles se poderão obter melhores resultados.

PERGUNTA

Por que não foi possível reconduzir à Terra a cadelinha Peludinha (ou Laika)?

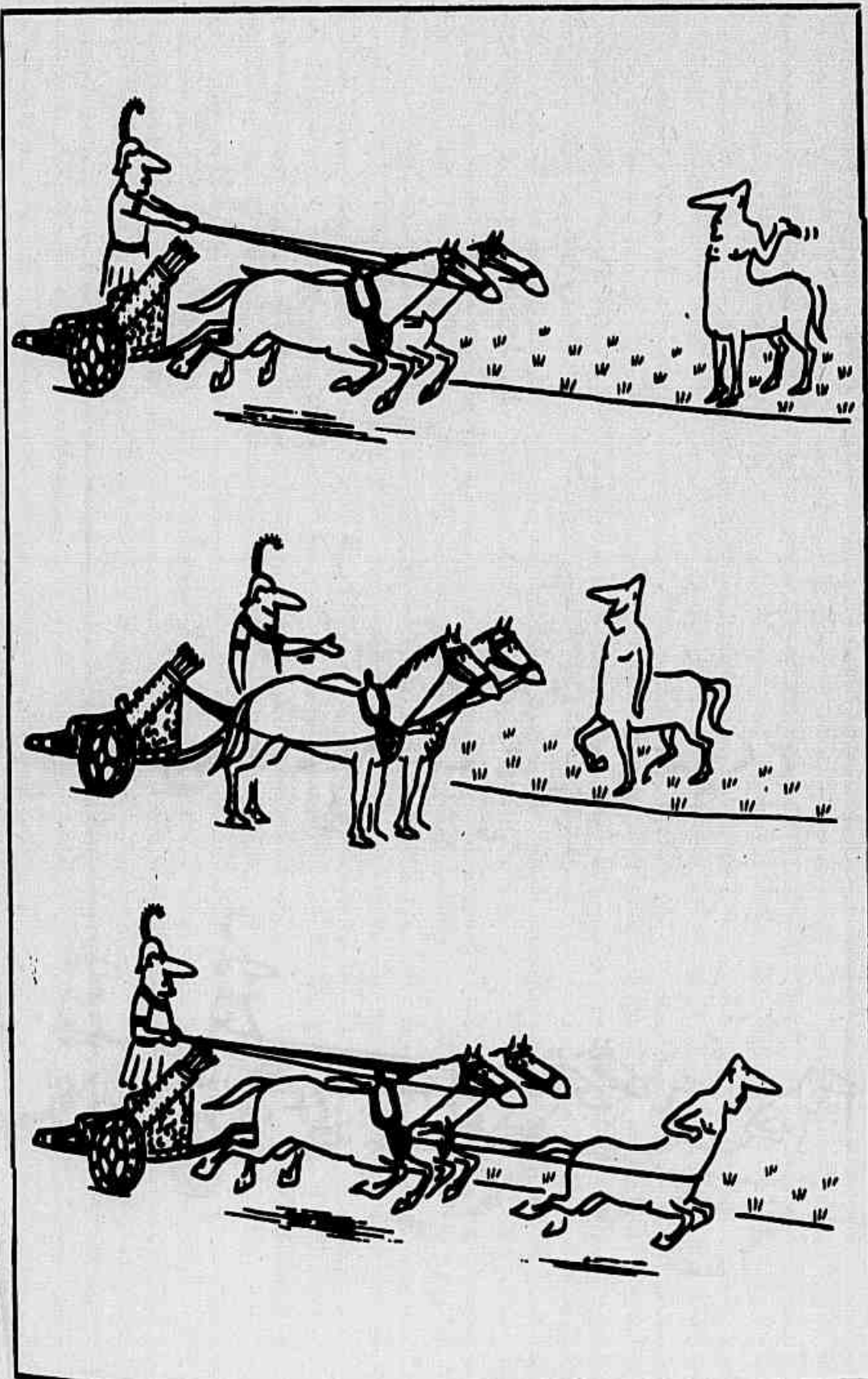
RESPOSTA

Ou falhou o mecanismo automático de recondução ou, o que é mais provável, não foi aparelhado com tal equipamento a cabine onde viajou o animal.

A recuperação de um animal-teste, nas condições da cadelinha russa, implica difícil técnica, que não parece, por ora, exequível.

Teóricamente, sabe-se como proceder. É preciso, primeiro, catapultar o recipiente em sentido contrário à direção do satélite e com força capaz de fazer baixar a velocidade a menos de 27.500 km/h (ponto crítico da velocidade orbital). Em decorrência da degradação da força centrífuga assim efetuada o receptáculo, readquirindo peso, começará a descer. A descida far-se-á em queda livre até cerca de 200 km da Terra, quando será preciso dar início a nova operação, que consiste em diminuir a velocidade da queda, fazendo funcionar um foguete de retropropulsão, a fim de evitar que o pára-quadras receba impacto destruidor, ao abrir-se a uns 100 ou 80 km do solo. Vê-se, assim, que a freiagem a jato precede à freiagem aérea. Restará o problema de cair o recipiente em terra firme e em sítio acessível. A maior probabilidade é de vir a cair sobre o mar que cobre, como se sabe, 3/4 partes da superfície do globo. Mesmo descendo em terra firme, será difícil que o seja no país de origem e em local adequado. Garantia completa só haveria com o recipiente teledirigido, o que redundaria em maiores complicações no equipamento reconduzidor.

"Peludinha" ou "Laika" morreu; estava fadada a morrer, uma vez radiotransmitidos os desejados informes sobre as suas reações biológicas, diante da ausência de gravidade.



BOSC

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS
Cr\$ 242.648.607,60

SEDE: RUA BUENOS AIRES, 144/146 — TELEFONE: 43-8988

End. Telegr.: "BANCOCIO" — Caixa Postal 833

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 135 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA SÃO CRISTÓVÃO: Rua São Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 387 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguiana 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44

SUCURSAL NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

CURSO DE JORNALISMO

(POR CORRESPONDÊNCIA)

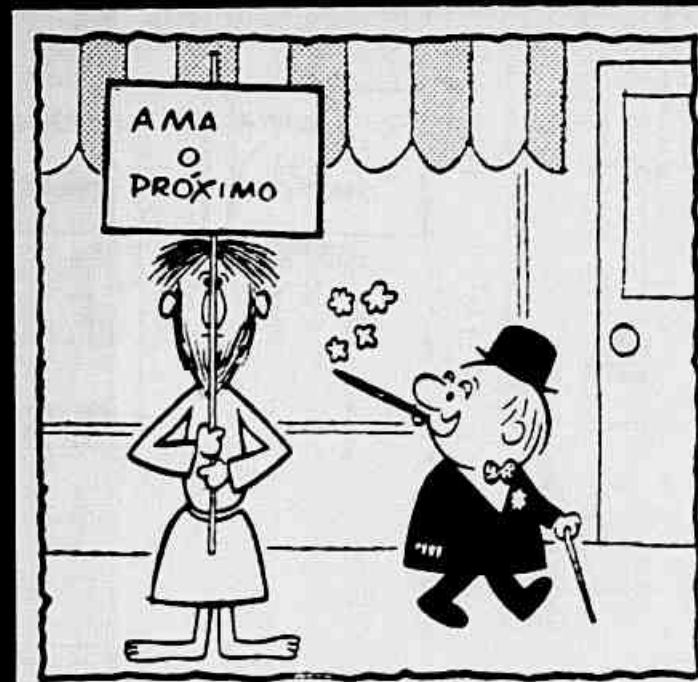
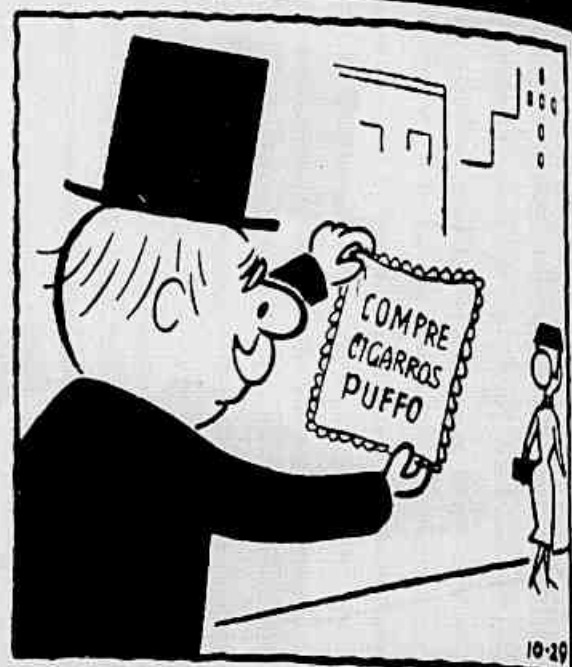
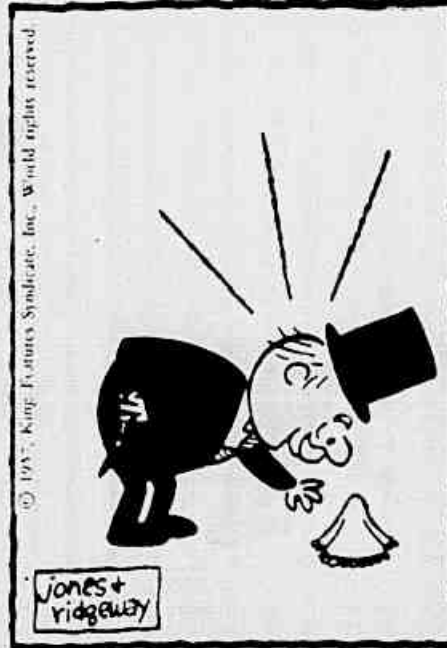
MODULO PRÁTICO DE JORNALISMO
ANEXO ANO 1953-1954

INSTITUTO TÉCNICO PROFISSIONAL

CAIXA POSTAL Nº 10 — COPACABANA
— RIO DE JANEIRO —

Solicite enviar GRÁTIS o folheto sobre o Curso de Jornalismo

Nome
Rua Nº
Bairro Caixa Postal
Cidade Estado
Envie Cr\$ 5,00 em selos para as despesas



O vagabundo e o menino

TERCEIRO CAPÍTULO



BABINSKI

BOM CABELO era um mulato cheio de idéias e muito conceituado no grupo que freqüentava o bar, durante o inverno. Malicioso, vivo, inteligente, fino de corpo, os olhos achinesados e brilhantes, o cabelo liso, muito preto e bem penteado, falava depressa, inquieto, fazendo grandes gestos a propósito de tudo e rindo sempre, um riso nervoso, meio aflito. Dava a vida por um gracejo, por uma pequena patifaria. Costumava jogar pó de mico na "gafieira", amarrar latas no rabo dos gatos, dar cigarros aos sapos. Ou passar água-rás nos anus dos cachorros e morrer de rir, vendo o bicho ganindo arrastar a traseira pela calçada.

As vezes alguém protestava, mas em geral gostavam. Pelo menos, matavam o tédio exasperante das longas noites frias em que não havia nada o que fazer, nem mesmo uma mulher que prestasse para dormir.

x x x

Julgando-se muito bem armado com a cédula de vinte cruzeiros, o vagabundo aproximou-se do bar.

Andava dificilmente. Sua perna esquerda quase não tinha articulação, o que lhe provocava um desequilíbrio que ele corrigia depressa amparando-se aos muros. Seus movimentos eram bruscos, vendo-se logo que não os controlava por completo.

Parou diante do bar, como de costume e ficou olhando encantado o movimento. Depois, enfiou a mão no bolso e puxou a cédula. Olhou-a longamente e atravessou a rua, a calçada, parando à porta. Sorria para as pessoas, sorria com toda a humildade e mostrava a cédula.

Foi nesse instante que bom Cabelo gritou:

— Eu pago! Comida, não! Senão você vai se viciar. Mas cachaça, eu pago.

O mulato acabara de ter, de repente, uma idéia que julgou brilhante: um porre no idiota. Deveria ser engraçado vê-lo bêbado, com aquela perna esquerda dura. Com certeza, iria se esborrachar no chão.

— Anda, vem!

O vagabundo sorria, permanecendo no mesmo lugar.

Então Bom Cabelo foi buscá-lo:

Léo Victor

— A casa é sua, — dizia. — Não faça cerimônia. Põe uma "branquinha" aí para o meu primo, Ferreira!

Alguma coisa dentro do maltrapilho o alertou. Era um aviso muito vago, nebuloso. Coisa de experiência, coisa física, não de conhecimento. Quis recusar. Pediu comida e mostrou o dinheiro.

— Guarda teu dinheiro — disse sorrindo Bom Cabelo. E abraçando-se com ele, insistiu: — Anda meu chapa, é para você se esquentar.

Depois do primeiro cálice, não houve mais dificuldade. A aguardente descia quente e amiga pelo esôfago, inundava-lhe o estômago, irradiando uma quentura boa e mansa até seus pés descarnados e frios.

Foi uma noite em que Bom Cabelo e seus amigos se divertiram a valer. Encorajado pela bebida e, sobretudo, pelos abraços, o idiota cantou com voz mole e desafinada e dançou com sua perna quase sem articulação e seus movimentos bruscos, a todo instante tendo que ser amparado para não cair.

A princípio, pilheriavam à vontade, davam-lhe pequenos empurrões só para vê-lo desequilibrar-se. Mas à medida que o tempo passava e todos ficavam ligeiramente embriagados, fizeram um círculo em torno do idiota que, mais bêbado do que todos, dançava e cantava. Havia entre eles como que uma disputa para inventar brincadeiras que provocassem a sua reação e servissem de motivo de riso. Davam-lhe palmadas, cascudos, pequenos empurrões, puxavam-lhe o dólma, o chapéu, ameaçavam tirar-lhe as calças. E o encorajavam a cantar e dançar.

Súbito, o idiota parou. Olhou ofegante, lentamente, em torno de si, tirou o chapéu roto e seus cabelos ondulados, ruços de sujeira, caíram-lhe até os ombros, como os cabelos de uma mulher. Então, pôs-se a recitar versículos da Bíblia. Fazia-o com uma seriedade grotesca, como se estivesse imitando um padre no púlpito.

A hilariedade cresceu ainda mais. Bom Cabelo chorava de tanto rir.

O idiota apontou para ele — e já não era possível saber se dançava alegre ou se ao contrário agitava-se num tremor violento — e gritou com ar feroz, soltando perdigotos por entre os dentes podres:

— E Deus disse: — Que fizeste do teu irmão, Abel?

Aí, empurram-no de um lado para outro, rindo e o idiota novamente riu, cantou e dançou.

De repente, parou de novo, como se se houvesse lembrado de alguma coisa muito importante e gritou outra vez, extraordinariamente sério:

— E Deus disse — Que fizeste do teu irmão, Abel?

E os homens, supondo que o vagabundo estava tentando ser engraçado, riram e fizeram câro, batendo palmas em ritmo de samba:

— Abel! Abel! Abel!

Depois, quis gritar pela terceira vez, mas baralhou as palavras, confundindo-as com as de outros versículos:

— E Deus disse: — Não olhes para trás e Abel tornou-se uma estátua de sal. O câro crescia:

— Abel! Abel! Abel!

Quando "Seu" Ferreira cansou e quis dormir, usando de sua habilidade no trato com os bêbados, foi empurrando lentamente os homens para fora e arriou a esteira de aço. Ao apagar as luzes, ainda ouviu ao longe a voz esganiçada do idiota: "E Deus disse...", logo abafada pelo câro, agora com uma variação:

— Abel gambá! Abel gambá! Abel gambá!

x x x

No outro dia, o idiota deixou-se ficar acorçado em cima de uma pilha de tábuas, diante da estação da estrada de ferro. Passou ali ao sol o dia todo, triste e encolhido como uma galinha doente.

Alguns dos que haviam participado da farra da noite anterior, passaram por ele, gracejando:

— Que ressaca, hein, Abel?

O vagabundo sorria. Mas seus olhos estavam baços e alguma coisa muito estranha e angustiante crescia dentro dele, sem que o pudesse impedir.

A tardinha, quando o grupo se reuniu no bar, avistou-o lá e foi buscá-lo para embriagá-lo novamente.

Assustado, o vagabundo levantou-se. Viram-no num salto tentar descer desajeitadamente da pilha de madeira e, de repente, transformar a descida numa dança frenética de contrações e contorsões. Pensaram em rir. Mas apenas pensaram, porque não houve tempo para fazê-lo. Ouviram um urro lancinante e aterrador, que não era de homem nem de nenhum animal conhecido, e o idiota, inteirando-se, rolou hirto do alto das pranchas.

Houve um momento de terror e imobilidade. Logo, refeitos, correram para junto dele. O homem espumava e sangrava. "Seu" Chico observou com ar de entendido:

— Cuidado com a baba. Isso pega.

Uma mulher gorda benzeu-se. E todos ficaram olhando, imóveis, em silêncio, o homem que se contorcia, rangia os dentes, grunhindo.

Demorou muito tempo assim. Depois, tranqüilizou-se. Foi então que Ivan começou a chorar.

A mulher gorda voltou-se para o pai do menino e disse, irritada:

— Ora, "Seu" Ferreira! Para que o senhor deixou a criança ver um espetáculo desses?

"Seu" Ferreira colocou a mão no ombro do filho e falou:

— Vamos embora.

Sentia-se meio culpado. Os outros o seguiram, sentindo-se também um pouco culpados. Foram andando lentamente em direção ao bar, desanimados, tristes, como crianças que inventam uma brincadeira que julgam muito divertida, mas que na prática não dá certo.

Apenas o preto velho ficou ao lado do idiota, como se estivesse velando o seu sono. Vendo ao longe o menino entrar no bar, ainda chorando, teve um pensamento estranho. Imaginou que talvez Ivan não chorasse pelo idiota, nem de nervosismo, nem de medo. Talvez chorasse pelos outros. Por ele inclusive. Lembrou-se da sua própria advertência: — "Cuidado com a baba. Isso pega". E segurando os braços do idiota, foi puxando com muita dificuldade aquele corpo que parecia morto e deixava na poeira do chão um rastro de sangue.



CLAUDE REYNAUD

Ivan ficou muito impressionado com o que vira à tarde. A noite, depois do jantar, sentou-se a um canto do bar e passou em revista as diversas coisas que poderia fazer. Não lhe ocorria nada a não ser o que havia pensado desde o início, isto é, pedir ao pai que fôsse ver o vagabundo. Hesitava, porque esta não lhe parecia uma solução que pudesse ter êxito. Enfim, decidiu-se. Mas o pai nem quis falar no assunto: à sua maneira, também estava comovido. Então, Ivan tentou convencer a mãe, da necessidade de alguém ir lá e tratar daquele homem ferido. Mas dona Maria foi mais agressiva ainda: prometeu-lhe uma surra e mandou-o dormir.

Ivan obedeceu e deitou-se na cama, de olhos abertos, pensando nos inquietantes mistérios da vida. Sentia um estranho senso de responsabilidade em relação ao vagabundo. Estava convencido de que se não o tivesse descoberto no meio das hortênsias e feito aquele escândalo todo, nada do que aconteceu teria acontecido. Além disso, pensava agora num problema que nunca lhe ocorrera antes. O vagabundo estava só. Ninguém cuidava dele. Ninguém se considerava responsável por ele. Nunca Ivan imaginara que pudesse existir gente assim. Aquilo não fazia sentido, não tinha nenhuma lógica, nenhuma equidade.

Ivan revia nitidamente a cena, pela milésima vez. Tinha certeza de que o homem continuava lá, espumando e sangrando, sozinho dentro da noite gelada. Seu pijama de flanela, seu cobertor de lã, não lhe dava a sensação de bem-estar de costume. Houve um momento em que se sentiu tão revoltado, que pensou em ficar nu, deitado no meio do chão. Mas lembrou-se da mãe e abafou seus escrúpulos.

Virou-se de lado, com um sentimento de derrota. Encolheu-se para resistir à tristeza, mas logo se pôs à escuta, tentando ouvir os passos da irmã.

Sim, por que não pensara nisso antes? Era isso mesmo. A solução estava em pedir auxílio a Ceci. Sentiu-se melhor. A esperança trouxe-lhe o que traz sempre! um pouco de coragem e paciência.

Esperou um tempo que lhe pareceu enorme e Ceci nada de aparecer. Estranhou a demora. Até quando deveria esperar, para poder fazer-lhe as perguntas que preparara? Ah! sabia muito bem que ela iria desconversar, chamá-lo de criança e de tolo, mas iria argumentar seriamente. Desta vez, não o confundiria.

Novamente, muito aguda e dolorosa para a sua emotividade, voltou a consciência daquele problema: todos tinham alguém — isto era o centro de tudo e Ceci tinha que lhe explicar direitinho. — Até os bichos. Só queria ver como seria a resposta dela. Iria gritar-lhe "Até os bichos!" Depois, diria baixo, para não irritá-la demais: — Todos tinham alguém. Alguém que lhes cuidasse, alguém responsável por eles. Menos aquele homem. Seria nessa altura que iria perguntar-lhe se ela conhecia alguma criatura assim como aquela. E provar-lhe que, sozinho no mundo, apenas existia o vagabundo. Ela

na certa sorria com sua maneira superior. Iria referir-se à sua idade, à sua experiência, achando naturais os mistérios mais insondáveis. Mas nesse momento, ele lhe faria todo um relatório sobre as pessoas conhecidas. Começaria pelo pai e a mãe, que cuidavam dele e dela em casa, e pela professora, que cuidava de ambos na escola. Até a professora que era a pessoa mais desagradável que ele conhecia, tinha um marido que ia buscá-la todas as tardes, e, às vezes, quando chovia, até lhe levava um guarda-chuva. Com todos era assim. Apontasse um que não o fôsse. Nem "Seu" Bernardino. Quando se embriagava e começava a falar mal do governo e a dizer palavrões, a querer brigar, o pai telefonava para o filho dele, que vinha correndo e o levava para casa. Quem mais? Augusto? Ora, o Augusto não queria ninguém perto dele. Mas, quando ficou doente, todo mundo foi lá levar remédios e comida. Não! não havia ninguém como aquele homem! Sozinho, ferido deitado no chão, todos sabendo e ninguém fazendo nada. Nem sequer querendo falar no assunto. Esta vida era mesmo uma miséria.

E ele não podia fazer nada. Se fôsse o seu cachorro, sim. Iria correndo buscá-lo e ninguém o impediria. Ninguém se opusera quando alimentara o Dick, de mamadeira, logo que a cadela morrera de parto e o bichinho ainda tinha os olhos fechados. Pelo contrário, até o ajudaram e lhe deram conselhos. Depois, ensinara Dick a andar na corrente, a saltar o muro, a obedecer ao seu assovio, e até a avançar nos garotos mais fortes que

quisessem lhe bater. Todo mundo achava isso muito certo, ria e aprovava. Era responsável pelo Dick.

Ela também tinha o gato. E o Bio era castrado, gordo, preguiçoso e burro. Mas gostava dele. Vivia no colo dela. Perfumava-o. Amarrava-lhe no pescoço uma fita de seda vermelha que, aos domingos, substituíam por outra mais larga, de veludo, para poder lavar e passar a ferro a de seda. Pois até pintava as unhas do bicho com o esmalte da mãe.

Tudo assim. Menos aquele homem.

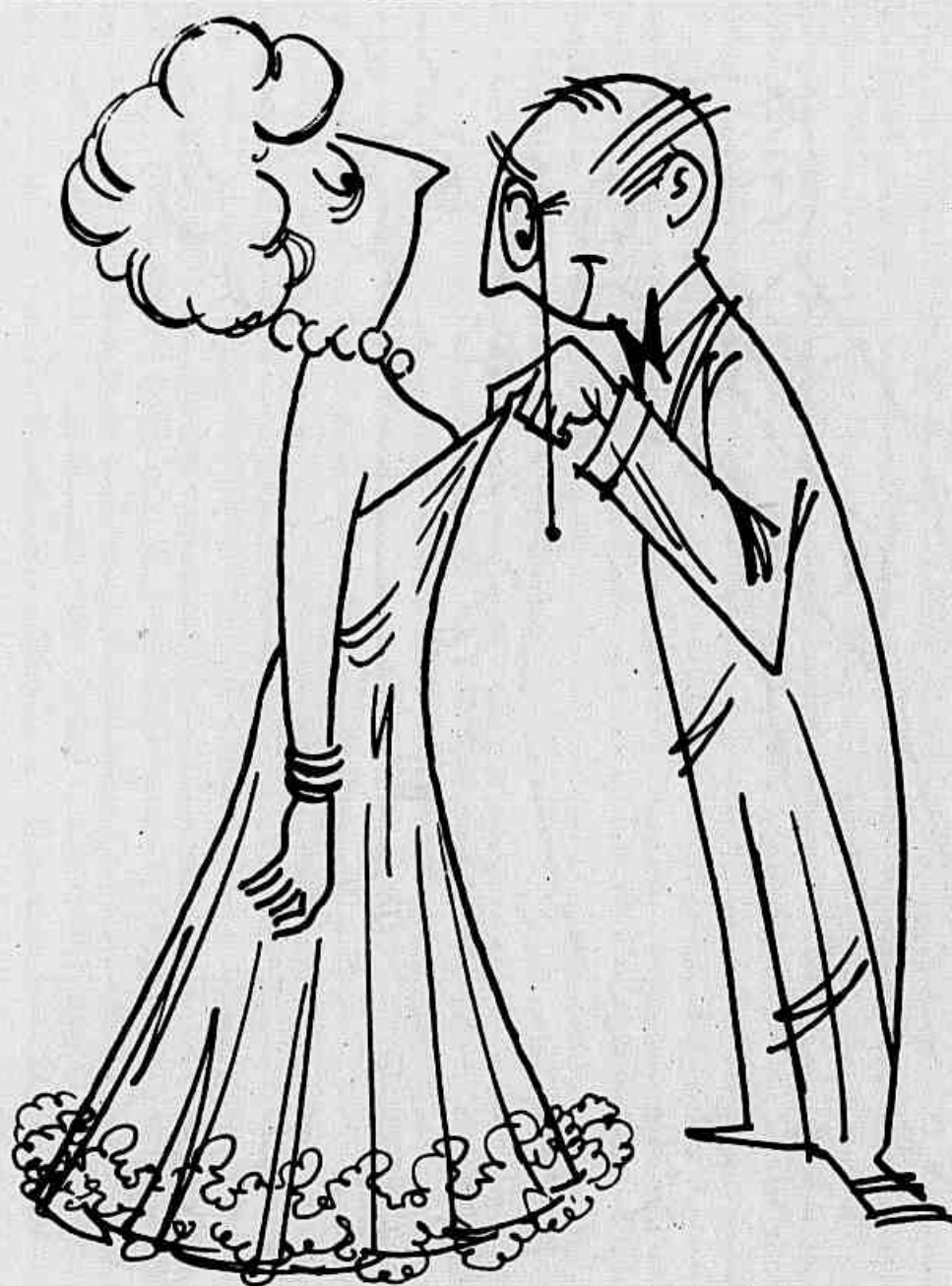
Ivan sentia-se na obrigação de tomar conta dele. Ceci iria ajudá-lo. Apesar de tudo, ela sabia fazer bem as coisas. Era três anos mais velha e por isso viviam dizendo: — "Não faça isso, que você já é uma mocinha". — "Comporte-se como uma mocinha". Mas Ceci não dava bola e até que era legal. Jogava futebol com a turma, nadava e brigava como se fosse um garoto. Ela iria ajudá-lo, sim.

De início, claro, recusaria. Sempre se recusava no começo, mas depois cedia. Ela custava a entender. Seria necessário explicar-lhe tudo, convencê-la e, em último caso, ameaçá-la de ir sozinho. Então iria também e guardaria um segredo tão grande como se fosse um homem.

Quando Ceci chegou, Ivan fingiu que dormia. Depois, viu a luz do quarto dos pais apagar-se, deslizou silenciosamente da cama, e metendo-se em baixo dos cobertores da irmã, cochichou docemente:

— Ceci, eu quero te contar uma coisa, mas tu não diz a ninguém.

Ante aquela possibilidade de coisa proibida, Ceci tornou-se toda ouvidos.



Ôba... Ôba...! Sapatinhos novos, hein...?

AMBROSIO



ABÍLIO — Da França à Inglaterra, nadando.

PARA TENTAR A TRAVESSIA do Canal da Mancha um advogado paulista, Abílio Alvaro da Costa, vendeu o seu automóvel, gastando todas as suas economias (mais de Cr\$ 170 mil) e ainda foi obrigado a abandonar a prova depois de ter nadado 11 horas.

O comandante do barco "Ariel II" (que acompanhou Abílio) confessou depois ter cometido um erro de navegação, perdendo-se no local onde muitos barcos (e até mesmo grandes iates) já afundaram. Por esse erro Abílio nadou muitos quilômetros mais que o percurso em linha reta e por isso não bateu o recorde da prova pertencente ao nadador Abd El Dehim (10 horas e 50 minutos).

Todos os tripulantes do "Ariel II" estavam certos de morrer, batendo num dos muitos bancos de areia do lugar, a quatro milhas e meia de Deal, onde estão "as águas mais geladas do canal". Retirado da água Abílio ainda assistiu durante duas horas a luta do barco para escapar. As ondas que cobriam o "Ariel II" ameaçavam levar todos para o fundo. Um navio de salvamento da Real Marinha Britânica é que conseguiu salvar a todos, rebocando o barco.

Depois de tudo isso Abílio soube que poderia ter passado mais seis horas dentro d'água pois tinha resistência para tanto.

ANTES DESSA TENTATIVA no Canal, Abílio tentara a travessia Capri-Nápoles (competição mundial de longa distância que indica o campeão do mundo). Nem inscrição pelo Brasil ele conseguiu (negada pela CBD, que não acreditava em suas possibilidades). Sem poder concorrer à classificação, Abílio caiu n'água assim mesmo, chegando em 12.º lugar, nadando nas seguintes condições:

1. tendo chegado ao local na véspera da competição;
2. não tendo feito qualquer treinamento específico para a prova;
3. nadando sem barco de acompanhamento;
4. sem alimentação durante oito horas.

ABÍLIO COMPLETOU o percurso Capri-Nápoles em 12,56 horas. Foi o vanguardeiro da competição durante as primeiras quatro horas. Sentindo que nenhum dos seus concorrentes



SALVO — Mas ainda em perigo de vida.

desistia, e que não tinha barco a acompanhá-lo, descambou para o continente. Nessas quatro horas — segundo o relatório da prova — já devia ter recebido alimentos duas vezes.

Mesmo assim continuou nadando — embora não tivesse condições físicas para isso. Depois de oito horas (sempre sem alimentação) é que um barco passou a acompanhá-lo. Um nadador húngaro desistira, cedendo seu barco ao nadador brasileiro.

Quando atingiu à praia, sob a bandeira da Hungria, as agências noticiaram que o húngaro terminara a prova. E não falaram em Abílio — o brasileiro que nadara quase todo o percurso sem barco e sem comida.

E no Brasil? No Brasil os jornais não souberam de nada.

ABÍLIO PREPAROU-SE para a Mancha durante oito meses. E teve um preparo técnico errado, principalmente no tocante à alimentação. Já em Dover procurou corrigir os erros, mas para ele a experiência da travessia Capri-Nápoles foi importante.

ALLA ELDIN EL NAWAATE, iraqueano campeão do mundo de amadores, depois do único treino que deu com Abílio (na véspera da prova) disse: "Dos amadores que estão aqui este ano você é o único que tem condições para ganhar a prova".

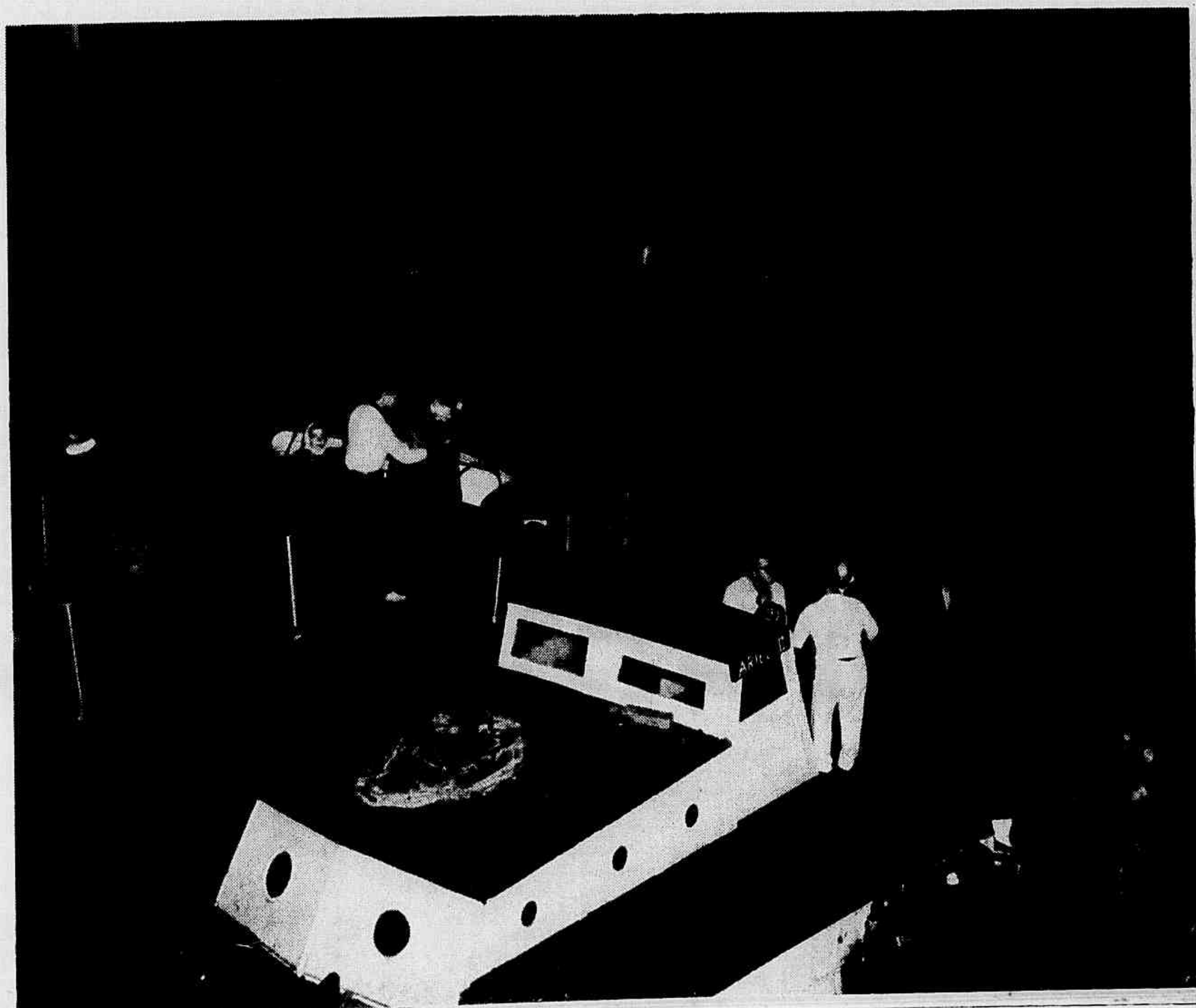
No dia seguinte, na hora da largada, sabendo que Abílio não teria barco de acompanhamento ofereceu o seu, mandando que ele nadasse a seu lado. Alla Eldin estava disposto a dividir a sua alimentação achando que Abílio merecia tentar o campeonato. O paulista recusou, para não prejudicar a atuação do iraqueano que, afinal, foi o 1.º colocado entre os amadores e o 5.º na ordem geral.

A TENTATIVA DE ABÍLIO na Mancha — ao que tudo indica — será aprovada pela Chammel Swinning Association, Embora ele não cumprisse exatamente o que determinava o regulamento da travessia — chegar andando sem ajuda na praia ou ser recolhido a 20 metros dos rochedos de Dover.

ABÍLIO VAI VOLTAR este ano a Dover. E diz que, desta vez sairá andando (sòzinho) na praia de Dover.

UM BRASILEIRO ATRAVESSA O CANAL DA MANCHA A NADO

ARIEL II — O comandante confessou seu erro.



DICKENS SALVA A SEMANA

A SEMANA passou com altos e baixos, e teria sido editorialmente fraca, não fôra um ou outro bom lançamento. Dessa vez, foi a ficção, e não a poesia, que levou vantagem sobre os demais gêneros literários.

A poesia apresentou-se sem relêvo, com "Cone de Luz", de Neyde Bonfiglioli Trussardi (Martins, São Paulo, 1957 — 231 p.), com "Ronda Encantada", de Dylma Cunha de Oliveira (SCAB, Rio de Janeiro, 1957, 63 p.).

No gênero, hoje em moda, da biografia, houve uma reedição do "Machado de Assis Desconhecido", de Magalhães Júnior (Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1957 — 437 p., terceira edição, definitiva).

Já no que diz respeito à prosa de ficção, um livro de contos, um romance e a tradução, pela vez primeira para o português, de "Nicholas Nickleby", de Dickens, chamam desde logo a atenção dos leitores.

O livro de contos chama-se "O Anjo Amarelo" e vem de São Paulo (E.B., 1957 — 89 p.); escreveu-o um estreante no gênero, Roberto Simões.

Se "O Anjo Amarelo" é um bom livro de contos, bom é igualmente o romance "A Ronda do Pátio", de Paulo Novaes — também jovem (26 anos), também estreante no gênero, também efetuando pesquisas formais e ambientais. A história cheia de angústia de Calijão, Cora, Jonas e Ismael desenvolve-se através do livro (Agir, Rio de Janeiro, 1957 — 193 p., ilustrações de Onofre Penteado), num verdadeiro clima de pesadelo, de obsessão. Talvez por isso, no prefácio, Tristão de Athayde aproxime "A Ronda do Pátio" das novelas e romances de Kafka — o escritor tcheco à cuja sombra Paulo da Silva Novaes teria argamassado seu livro.

Quanto à tradução de Charles Dickens ("Vida e Aventuras de Nicholas Nickleby", José Olympio, Rio de Janeiro, 2 volumes, 348 + 426 p., prefácio de G.K. Chesterton, 70 ilustrações de "Phiz", Frank Stone, Thomas Webster e Daniel Maclise, vinhetas idealizadas por G. Bloow), é ela devida a Oscar Mendes e Milton Amado, e, sem dúvida alguma, é o acontecimento editorial da semana.

DA EDIÇÃO — Desde 1950 vinha a livraria José Olympio prometendo, em seus programas editoriais, o lançamento das "Obras Completas" de Charles Dickens, em 26 volumes; várias razões, todavia, impediram por todos esses anos a concretização do plano soberbo, que viria apresentar ao público brasileiro o grande romancista inglês, numa edição digna de seu valor imenso. "Vida e Aventuras de Nicholas Nickleby" constitui os volumes 1 e 2 da série de 26, e sua apresen-

tação gráfica claramente indica e prova que a indústria do livro, no Brasil, vem rapidamente atingindo a maioria.

DO TEXTO — Não consta, no livro, o nome das edições inglesas a que recorrem os tradutores; apenas publicou-se a nota lacônica: **Textos Integrais Conforme As Melhores Edições Inglêsas**. Tais edições devem ser, forçosamente: a 1.^a, de 1839 (Chapman & Hall, London) e a de 1858, de Chapman & Hall igualmente: uma e outra são mencionadas no texto, e mesmo, da primeira, é reproduzido o frontispício.

SOBRE DICKENS — Extensa notícia bio-bibliográfica ("Vida e Obra de Charles Dickens") precede o texto de "Nicholas Nickleby"; escreveu-a um dos tradutores, Oscar Mendes, e esse ensaio, quer pela extensão (cerca de cem páginas), quer pela profundidade dos conceitos nele expendidos sobre a obra literária do criador de "Oliver Twist", honra o nome do crítico mineiro.

Divide-se o ensaio em duas partes, a primeira biográfica, a segunda — sem dúvida mais importante —, puramente crítica ("O Mundo de Dickens", 1.^o volume, páginas LXVI a XCIII).

Para Oscar Mendes, como para Chesterton, "Dickens foi uma multidão". Mendes — 1. chama a atenção para o poder de observação do grande escritor vitoriano (nisso indo de encontro a Van Tieghem, para quem a imaginação visionária de C. D. muitas vezes lhe toldou a observação pura — apud "Histoire Littéraire de l'Europe et de l'Amérique de la Renaissance a nos jours", Librairie Armand Colin, Paris, 1951, página 269. Aliás, Van Tieghem é algo injusto para com Dickens: "ses plans sont décousus, son action languit, son imagination visionnaire lui tient souvent lieu d'observation; sont pathétique même est un peu appuyé", diz — para logo nas linhas seguintes desdizer-se); 2. aproxima Dickens de Disney, em certos momentos de pura fantasia — e essa aproximação, certamente irá desagradar a determinada espécie de leitores; 3. traça um rápido esboço, rápido mas nítido, da extensa galeria de personagens dickensonianos, salientando, nela, os caracteres marcantes: Chadband, Pickwick, Copperfield, Oliver Twist, etc. (Para se ter aliás idéia do que seja tal galeria de personagens dickensonianos, basta que se diga que somente em "Pickwick Papers", eles são em número de 350).

Oscar Mendes, para concluir, analisa aquilo que denomina de "A Mensagem de Dickens", mensagem que Taine decifra do seguinte modo: "Sêde bons e amai: só há verdadeira alegria nas emoções do coração; a sensibilidade é o homem todo

inteiro"; e o norte-americano Van Dyke: "nenhum escritor de ficção fez mais bem ao mundo do que Dickens; mensagem que o próprio romancista colocou na boca de um personagem moribundo, Stephen, em "Tempos Difíceis": "Vê mais claro, e minha prece de moribundo foi que os homens possam pelo menos aproximar-se mais uns dos outros, do que quando eu, pobre homem, estava entre eles". Mensagem de crítica sem amargura, e de esperança no futuro.

"NICHOLAS NICKLEBY" — Já dissemos acima, quando tratávamos de Dickens, que Van Tieghem lhe considerava os enredos desconexos; no romance "Nicholas Nickleby", pelo menos, Van Tieghem encontra motivos de sobra para essa sua afirmativa. "Nicholas Nickleby" parece mais um livro de contos e novelas, onde, todavia, um fio sutilíssimo serve para unir a narrativa inteira.

Chesterton — cujo prefácio à edição da "Everyman's Library", de Londres, 1949, é transcrito antes do texto — também participa dessa opinião, embora afirmando que "Nicholas Nickleby" é o divisor de águas, importantíssimo, entre os "Esboços" que vinham constituindo a principal preocupação literária de Dickens, e os romances perfeitos e solidamente elaborados que logo surgirão.

O protagonista do romance é um moço à procura de emprego, ora engajado como mestre-escola auxiliar numa cidadezinha inglesa, ora como preceptor dos filhos de um burguês abastado; moço pobre, herói tranqüilo e plácido, que termina por se revoltar contra os métodos drásticos de ensino do mestre-escola Squeers, a quem esmurra ante toda a sala de aula estarecida...

Romance, "Nicholas Nickleby", sem rumo e sem direção deliberada — como seu protagonista, eternamente em busca de novos lugares; romance que é um grito de protesto (grito, mas sem amargura) contra tantas irregularidades, já velhas à época de Dickens, e que ainda hoje continuam a desafiar os romancistas.

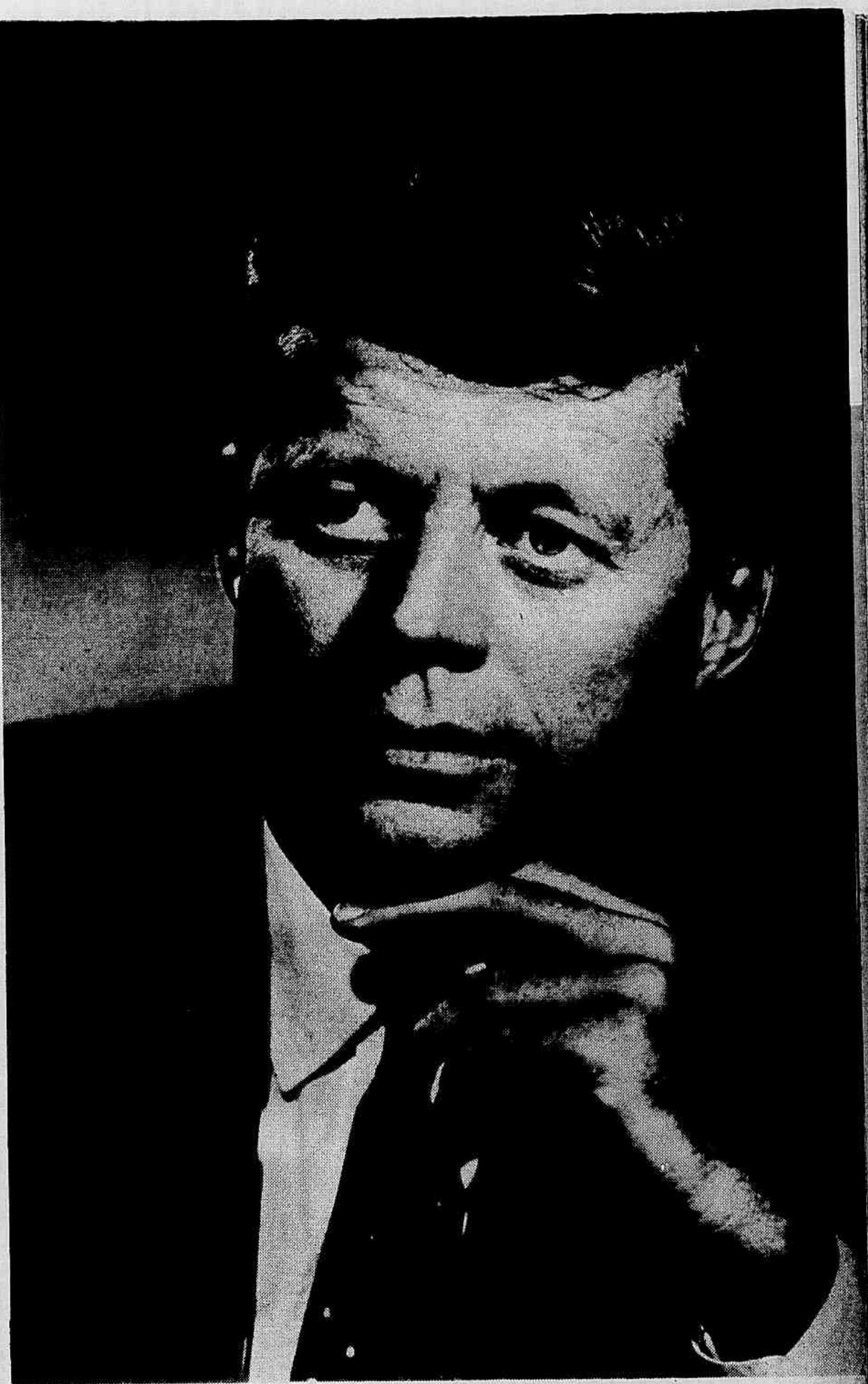
DA TRADUÇÃO — Foi feita por Oscar Mendes e Milton Amado; podemos, fora de qualquer dúvida, após confrontarmos aqui e ali o texto original (pela edição sem data, de Collin's Clear-Type Press, London & Glasgow, com ilustrações de W.H.C. Groome — 846 p.) com a tradução brasileira, afirmar que se trata de iniciativa honesta e levada a bom termo, graças à capacidade dos tradutores aos cuidados com que puseram mãos à obra. O texto português, de resto, é vasado num estilo agradável, que pode ser lido sem dificuldades.

AS ILUSTRAÇÕES — Não poderíamos encerrar esse registro sem falar das tantas ilustrações e vinhetas que ilustram a edição, algumas devidas à pena do célebre "Phiz" (Hablot Knight Browne), grande amigo de Dickens e que ilustrou a primeira edição. Muitas são modelos no gênero, e agora aparecem, na edição brasileira, em toda a sua beleza e nítida impressão.

O CANDIDATO DO PARTIDO Democrata nas eleições presidenciais de 1960, nos Estados Unidos, parece que será o senador (por Massachusetts) John Fitzgerald Kennedy que, além de ter 40 anos, é do tipo que os norte-americanos chamam "handsome" ("boa pinta") e se prestaria muito bem para a propaganda eleitoral em televisão, cinema e cartazes.

Já conhecido como "o candidato 21 polegadas — a ou sem côres", o senador Kennedy é casado desde 1953 com Jacqueline Lee Bouvier, uma atraente e jovem morena, que seria muito bem recebida como Primeira Dama.

JACQUELINE LEE — Uma primeira dama para capa de revista



J.K. — Este é bem mais simpático que o outro

*J. K. pode ser
o próximo Presidente
dos Estados Unidos*

O TBC JOGA "DAMA DE COPAS" CONTRA O PÚBLICO DO RIO

ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA: PRODUÇÃO E LUCROS Abílio Pereira de Almeida, o autor da moda, vai ser novamente representado, no Rio, com "Dama de Copas", na Maison de France. Antes, teve "Paiol Velho" e "Santa Marta Fabril S.A." em cartaz, no Ginástico. Franco Zampari (Teatro Brasileiro de Comédia) é o empresário do dramaturgo. Atualmente ganha bom dinheiro em São Paulo, onde "Rua São Luís 28" arrecada Cr\$ 40.000,00 por dia, na interpretação de Fernanda Montenegro, Natália Timberg, Sérgio Brito etc., conhecidos do público do Rio via "Casa de Chá do Luar de Agosto", de John Patrick, "Nossa Vida com Papai", de Lindsay e Crouse, assim como através de aparições no "Grande Teatro" da TV Tupy.

A sociedade Zampari-Abílio tem sido o ganha-pão de ambos, nesta época de vacas magras em bilheteria de teatro. "Paiol Velho" rendeu perto de Cr\$ 2.000.000,00, o que não é muito, levando-se em conta a semelhança, a identificação de mentalidade existentes entre o dramaturgo e o público do Rio e São Paulo. Mas isto se deve ao fato de que Abílio, neste tempo (1950), ainda não encarava o teatro como loja de secos e molhados. Já com "Santa Marta Fabril S.A.", ele prova o lema "quem tem competência se estabelece"; as rendas do espetáculo andaram pela casa dos nove milhões. "Rua São Luís 28", do jeito que vai em São Paulo, depois de explorada também aqui, poderá vir a igualar o recorde de "Casa de Chá do Luar de Agosto": Cr\$ 17.000.000,00.

Até o momento, Abílio arrecadou não menos de um milhão de cruzeiros dos espetáculos do TBC. Ele tem 10% sobre a renda bruta da bilheteria. Paga 16% sobre seus lucros à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), que cobra o dinheiro dos empresários. Assim, com "Rua São Luís 28", por exemplo, embolsa, diariamente, perto de Cr\$ 3.500,00; isto, excluindo "matinéas" e sessões especiais de sábado e domingo.

Mas não é só. Abílio escreve também para Sandro e Maria Della Costa e para Sérgio Cardoso. Aliás, não há empresário em atividade que não queira encená-lo, tal a reputação de Midas da dramaturgia que conquistou. "Moral em Concordata" encheu o Bela Vista de São Paulo de gente e o empresário Sandro de dinheiro; exibido em Lisboa, na temporada da companhia em Portugal, bateu recordes de bilheteria. "Comício", com Jayme Costa no protagonista, salvou o empresário ator Sérgio Cardoso de falência.

"Dama de Copas" é o próximo caça-níqueis de Zampari-Abílio. O texto foi refeito. Chamava-se "Pif-Paf" quando esteve no palco do Copacabana, em 1949, exibido por grupo de amadores do qual faziam parte o dramaturgo, na qualidade de diretor-intérprete, Nidia Licia (hoje, sra. Sérgio Cardoso, estrela de "Chá e Simpatia", de Roberto Anderson, em São Paulo) e Paulo Autran, que se iniciavam em teatro.

Abílio diz ter "atualizado" "Pif-Paf". Isto significa, provavelmente, que as personagens de "Dama de Copas" falam de "Biriba", "Pontinho" e "Taradinho", os jogos da moda, em 1957. Mais não evoluiu o escritor, em oito anos de atividade.

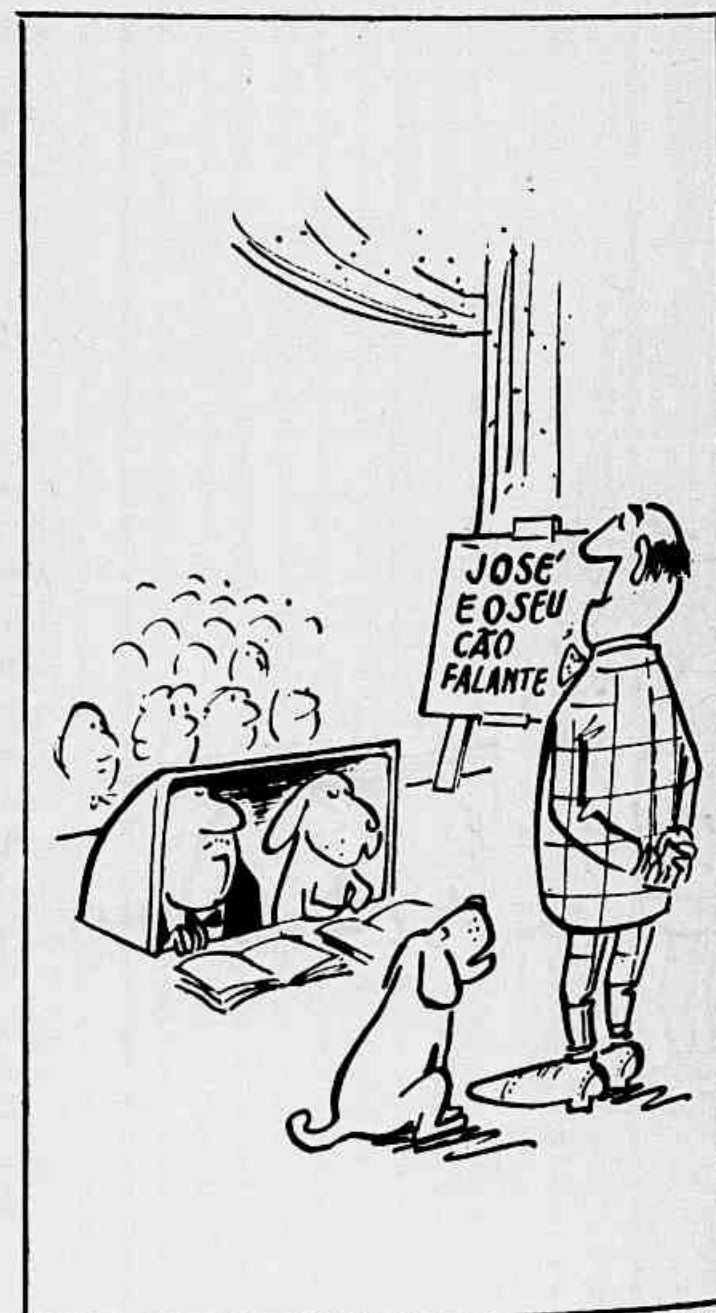
"BICOS" & BISCATES — O teatro não basta para Abílio. Ele é o mentor, em cinema, do palhaço de circo Mazaropi e diretor-argumentista-intérprete de filmes como "Terra é Sempre Terra" (extraído de "Paiol Velho"). Contribuiu, por certo, para os lucros e falência da Vera Cruz, que fechou as portas com o "deficit" de trezentos milhões de cruzeiros (a cifra é discutível, afirmam alguns observadores). Atualmente, dirige a produção da "Brasil Filmes" (a Vera Cruz com pseudônimo). Vem de terminar "Rebelião em Vila Rica", rodado em Ouro Preto, Minas, sob a direção dos irmãos Santos Pereira. Filme em "technicolor" e tela panorâmica, orçado em Cr\$ 6.000.000,00.

O HOMEM — DEFESA DA SUBLITERATURA — Abílio é grã-fino de São Paulo, com quatrocentos anos de "pedigree" certificado. O crítico que o conhece, pessoalmente, sempre se sente pouco a vontade em "malhá-lo", embora ele o mereça; o homem é simpático (não faz profissão disso, aparentemente), espirituoso e bem educado. Discorre sobre a má qualidade de sua obra sem demonstrar recalques. Justifica-se com o lema "Teatro é para o povo"; em outras palavras, acredita que o artista deve submeter-se à ignorância da massa, a seus preconceitos e insuficiências de gosto, sensibilidade e intelecto. No princípio do século, Oscar Wilde respondeu a Abílio e semelhantes: "o artista não deve rebaixar-se ao nível do povo, mas elevá-lo ao seu".

A OBRA — Abílio escreve comédias de costumes até o segundo ato (no máximo) de suas peças. São superficiais e exacerbadas a ponto de excluírem a possibilidade de identificação entre o público e o palco, senão como fuga da realidade. O autor diverte-se às custas das personagens e a platéia com ele. Seus grã-finos

obedecem à concepção popular dos grã-finos; idem as prostitutas, a juventude desregrada, etc. Abílio exerce a função de "totem" no teatro do Brasil. Glamoriza o "pensamento" da burguesia do Rio e São Paulo sobre a vida, em troca de dinheiro. Que o faz com habilidade, aí estão os milhões sempre arrecadados das bilheterias para prová-lo. E o dramaturgo, sãbiamente, fecha as peças com a moral das novelas de rádio. O motivo é simples: os espetáculos de devassidão e sordidez em geral, que ele cria no princípio das peças, saciam o apetite do povo desses assuntos, mas, por outro lado, despertam no mesmo sentimento de culpa, de pecado. Daí as pílulas de conforto moral dos desfechos. Abílio conhece perfeitamente o seu eleitorado.

ESTRÉIA — "Dama de Copas" está sendo ensaiado em S. Paulo. Cleide Iaconis ("Leonor de Mendonça", "Adorável Júlia", etc.), despedindo-se do TBC, juntamente com seu diretor, Ziembinski, estrela o espetáculo. Estes profissionais são garantia de qualidade; devem reescrever em cena o texto reescrito (inútilmente) de Abílio. A estréia de "Dama de Copas" acontecerá em dezembro, ou em princípios de janeiro de 1958, na Maison de France.



DAVID MILTON



Rudolf Ivanovitch Abel — coronel russo

Andrew Kavótis — cidadão norte americano

Emil Goldfus — pintor e fotógrafo

Martin Collins — que morava num hotel modesto

ERAM TODOS O MAIOR ESPIÃO SOVIÉTICO

O CORONEL RUDOLF Ivánovitch Abel, do Serviço Secreto Soviético, que sob o falso nome de Andrew Kávotis, se tornou o maior espião russo nos Estados Unidos, foi julgado pelo Tribunal Federal de Brooklyn e condenado a 30 anos de prisão.

O F.B.I. levou 18 meses para desvendar a história toda:

Em 1948, recebeu ordens para ir aos Estados Unidos. A operação se desenrolou em dois tempos:

1. Foi (da Rússia) à Dinamarca, com muitos dólares nos bolsos. Em Copenhague, um seu correspondente lhe remeteu um falso passaporte norte-americano. De Coronel Abel passou a se chamar Andrew Kávotis, cidadão dos Estados Unidos.

2. Foi a Montreal, permanecendo pouco tempo no Canadá. A 15 de novembro de 1948, atravessou, facilmente, a fronteira que separa o Canadá dos Estados Unidos. Seu pas-

saporte estava em ordem. Familiarizando-se com a vida norte-americana, o Coronel Abel estabeleceu muitos contatos, colocando seus agentes em atividade.

Mais tarde, o Coronel Abel ganhou nova identidade: tornou-se o pintor Emil Goldfus, e fotografava nas horas vagas. Como pintor, não tinha muitas qualidades. Especializou-se em ruas pobres, em miseráveis e em negros.

Seu traço a "crayon" é rápido e ligeiro. E seus vizinhos asseguram que ele é capaz de reproduzir, de memória, em seus mínimos detalhes, a figura de um homem (ou o esquema de uma usina).

Em outubro de 1952, o F.B.I. tomou conhecimento do Coronel Abel pela primeira vez. O coronel não cometeu nenhuma falta, não incorreu em qualquer erro. Este, partiu dos dirigentes do Serviço Secreto Soviético, que enviaram um adjunto para servir de agente ao Coronel Abel.

O Coronel Hayhanen (adjunto) chegou aos Estados Unidos no "Queen Mary" em outubro de 1952. Abel recebeu-o. Encontraram-se no Central Park, na parte ocupada pelo jardim zoológico.

Eram 17 horas e o parque fôra invadido pelas crianças. Os dois homens estabeleceram contato: Os russos ignoravam que Hayhanen fôra observado e que os serviços norte-americanos o seguiam discretamente depois de sua chegada aos Estados Unidos.

Hayhanen tinha instruções precisas sobre muitos especialistas em espionagem na Rússia e inúmeros pontos de contato com autoridades em problemas militares e atômicos.

As questões eram redigidas em código e não passavam de 47. O Kremlin desejava de Abel um fornecimento preciso sobre mapas, fotos, documentos, planos sobre as instalações militares e atômicas dos Estados Unidos, os laboratórios de pesquisas. Os russos, sem estipular preço, queriam tôdas as respostas com brevidade.

Prontamente o Coronel Abel iniciou suas atividades para atender às exigências de seu país. Mas o que ele ignorava é que o homem que o iria prender era justamente aquele que fôra enviado pela Rússia para ser ajudante.

Pergunta-se como a Rússia designara Hayhanen para uma missão de confiança. Subsiste, em tudo, uma parcela de mistério. Sabe-se, com efeito, que Hayhanen recebeu, um dia, a visita de dois senhores muito distintos e persuasivos que lhe ofereceram — como mais tarde, mais vagamente, também a Abel — trabalho para Washington. Ignora-se ainda a data exata desse encontro, que se conheceu por causa de uma rápida revelação de Hayhanen. Disse que foi na Alemanha mesmo, em dias anteriores ao seu embarque no "Queen Mary", que Hayhanen mudou de lado. Assim, o homem com quem Abel travara conhecimento no Central Park não era mais do que um traidor (ou contra-espião, dependendo do ponto de vista).

O mais espantoso da história, é que os norte-americanos esperaram pacientemente cinco anos, antes de agir. É verdade que eles não tinham absoluta certeza sobre a existência e a importância de Abel, a não ser no começo de 1956.

Nos primeiros dias de 1956, um agente do F.B.I. munira-se de um grande "dossier" de Abel graças a muitas informações e contatos estabelecidos pelo adjunto do coronel. Comparou as notas de Hayhanen com as indicações de "gente da casa" e constatou determinadas coincidências.

No domingo seguinte, às 14 horas, a 5 graus abaixo de zero, um pequeno barco que serve aos turistas em volta de Manhattan, levava a bordo alguns provincianos encapotados e, entre eles, dois homens a quem a paisagem não embevecia: Hayhanen e o agente do F.B.I., decidido a prender Abel.

— Fale-me sobre a organização Abel, pediu o agente do F.B.I.

Com voz monótona e resignada, Hayhanen principiou a falar. Abel era o centro do sistema de espionagem russa nos Estados Unidos. Segundo a terminologia soviética, dava-se-lhe o nome de diretor-residente. Sob suas ordens tinha dois diretores-adjuntos, um no lado Este dos Estados Unidos, outro no Oeste. Tinha à sua disposição um número impressionante de agentes de ligação que não se conheciam a não ser por intermédio dos adjuntos. Hayhanen enumerou onze de memória.

Durante mais de uma hora, Hayhanen explicou tudo detalhadamente ao agente do F.B.I. que lhe fizera mais de 20 perguntas. Ao término do cruzamento do Hudson, o agente do F.B.I., mesmo que não fôsse o único espião russo nos Estados Unidos, como mencionara seu adjunto, era um dos principais membros da espionagem russa na América.

Começou, então, a busca. Durante 18 meses, Abel não fazia nada (ler jornal, tomar copo de leite, entrar no "subway" ou pegar um táxi) sem que a polícia o vigiasse. Era um homem habilidoso que continuou a agir tranquilamente, como se não suspeitasse de nada, apenas preocupado com sua pintura e sua fotografia.

Martin Collins deixou, certa manhã, o "Benjamin Franklin", modesto hotel da Rua 77, cerca de 8,30 horas. Entrou

em um "metrô" para ir à Brooklyn. Abandonou o nome de Collins pelo de Emil Goldfus. Em Fulton Street, a menos de 50 metros do Tribunal Federal, onde mais tarde seria julgado, instalou-se em um "drug-store" para saborear um pequeno almôço norte-americano. As 9,15 minutos, foi ao número 252 de Fulton Street, um prédio de artistas onde ninguém se preocupa com a existência do próximo. Em um estúdio no quinto andar, alugado por 35 dólares por mês, passava o tempo praticamente despercebido.

Que se passava realmente no atelier de Fulton Street? Abel não recebia ninguém a não ser seu adjunto que fazia, por ele, a coleta de informações e documentos. No meio de um quadro feito com tubos de pintura, de terebentina, de toa-lhas penduradas nas paredes, em uma desordem indescritível e muito boêmia, o Coronel Abel fazia um trabalho de administrador. As grandes lâmpadas azuis de um "abat-jour" metálico, que pendia um pouco caído, serviam (muito raramente) para clarear um modelo ou uma natureza morta. As lâmpadas eram utilizadas entretanto diariamente, para reproduzir sobre microfilmes documentos que Abel enviava a Moscou.

Um laboratório-miniatura fôra instalado para que Abel trabalhasse com seus filmes. Tinha também dois aparelhos de rádio: um comum, de cabeceira, e outro para captar as mensagens em código, vindas de Moscou, e, mais frequentemente, de estações clandestinas instaladas nos Estados Unidos. Sobre uma mesa de trabalho, caixas de clips e de crayons. Dentro, segredos militares da mais alta importância. Foi assim que o plano de um cruzador atômico norte-americano foi expedido, sob forma de microfilme, dentro de um crayon.

Abel era um organizador nato, ao mesmo tempo que um hábil estrategista. Tinha o dom de comandar e de se fazer obedecer. Era minucioso como um relógio e preciso como um pêndulo. Seu trabalho de "bureau" durava de 9,15 às 18,30 horas, nem um minuto a mais, nem um minuto a menos. Após seis horas e meia, ao pôr do Sol, virava novamente Martin Collins, em busca de seus encontros misteriosos, abandonando sua função de "diretor-residente" pela (infinitamente mais clássica) de espião "entre as paredes".

Veio a saber, certo dia, por um de seus agentes, numa pequena gare de Newark, que o F.B.I. de há muito o estava buscando.

Abel e seus agentes previam o instante da prisão. O informador do coronel avisara-o de que deveria entrar logo em ação. Em virtude das instruções, o Coronel Abel começou, imediatamente, a executar a operação "Última Chance".

Abel partiu para a Flórida. Chegando a Dayton Beach procurou uma pensão familiar e entrou em contato com espões da "Série Negra". Abel instruiu seus espões para que se dispersassem. O F.B.I. soube que ele iria cruzar a fronteira mexicana para escapar. "É um risco a correr", respondeu Washington. "Mas, vamos atrás dele".

Mas, o Coronel Abel não desejava fugir, queria apenas despistar. E decidiu partir. Deixou Daytona Beach e rumou à Nova York, tranquilamente, enquanto os policiais seguiam para a fronteira mexicana.

Em Nova York, instalou-se no hotel "Latham", um pouco mais importante do que os anteriores. Mas, não trocou de nome. Continuou como Martin Collins. Foi o seu erro. Assim, se a Polícia tivesse realmente perdido sua pista, não tardaria a reencontrá-la — como aconteceu.

Depois do encontro em Newark, Abel nunca mais teve contato com seus agentes. A 15 de junho ele conseguiu, por intermédio de uma agência, um bilhete para a próxima viagem do "Queen Mary" à Europa. Seu lugar estava reservado no nome de Martin Collins.

A prisão do Coronel Abel revelou uma rede de espionagem russa formada por trinta e dois nomes. A confissão de dois deles, o casal Jack e Myrna Soble, será contada com exclusividade no Brasil pela REVISTA DA SEMANA, a partir do próximo número.

Abel e seus agentes foram acusados pelo governo dos Estados Unidos de terem levado para a Rússia segredos atômicos e dos satélites artificiais.



MANGANO E PERKINS LANÇAM UMA NOVA DANÇA

COMO DANÇAR O "CRAWL", EM 9 LIÇÕES



PASSO N.º 1

É um passo espetacular. Os dançarinos começam numa posição semelhante à da valsa. Súbitamente, ambos levantavam a perna direita, depois a perna esquerda, no mesmo ritmo, até formarem um ângulo de 45 graus com a perna que os sustenta.

PASSO N.º 2

Os parceiros levantam a perna esquerda, depois a direita, até dobrar o joelho em 45 graus. A moça segura a mão direita do rapaz, que a segura pela cintura. O braço esticado do rapaz assinala a distância a ser mantida entre os dois. O movimento se repete durante dez batidas — pé esquerdo, pé direito, etc. — até o Passo n.º 3.

PASSO N.º 3

"Juntinho de mim, juntinho de mim". Vemos aqui a influência da macumba no "crawl". Os parceiros dançam ombro-contra-ombro, até que os pescoços se toquem. E começam uma espécie de andar esvoaçante, durante o qual, a cada movimento, o joelho sobe à altura da anca do parceiro, sem contato. Com um pulo, voltam à posição n.º 2 antes de começar o Passo n.º 4.

PASSO N.º 4

Lado a lado. A moça à direita, o rapaz à esquerda. Graciosamente, levantam a perna esquerda, e levam os braços à frente, com as mãos juntas. Avançam nessa posição, até que o rapaz volta o rosto para a moça e diz "Crawl!". E a dança recomeça com outro passo.

PASSO N.º 5

Lembra um passo elegante do "be-bop": o "bell's". Os dançarinos se inclinam para a frente, com as mãos juntas para baixo e agitam as ancas como sinos. Esta fase dura quatro ou cinco batidas, com os pés quase parados.

PASSO N.º 6

Parecido ao n.º 3. O efeito "juntinho-de-mim" é obtido pelo encontro dos ombros direitos, enquanto as pernas ficam inclinadas como no passo de "sino". Os dançarinos podem ajoelhar no fim; mas é variação difícil, mais aconselhável aos profissionais.

PASSO N.º 7

Parceiros lado a lado. Ele, à direita, segura a mão dela. O rapaz começa avançando a perna direita, a moça o imita com a esquerda. Ambos ligeiramente inclinados para a frente. Ele se volta, levanta a mão dela, fá-la girar. Agora frente a frente, sempre de mãos dadas, ele levanta a perna direita, ela a esquerda e ambos dizem: "Crawl!".

PASSO N.º 8

Após algumas batidas, dão-se as costas e inclinam-se para a frente, marcando o tempo com as mãos. Esse movimento lembra o "sino" do Passo n.º 5, mas eles não gingham. Dão alguns passos para a frente, para trás, e voltam à posição anterior.

PASSO N.º 9

Assumem a posição normal de dança: mãos dadas, o rapaz com um braço na cintura da companheira. Ambos dobram os joelhos, pulam, e, repetindo alguns passos anteriores, olham-se e dizem: "Crawl!". Esta fase pode ser repetida várias vezes antes do final da dança.

O filme, "Terra Cruel", com Silvana Mangano, Anthony Perkins, Jo Van Fleet, Richard Conte, Alida Valli e Yvonne Sanson, é uma super-produção italo-americana parcialmente filmada na Tailândia. Ficou pronto agora e só daqui a um ano, aproximadamente, será lançado no Brasil pela Columbia Pictures. Mas o "crawl" de Mangano e Perkins foi registrado por Kremos em ilustrações que a REVISTA DA SEMANA apresenta em primeira mão no Brasil, desvendando os segredos essenciais da nova dança.



(Continuação)

Compreendi então, abruptamente, que ele não estava seguro, que estava flutuando lá em cima — tal e qual um balão cheio de gás. Começou a debater-se para se afastar do teto e subir pela parede bem abaixo de mim.

— Foi aquela receita — arquejou — a sua bisavó...

— Enquanto falava agarrou-se descuidadamente a uma gravura emoldurada, que cedeu; e ele voltou a voar para o teto, enquanto o quadro se despedaçava no sofá. Bateu no teto: pumba! — e compreendi então porque é que ele estava todo sujo de branco nas curvas e ângulos mais salientes da sua pessoa. Fêz nova tentativa e desceu pela chaminé do fogão da sala.

Era na verdade um espetáculo muito extraordinário, aquele homem enorme, gordo, apoplético, de cabeça para baixo e a tentar descer do teto para o chão.

— Foi aquela receita — disse ele. Resultado excessivo.

— Como?

— Perda de peso... quase completa. Nessa altura, é claro, compreendi.

— Por Deus, Pyecraft, o que você queria era uma cura para a gordura! Mas sempre lhe chamou peso. Está claro que lhe havia de chamar peso.

Não sei porque, fiquei encantado. Cheguei a simpatizar com Pyecraft durante momentos. "Deixe-me ajudá-lo! — disse eu, e agarrei-lhe a mão, puxando-o para baixo. Esperneou, tentando firmar-se em qualquer lugar. Aquilo era muito parecido com o agarrar uma bandeira num dia de vento forte.

— Aquela mesa — disse ele, apontando-a — é de mogno massivo e muito pesada; se me puder meter debaixo dela...

Meti-o debaixo da mesa e ele ficou a balançar como um balão cativo enquanto eu, no tapete da lareira lhe falava.

Acendi um charuto e disse-lhe: "Conte-me o que aconteceu".

— Tomei aquilo.

— Que tal o gosto?

— Oh, repugnante!

Era de esperar que todas aquelas receitas assim fossem. Quer consideremos os ingredientes, quer o provável composto, quer os resultados possíveis, quase todos os remédios da minha bisavó me parecem extraordinariamente pouco convidativos.

— Primeiro bebi só um golinho.

— Sim?

— E como ao cabo de uma hora comecei a sentir-me melhor e mais leve, resolvi beber a coisa toda.

— Meu caro Pyecraft!

— Tapei o nariz — explicou ele — e depois comecei a ficar cada vez mais leve... e desesperado, como bem pode calcular.

De repente teve uma explosão de cólera. "Que diabo vou fazer?"

— Há uma coisa que não deve fazer — disse eu. Se você sair de casa, começa a subir ao ar.

Agitei um braço em direção ao céu:

— Será preciso mandar o Santos Dumont atrás de você para trazer-lhe aqui em baixo.

— E isso não irá perdendo o efeito?

Sacudi a cabeça. "Não creio que possa contar com isso".

Outra explosão de cólera. Deu pontapés nas cadeiras adjacentes e bateu no chão. Portou-se precisamente da maneira que eu esperaria num homem enorme, gordo, presunçoso, em circunstâncias difíceis — isto é, portou-se da pior maneira possível. Referiu-se a mim e à minha bisavó com uma total falta de delicadeza.

— Eu nunca lhe pedi para tomar aquilo — disse-lhe em resposta.

E desprezando generosamente os insultos com que ele me cobria, sentei-me na sua poltrona e comecei a falar-lhe num tom calmo e amigo.

Fiz-lhe notar que fôra ele próprio que se colocara naquela difícil situação, e que esse fato tinha quase o ar de uma injustiça poética. Comera demais. Ele discordou desta afirmativa, e durante um bocado discutimos este ponto.

Começou a tornar-se rude e barulhento, e eu desisti deste aspeto da preleção. E além disso — continuei — você cometeu o pecado do eufemismo. Não quis empregar a palavra Gordura, que é justa e ingloria, mas Pêso. Você... Interrompeu-me para dizer que reconhecia tudo isso. Que havia de fazer agora?

Sugeri-lhe que se adaptasse às suas novas condições. Chegamos assim à parte realmente sensata daquele negócio. Lembrei-lhe que talvez não lhe fôsse difícil aprender a andar de um lado para outro no teto, com as mãos...

— Não posso dormir — retrucou ele.

Mas isso não era muito difícil. Era absolutamente possível (lembrei eu) pôr um colchão de arame de pernas para o ar, amarrar os colchões com fitas, e arranjar um lençol, cobertor e colcha que se abotoassem ao lado. Seria preciso confiar na governanta, disse eu; e depois de recalcitrar um bocado, ele concordou. (Mais tarde foi absolutamente encantador ver a deliciosa naturalidade com que a boa senhora aceitou todas estas espantosas inversões). Podia trazer-se uma escada da biblioteca para o quarto, e servir todas as refeições sobre o tampo de um armário. Descobrimos também um processo engenhoso que lhe permitia alcançar o chão sempre que lhe apetecesse: colocamos a Enciclopédia Britânica (décima edição) sobre a estante. Bastava-lhe pegar um ou outro volume, e lá vinha ele por aí abaixo. Concordamos em pôr arames de ferro no tapete, para ele se enrolar sempre que quisesse andar pelo quarto ao nível do chão.

A medida que aperfeiçoávamos a coisa, descobri que estava muito interessado. Fui eu que chamei a governanta e lhe dei a notícia, e também eu quem teve o principal trabalho: arranjar a cama invertida.

A verdade é que passei dois dias inteiros em casa dêle. Com uma chave de parafusos na mão, sou um homem de-

sembaraçado e inventivo e imaginei toda a espécie de engenhosas adaptações — estendi fios para pôr as campainhas ao seu alcance, tirei-lhe as lâmpadas elétricas para cima em vez de para baixo, e por aí afora.

Todo aquele negócio era para mim extremamente curioso e interessante, e era delicioso pensar em Pyecraft, como uma enorme e gorda mosca varejeira, a andar de um lado para outro pelo teto transpondo as bandeiras das portas de uns quartos para outros — e nunca, nunca, nunca mais voltar ao clube...

Foi nesta altura dos acontecimentos que a minha maldita imaginação me fez pagar caro. Estava sentado perto da lareira de Pyecraft, bebendo seu uísque, e ele no seu canto favorito da cornija pregando um tapete persa ao teto, quando me veio a idéia: "Por Deus, Pyecraft" — gritei — "tudo isto é absolutamente desnecessário".

E antes de poder calcular as consequências da minha invenção, despejei-a para fora. "Roupa de baixo de chumbo!"

E o mal estava feito. Pyecraft recebeu aquilo quase chorando: "Poder andar outra vez virado para cima..."

Confiei-lhe o segredo todo antes de ver onde me podia levar. "Compre uma folha de chumbo e mande-a cunhar em rodelas. Cosa-as por toda a sua roupa de baixo até bastar. Arranje botas de sola de chumbo, ande com uma mala de chumbo massivo, e pronto!"

Em vez de ficar aqui prisioneiro, pode tornar a sair, Pyecraft; pode viajar...

Apareceu-me uma idéia ainda mais feliz. "Nem preciso ter medo dos naufrágios. Bastar-lhe-á despir algumas roupas, pegar apenas a bagagem necessária e flutuar no espaço..."

Na sua emoção deixou cair o martelo a um palmo da minha mão. "Por Deus — disse ele, "poderei voltar a ir a um clube!"

Foi um balde de água fria. "Por Deus! — gemi — é verdade, pode voltar".

Assim fez. Assim faz. Lá está ele agora sentado atrás de mim, a devorar — pela minha saúde! — uma terceira dose de bôlo amanteigado. E não há ninguém no mundo inteiro — exceto eu e a governanta — que saiba que ele não pesa praticamente nada; que é uma simples massa importuna de matéria assimiladora, simples nuvem vestida, niente, nefas, o menos considerável dos homens. Lá está ele sentado à espera de que eu acabe de escrever. Depois deverá cair sobre mim. Virá balançando em minha direção...

Tornará a contar-me tudo a seu respeito, como se sente, como não se sente, como por vezes tem esperanças que aquilo esteja passando um bocado. E arranja sempre a maneira de, no meio do discurso gordo e pegajento, lamuriar: "O segredo está bem guardado, eh! Se alguém viesse a saber eu teria tanta vergonha... E' tão ridículo andar rastejando pelo teto e tudo aquilo..."

E agora vamos tentar escapar de Pyecraft, que ocupa uma admirável posição estratégica entre a minha mesa e a porta.

- 1 — No reino de Brasília
- 2 — Automóvel e tudo
- 3 — Convocação do Congresso
- 4 — Subsídio Suplementar
- 5 — O futuro a Deus pertence

O MINISTRO DA JUSTIÇA, sr. Nereu Ramos, que já exerceu, no passado, a vice-presidência da República, o governo de Santa Catarina e a presidência da Câmara, demitiu-se porque teve conhecimento de um compromisso secreto do presidente da República com o Partido Comunista para fazê-lo voltar à legalidade. O fato foi divulgado, aqui e no estrangeiro ("Revista da Semana", Nov. 23, e "Time", Nov.) e não houve consequências, nem explicações.

O segundo partido político do país, a UDN, recomendou às suas bancadas federais a votação da emenda parlamentarista, que substitui o regime presidencial pelo regime de gabinete, após 68 anos de má prática presidencialista. Rendeu uma entrevista do sr. Raul Pila, chefe parlamentarista, e nada mais, até agora.

O líder do PTB, sr. Batista Ramos, para custear o plano de benefícios e a criação de novos e polpudos lugares na administração das autarquias da previdência social que propôs à Câmara, cria numerosas tavas, vários selos, majora o imposto de renda, transfere renda da Petrobrás, rendas de heranças jacentes, etc. Duas Comissões da Câmara, Serviço Público e Finanças, aprovam o projeto no escuro, sem, ao menos, pensar nas inevitáveis e graves repercussões dessas alterações no aumento do custo de vida.

O presidente da República ordena a senadores que mantenham o rádio inacessível à Oposição, através da censura e punição administrativa às emissoras. As estações de rádio manifestam solidariedade ao presidente da Comissão Técnica de Rádio, demissionário, porque sentiu ameaçada essa conquista ditatorial.

Há algo de errado neste reino de Brasília.

O MINISTRO DA MARINHA conseguiu um decreto curioso: todo ex-ministro da Marinha, mesmo na reserva, participa de um "Conselho do Almirantado". Vantagens iniciais: automóvel, chofer, gasolina.

Já entraram no Conselho os ex-ministros Amorim do Vale e Guilhobel. Vai entrar brevemente, de automóvel e tudo, o próprio ministro Alves Câmara.

Se a moda pega, precisaremos de muitos automóveis para

os ex-ministros da Guerra e da Aeronáutica, vivos e na reserva, em número superior a 12.

ESTÁ DECIDIDA a convocação do Congresso. A maioria quer votar projetos de interesse do governo, que foram encostados e projetos de interesse de muitos dos seus membros

3 — prorrogação dos mandatos, com jetons corridos, etc. E' um erro. A convocação é desnecessária. Todo ano ela se faz com uma larga agenda de projetos, que não se cumpre porque os próprios deputados convocadores vão para seus Estados ou para estações de repouso.

NA ÚLTIMA SESSÃO legislativa tentou o Senado obter uma reivindicação muito discutível: pagamento de subsídios aos congressistas a partir da diplomação e não da posse. A Câmara recusou.

4 Agora, em projeto que abre crédito para pagamento, à Fundação Getúlio Vargas, de serviços parlamentares, o Senado acrescentou emenda para custear, em subsídios, aquele período que medeia da diplomação à posse dos parlamentares.

E' de esperar que a Câmara novamente recuse a emenda, coerente com sua posição anterior com a boa interpretação constitucional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA anunciou, pela manhã, que vetara o projeto que concedia aposentadoria integral aos bancários aos 55 anos de idade e 30 anos de serviço.

A tarde, 7 horas depois, comunicou aos próprios bancários através do chefe da Casa Militar, que sancionara o projeto.

Vetou, sim, um parágrafo: exatamente aquele que dava parte dos recursos necessários ao pagamento do benefício concedido.

5 Conclusões: primeira: o governo não tem política social. Pensa uma coisa de manhã e outra à tarde, num assunto de grave repercussão na vida econômica das instituições de previdência. Segunda: o governo atendeu aos bancários (aposentadoria) aos banqueiros (veto à taxa) e vai pagar o benefício por conta das reservas do IAPB, deixando as consequências desse desfalque aos seus sucessores.

FAÇA-SE O SACRIFÍCIO

ACOMPANHAMOS COM SIMPATIA alguns dos múltiplos esforços do Prefeito Negrão de Lima na defesa da mensagem 53, que visava a obter recursos para a execução de um plano de obras essenciais à Cidade. Quando já nos habituamos à prática ditatorial adotada pelo Governo Federal, na Câmara e no Senado, impondo, através de sua maioria dócil, as medidas mais discutidas e combatidas — aumento do imposto de consumo e de lubrificantes, escravização do rádio, emissão de 30 bilhões de letras do Tesouro, para citar as mais recentes, — não podemos deixar de reconhecer que o Prefeito escolheu melhores processos, indo ao povo (pela televisão, pela imprensa, pelo rádio, pela discussão direta com os interessados) antes de chegar às negociações com os vereadores.

MAS, não apenas isto falava a seu favor. A situação da cidade ajudava o Sr. Negrão de Lima. Já não é possível retardar a execução de várias obras projetadas visando a solucionar problemas como os do tráfego e do abastecimento d'água — para ficarmos nestes dois.

ORA, VIR AO POVO, que sofre sede, que sofre nas filas, que traz no corpo e na alma o cansaço de muitos anos, pelos atropelos das idas-e-vindas do trabalho diário, pelas dificuldades de uma alimentação regular, e prometer-lhe, mesmo à custa de um aumento de impostos, um plano objetivo de obras essenciais e indispensáveis à solução de tais problemas, é conquistar, desde logo, um crédito apreciável de simpatia e boa vontade.

TINHA O SR. Negrão de Lima algumas dificuldades a vencer. De tal maneira está desmoralizada a administração brasileira, tão pouco o povo crê na palavra dos homens públicos, vê-se tão freqüentemente o dinheiro destinado a certas obras e serviços ser desviado nos negócios escusos ou para as concessões do empreguismo, que é justo temer a repetição de tais fatos toda vez que o Governo, com promessas de serviços, cria ou majora impostos.

O Governo Federal criou, há alguns anos, adicional do imposto de renda com destinação especial a um programa de obras. Essas obras não obedeceram a nenhum programa, realizaram-se algumas por conta dos recursos ordinários, e outros não se fizeram. A cobrança foi feita, e, por fim, incorporada ao imposto comum. Criou-se o Fundo Naval para o Ministro Guilhobel realizar aqueles aterros da Avenida Brasil, gastar milhões com empresas esquisitas, e, afinal, entregá-los à Cruzada São Sebastião, o que talvez venha a ser o único bom resultado dos erros cometidos. Criou-se o Fundo de Energia Elétrica, retardando-se a regulamentação durante muitos meses para, à custa da espera dos Estados e Municípios, diminuir a velocidade na máquina de emissões do Ministério da Fazenda, usando-se indevidamente o fundo especial. Os recursos do Fundo Rodoviário são aplicados, em sua maior parte, sem o menor critério, e já se contam fortunas feitas por intermediários, advogados administrativos, administradores, fornecedores, etc., enquanto a construção das estradas vai passando de programa a programa, de governo a governo.

É INEGLAVEL, também, que a economia brasileira está sendo crescentemente sobrecarregada com a multiplicidade de impostos, taxas, selos, uma série de expedientes pelos quais se toma dinheiro do povo, com pequenas retribuições ao seu

bem estar. E que a grande massa de funcionários que superlota as repartições tem, cada dia, novas e, mesmo, em certos casos, legítimas reivindicações, porque a suicida política econômica do país aumenta sem cessar os níveis do custo de vida.

AGARRARAM-SE a Oposição, o Comércio e a Indústria ao argumento de que, em vez de aumentar impostos, devia o Prefeito melhorar a arrecadação. Seria o ideal, e nunca recusaríamos aplauso a esse esforço de eficiência — e sobretudo de moralização, pois, no caso, a evasão de rendas é muito mais devida à corrupção funcional do que à sua inépcia.

Mas, sejamos francos: é possível melhorar a arrecadação em condições de volume e tempo que permitam a realização do programa de obras? Uns acreditam de boa-fé que o seja — a estes respeitamos. Outros, sabem que a solução não leva a consequências práticas, pelo menos no prazo em que é de desejar sejam executados os prometidos serviços. Vez por outra surge também a sugestão: diminuir o funcionalismo da Prefeitura. Sugestão certa, em princípio, mas teórica no que toca à sua execução. Os funcionários que podem ser demitidos são exatamente os que se tornam imprescindíveis aos serviços diários. Os outros, os que pouco trabalham ou recebem vencimentos sem trabalhar, esses são protegidos por uma série de leis de estabilidade, pois, desde o primeiro governo Vargas, a Prefeitura do Distrito Federal ficou com o encargo de atender aos candidatos a empregos que não queriam ou não podiam vencer as barreiras dos concursos do DASP, na esfera federal.

INDUSTRIAIS também sugeriram um empréstimo da Prefeitura, no país ou no exterior. Perguntamos: É possível? Parece que o Prefeito o tentou junto ao Governo Federal. Mas, o Sr. Kubitschek preferiu gastar dinheiro em Brasília, deixando a população do Rio entregue à sua má sorte. Há banco nacional em condições de fazer essa operação? Bancos estrangeiros emprestariam dinheiro a uma Prefeitura deficitária como a nossa, se o próprio Governo do Brasil se recusa a fazê-lo? E pagar, como? Com um aumento de impostos no futuro?

COM TANTOS elementos de argumentação a seu favor, é pena que o Sr. Negrão de Lima tenha cedido a indecorosas reivindicações e pressões de alguns vereadores para atingir aos seus objetivos.

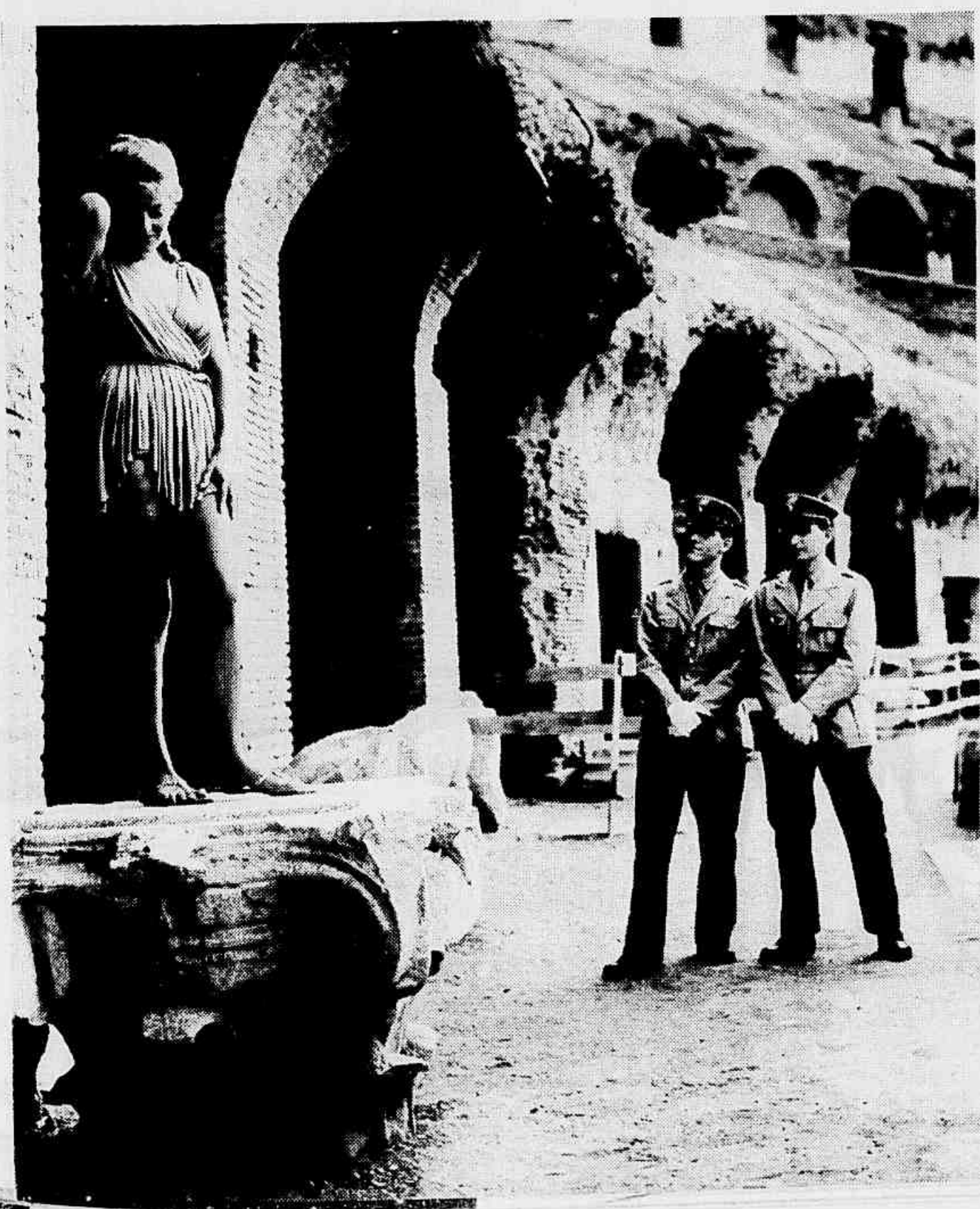
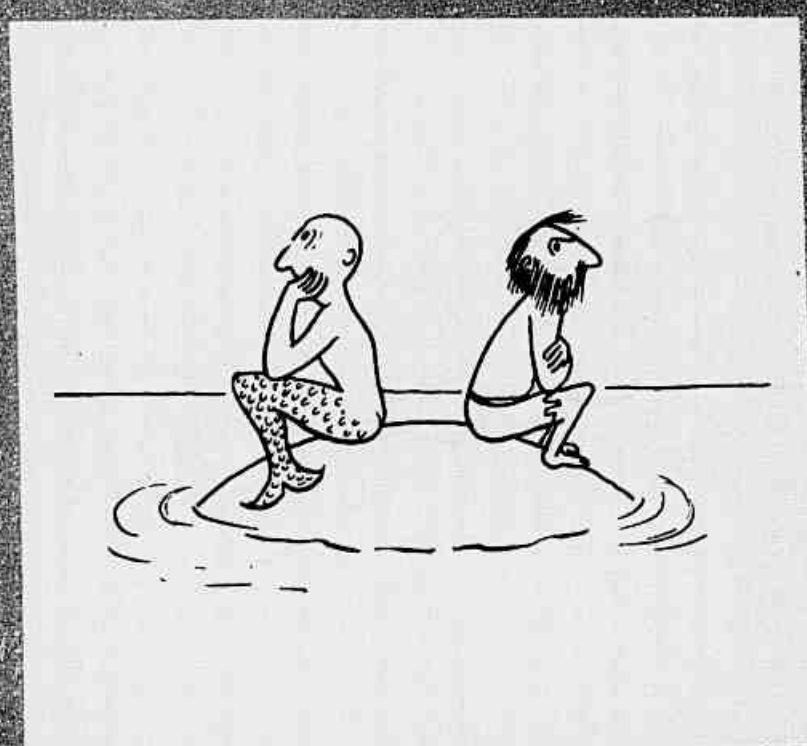
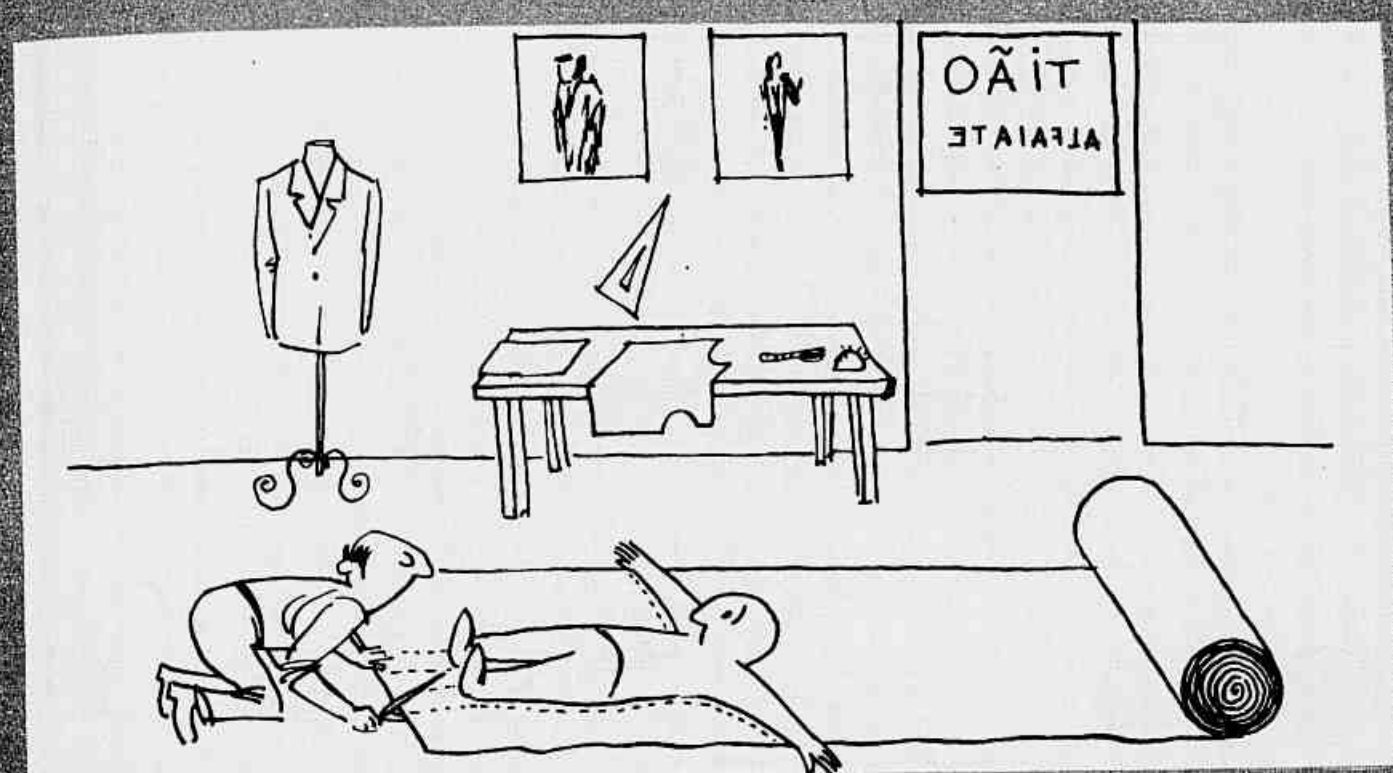
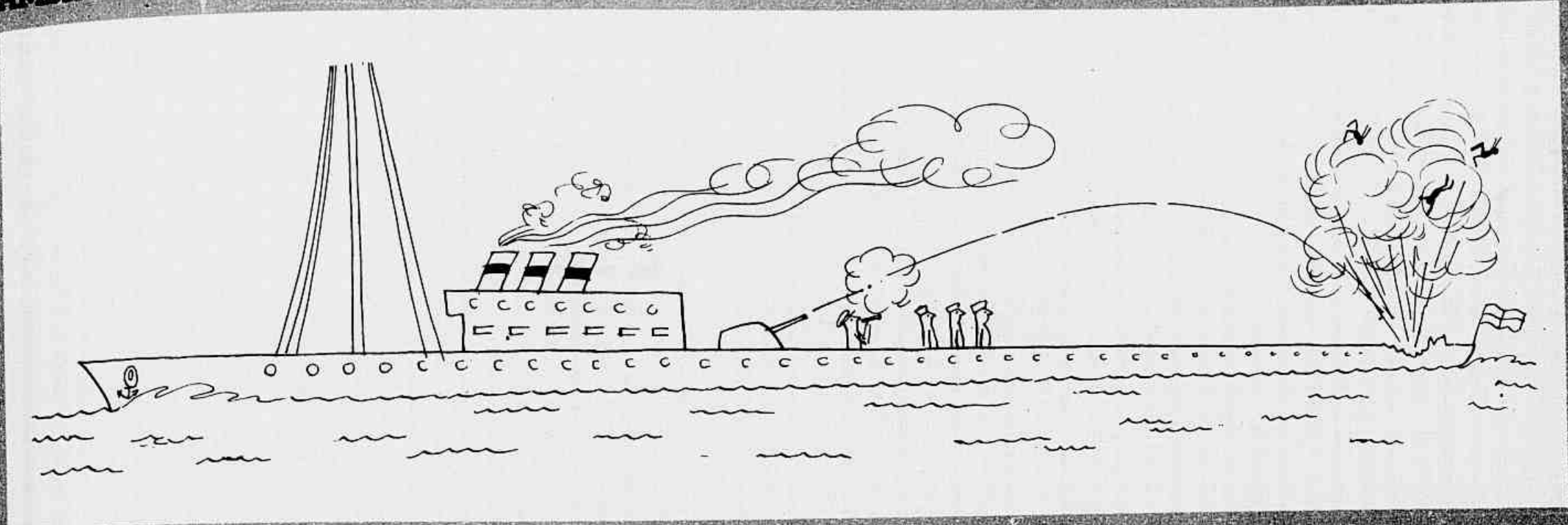
O Substitutivo aprovado, numa noite melancólica, entre as muitas que ensombram a história da Câmara Municipal, comprometeu a causa do Prefeito, com absurdos que o Sr. Negrão de Lima, para salvar-se no julgamento da opinião pública, deveria ter vetado totalmente.

A solução encontrada para não aumentar os impostos, como era pedido, foi a da criação e revalidação de outros, emenda pior do que o soneto.

Mas, afinal, tem o Prefeito os recursos e o mecanismo para o seu Plano de Obras. Ponha mãos à obra: não desvie para outros fins um centavo desse fundo especial, aproveite na execução funcionários disponíveis da Prefeitura, entregue a direção dos serviços a administrador de crédito público e reconhecida honradez, e o sacrifício dos contribuintes ainda poderá tornar-se mais suportável do que a penosa expiação de um povo que se consome, todos os dias, nesta cidade maltratada e cruel.

ALUIZIO ALVES

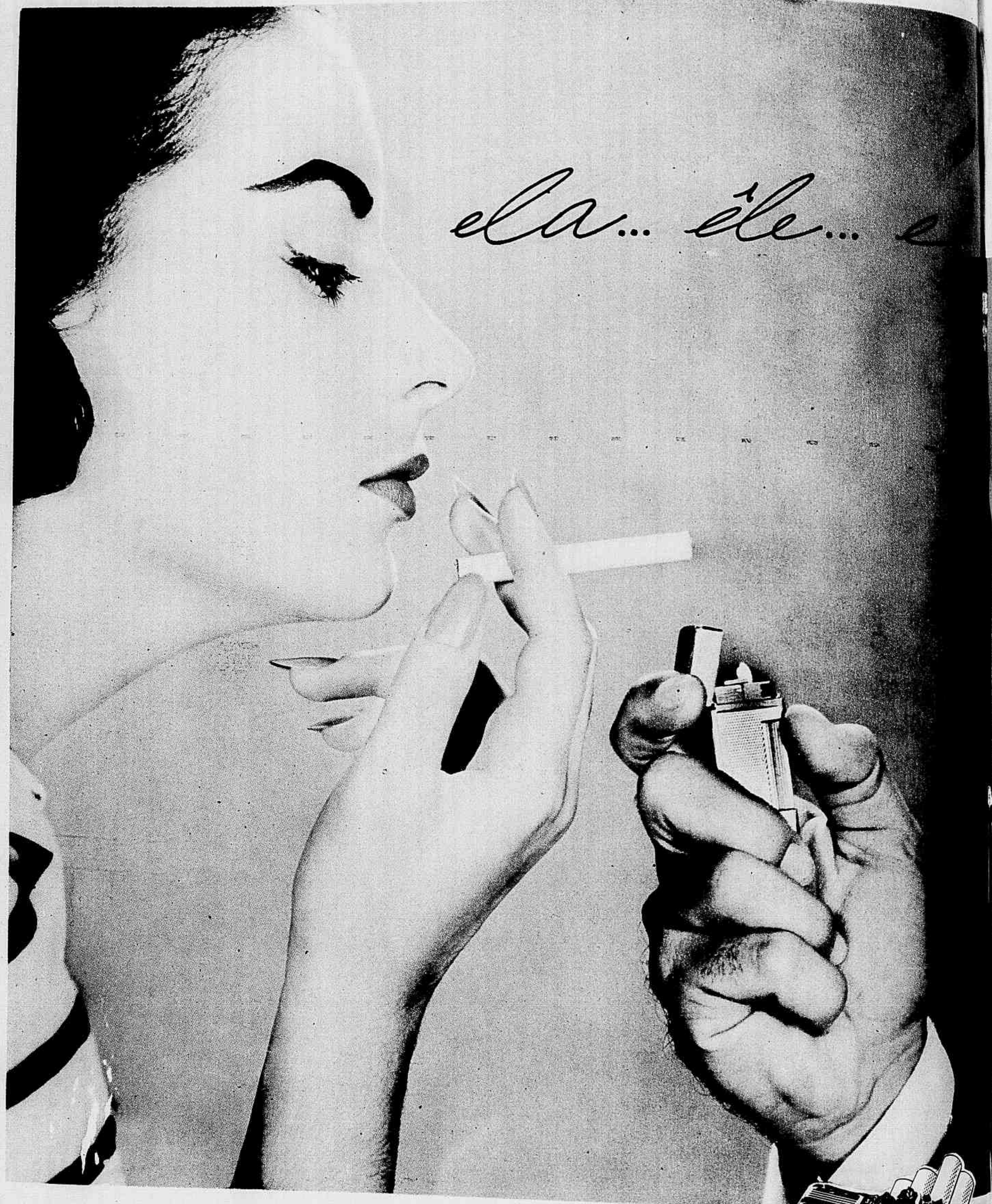
AMBROSIO



REVISTA DA
Semana

NO PRÓXIMO
NÚMERO

A VÊNUS
DO
MILHO



ela... ele...

cigarros

hollywood

uma tradição de bom-gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ



M-66398